

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

Pedro Mantovani

*O Complexo Fatzer* de Brecht  
(Tradução, introdução e notas)  
(versão corrigida)

São Paulo  
2011

Pedro Mantovani

*O Complexo Fatzer de Brecht*  
(Tradução, introdução e notas)

Dissertação apresentada ao  
programa de Pós-Graduação em  
Filosofia do Departamento de  
Filosofia da Faculdade de Filosofia,  
Letras e Ciências Humanas da  
Universidade de São Paulo, para  
obtenção do título de Mestre em  
Filosofia sob a orientação do Prof.  
Dr. Paulo Eduardo Arantes  
(versão corrigida)

São Paulo  
2011

*Para Renato e Sallete  
Para Laura*

## Agradecimentos

A Cia do Latão, que despertou meu interesse por Brecht e por juntar filosofia e teatro nos idos de 1999. Ao Teatro de Narradores, fundamental para minha formação e para delinear as questões que persigo até hoje, tanto na prática teatral quanto na teoria. Em especial para o José Fernando Peixoto de Azevedo, tanto por compartilhar generosamente sua leitura de Brecht, a quem muito devo, quanto por me apresentar ao Fatzler. A sociedade Baderna de teatro, ao Tablado de Arruar e ao Folias D'arte, onde pude dar os primeiros passos como diretor e dramaturgo na tentativa de juntar teoria e prática teatral e que contribuíram muito para definir as escolhas desta modesta dissertação. Em especial à Anahí Rubín, Clayton Mariano, Daniele Ricieri, Dagoberto Feliz, Heitor Goldfluss, Lílíana Junqueira, Lívia Guerra, Martha Kiss Perrone, Melany Kern, Rodolfo Amorim, Patrícia Gifford, Rodolfo Valente e Vinícius Meloni, pela disponibilidade nos ensaios e por aturar os meus tropeços.

A Maria do Carmo Clemente, professora de alemão. A Senia Hasicevic, Katja Roloff, Katja Selmikeit e Isabel von Holt pelas sugestões. Ao professor e tradutor Tércio Redondo, por aceitar participar da banca de qualificação deste mestrado.

Ao Paulo Arantes pelo exemplo intelectual e pela paciente orientação; A Iná Camargo Costa, sem a qual eu não teria conseguido terminar essa dissertação; por me ensinar a dar um passo de cada vez e pela imensa generosidade; Ao José Antônio Pasta Jr, pelo exemplo intelectual e pelas conversas sobre Brecht. A Otilía Arantes, que me concedeu uma vaga de mestrado nos primeiros anos deste trabalho.

A Laura Brauer, pelas discussões sobre Brecht. Sem ela este trabalho certamente não teria sido concluído.

Ao Anderson Gonçalves, amigo de todas as horas e companheiro de Baderna, que não só discutiu pacientemente esta dissertação trazendo contribuições da maior importância como também não deixou o amigo desesperar e entregar os pontos. E a todos os amigos e amigas que no período em que este trabalho foi feito contribuíram para deixar o dia a dia mais suportável e menos cinzento.

## RESUMO

Mantovani, P. Material Fatzer de Brecht -Tradução,introdução e notas. 2011. 219 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

Este trabalho é uma tradução do *Complexo Fatzer* de Bertolt Brecht acompanhada de uma introdução e de notas. A intenção dele é disponibilizar o texto para o público de língua portuguesa (não existem traduções do texto nem em português nem em qualquer outra língua) e de tornar o texto legível através da introdução e das notas.

Palavras-chave: *Complexo Fatzer*, Brecht, teatro, fragmento, modelo, revolução, conselho, associal.

## ABSTRACT

Mantóvani, P. Brecht`s Fatzer material - Translation, introduction and notes. 2011. 219 f. Thesis (Master Degree) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

This paper is a translation into portuguese of Bertolt Brecht`s *Fatzer Complex*, with an introduction and notes. It`s intention is to make the text available to the portuguese speaking public (there are no translations of the text neither in portuguese nor in any other language) and to make the text readable with the help of the introduction and notes.

Key Words: *Fatzer Complex*, Brecht, theater, fragment, model, revolution, council, associal.

## SUMÁRIO

<b>I. Introdução - Fatzer.....</b>	<b>p.7</b>
<b>II. Organização dos fragmentos.....</b>	<b>p.30</b>
<b>III. Tradução do <i>Complexo Fatzer</i> e notas</b>	
<b>A) Documento Fatzer:</b>	
<b>[Primeira fase de trabalho].....</b>	<b>p.31</b>
<b>[Segunda fase de trabalho].....</b>	<b>p.42</b>
<b>[Terceira fase de trabalho].....</b>	<b>p.75</b>
<b>[Quarta fase de trabalho].....</b>	<b>p.121</b>
<b>[Quinta fase de trabalho].....</b>	<b>p.157</b>
<b>B) Comentário Fatzer.....</b>	<b>p.174</b>
<b>C) Notas.....</b>	<b>p.190</b>
<b>IV. Bibliografia utilizada.....</b>	<b>p.212</b>

## INTRODUÇÃO - FATZER

### I) *Complexo Fatzter*

O *Complexo Fatzter* chegou a nós como um conjunto de fragmentos. Imenso caos de 500 páginas de estilhaços de texto cuidadosamente guardados no arquivo Bertolt Brecht em Berlim, organizado em cinco fases de trabalho denominadas 'Fatzter Documento' e um conjunto de notas que esboçam um projeto didático-político-poético para o teatro denominado 'Fatzter Comentário'<sup>1</sup>.

### II) *Cronologia da obra impressa*

Em resumo, a cronologia da obra impressa em alemão é a seguinte: Em 1930, Brecht publica parte do texto (correspondente à quinta fase de trabalho) no primeiro caderno dos *Versuche* (Tentativas), cadernos em que Brecht publica suas mais importantes descobertas, escritos modelares que tem como função transformar o escritor "de fornecedor do aparelho de produção intelectual em engenheiro que vê sua tarefa na adaptação desses aparelhos aos fins da revolução proletária"<sup>2</sup>. Bem depois da morte de Brecht, Reiner Steinweg publicará na Alemanha durante os anos 70 e início dos anos 80 trechos do material inédito (sobretudo textos 'teóricos' advindos do '*Comentário Fatzter*') em diversos livros dedicados à retomada da peças didáticas de Brecht como eixo central do trabalho brechtiano, sendo os mais significativos *Das Lehrstücke* (1972) e *Brechts Modell der Lehrstücke. Zeugnisse, Diskussionen, Erfahrungen* (1976). Em 1994, é publicada pela primeira vez a versão de Heiner Müller realizada e encenada por ele em 1978, em Hamburgo, na Deutsches Schauspielhaus. Este texto, que ficou conhecido como o *Fatzter* de Brecht, está muito longe de sê-lo. É de fato o *Fatzter* de



Heiner Müller, pois o 'organizador' modificou partes significativas do texto (dá um fecho para a 'cena final' da execução de Fatzer, que Brecht deixa em aberto, assim como insere Keuner na cena da execução por exemplo) e enxertou novos textos (põe na boca de Fatzer um trecho inteiro da *Gaia Ciência* de Nietzsche, entre outras coisas). Tudo isso para usar o texto com o fim de tratar "da relação do coletivo, com os dissidentes"<sup>3</sup> tendo como referência a RAF (*Rote Armee Fraktion* - Fração do exército vermelho), grupo terrorista nascido na Alemanha ocidental na década de 70 que se dizia herdeiro das "idéias marxistas como um meio de orientação e luta"<sup>4</sup> e que defendia o uso da violência como forma de "destruir a sociedade capitalista que os empurra para a destruição"<sup>5</sup>, antes que ela os destruísse. E para tratar da "reação excessiva do aparelho de Estado da Alemanha Ocidental `a luta armada de uma minoria em vias de desaparecimento"<sup>6</sup>, que massacrou os integrantes da 'primeira geração do grupo' entre os anos de 1977 e 1978. Em 1997, o texto integral do manuscrito, organizado por Reiner Steinweg, foi publicado na edição crítica das obras completas de Brecht, a *Große Kommentierte Berliner und Frankfurter Ausgabe* (GKBFA).

Steinweg realizou o delicado trabalho, inevitavelmente passível de alguma ambiguidade e infidelidade, de organizar o imenso caos composto em sua maior parte de transcrições de esboços para cadernos de notas, recorrentemente corrigidos, e rascunhos cuja decifração é incerta, escritos até mesmo em guardanapos e papéis de embrulho. Também, de folhas de cadernos de anotações avulsas que foram coladas pelo próprio Brecht nestas transcrições e rascunhos que se referem ao próprio processo de escritura do material, como esboços de monólogos e diálogos, de cenas, de fábula, de coros e contra-coros, esquemas de idéias e reflexões sobre a concepção, que muitas vezes, por não estarem diretamente relacionados `a ação, tornam o trabalho de seu posicionamento no interior do conjunto difícil. Assim como materiais encontrados no

espólio de Brecht que foram integrados ao conjunto em função de fortes indícios temáticos, mas cuja real pertença é apenas uma conjectura do organizador e do editor<sup>7</sup>. Apesar de algumas objeções levantadas contra a edição, como a correção de alguns 'erros' de pontuação e ortografia, dando um aspecto mais acabado do que os manuscritos realmente possuem, é a única edição à disposição (que foi base para esta tradução).

### III) *Fragmento, modelo e o associal*

O *Complexo Fatzler* foi escrito entre 1926 e 1930 na República de Weimar, que abrigava em seu próprio ventre os germes de sua anulação (o famigerado artigo 48 da constituição). O nascimento da república de Weimar sobre as ruínas de uma revolução proletária massacrada pela contra-revolução de sempre, com a colaboração das organizações forjadas para representar o proletariado usurpadas pelos partidos comunista stalinizado e social-democrata, teve forte impacto sobre este trabalho brechtiano. Assim como a evidência de seu fim em 1930 e sua ruína completa em 1933, teve forte influência para sua interrupção.

Entender as razões pelas quais Brecht decidiu interromper o *Fatzler* é um dos enigmas a serem decifrados. As poucas notas biográficas e registros históricos sobre o trabalho permitem apenas dizer com segurança que a interrupção não se deu por considerar a tarefa supérflua ou inútil. Diferente disso, permitem-nos ver Brecht, em meio a muitas outras ocupações práticas no teatro (o que apenas em parte sugere o porquê da extensão de tempo e dificuldade com o *Fatzler*), sempre que podia escrevendo, com a intenção de levá-lo ao palco (o que poderia ter feito, pois Erwin Piscator se mostrava interessado em encená-la em 1927), depois em 1929 como *Lehrstücke* e finalmente interrompendo-o. A experimentação com diversos

‘enquadramentos’, assim como um trecho de carta destinada a Helene Weigel em 1928 (momento em que começa a modificar sensivelmente o eixo temático e a busca formal do texto) nos permite ao menos entrever as razões para o seu inacabamento. Vamos ao trecho:

“Eu ainda preciso de 14 dias. Então eu espero ter um ‘Urfatzer’.”<sup>8</sup>

A analogia com o *Fausto* sugere que Brecht se deparava com a natureza incomensurável de seu tema, a saber, o entravamento da revolução. E nos faz imaginar que no embate com a matéria histórica hostil que desejava plasmar, encontrava dificuldades semelhantes à de Goethe com seu *Fausto*, registradas na sua correspondência com Schiller, de encontrar uma forma apropriada ao seu assunto, uma forma que ‘determinasse absolutamente seu objeto’<sup>9</sup>. Ao não encontrar essa forma, decidiria pela interrupção do trabalho, mantendo-se fiel à sua concepção de elaboração formal radicalmente dialética (materialista) herdeira da discussão do idealismo alemão em torno de uma poética histórica que observava rigorosamente uma relação dialética entre forma e matéria histórica.

Ainda por conta dessa fidelidade à matéria histórica, pensamos que Brecht não poderia encontrar uma forma fechada para uma das questões centrais do texto já que esta permanecia aberta na história: a da possibilidade de conversão do criminoso em revolucionário<sup>10</sup>. Questão que se tornou bastante significativa para aqueles que procuravam, como Brecht, refletir sobre as possibilidades de uma transição para o comunismo na Alemanha sem as condições revolucionárias de 1917 e 1923, num momento em que a perspectiva revolucionária não mobilizava o proletariado organizado, e na qual o partido comunista alemão stalinizado<sup>11</sup> só conseguia atrair para o seu campo de influência “intelectuais, pequeno-burgueses falidos, assalariados e

técnicos desempregados, [...] pessoas pertencentes `a classe média esmagada e que antes eram indiferentes”, que “se revoltam **agora** contra uma miséria surgida brutalmente e pensam que é preciso que alguma coisa aconteça”<sup>12</sup>, igualmente mobilizados pelos nazistas, e que, salvo engano, não eram muito diferentes das massas corrompidas nos tempos de primeira guerra em prol da *acumulação primitiva*, seguindo aqui formulação de Rosa Luxemburgo.

Além disso, Brecht poderia não ter encontrado forma de peça didática ou de parábola épica para sua matéria histórica em função da especificidade mesma dessa matéria. Nesse sentido, a fragmentação sem qualquer tipo de fechamento seria exigida pela natureza do material, cifra da violência imposta pelas armas e pela forma mercadoria que travava o processo revolucionário, num momento histórico em que a possibilidade de seu destravamento ainda estava em aberto. O que poderia desembocar na consideração de tratar o fragmento como a forma adequada para esta matéria histórica (consideração que Brecht não faz nesse período).

Mesmo recusando o fragmento por si mesmo como forma, desligado de uma estrutura totalizante, confere a este imenso canteiro de obras certo valor de uso. Ao interromper o trabalho com o *Fatzer*, escreve:

“a peça toda/ já que impossível/simplesmente/ dismantelar para experimento/ sem realidade/ para autoconhecimento”<sup>13</sup>

O que deixa de ter utilidade como forma acabada é usado como processo de autoconhecimento daquele que escreve. O que significa, para Brecht, um processo de investigação da sua posição no processo produtivo, que tem no seu cerne a experimentação formal e temática com vistas a forjar formas de representação teatral que pudessem contribuir para a constituição e organização de um sujeito histórico que

pudesse destravar a história através da luta de classes (a *Lehstücke* e o teatro épico). Uso que se estende para outros produtores, como sugere um fragmento do 'Comentário Fatzer':

“Se mais tarde se tornar um objeto de ensino, os estudantes aprendem por meio do objeto algo completamente diferente do que aquele que escreve aprendeu. Eu, aquele que escreve, não preciso concluir nada. É suficiente que eu me instrua. Eu meramente dirijo a investigação, e o método que utilizo é aquele pelo qual o espectador pode investigar.”<sup>14</sup>

O fragmento, então, seria um objeto pedagógico para outros produtores, pedagogia que neste contexto não significa doutrinação, mas sim organização. Seria um *modelo de investigação* que “orienta os produtores”<sup>15</sup>, fornecendo-lhes meios para que modifiquem a estrutura do aparato teatral, para que este se torne um meio de produção a favor do produtor e possa contribuir para a ‘libertação da produtividade’. E, por isso mesmo, possa contribuir também para que não sejam mais desavisadamente explorados enquanto abastecem um aparato produtor de mercadorias (“um instrumento contra o produtor”<sup>16</sup>) que sustenta a sua própria exploração e a da ampla maioria que depende da venda de sua força de trabalho para sobreviver.

Mesmo depois de interromper o trabalho com o Complexo Fatzer, Brecht publica em 1930 parte do material - correspondente à quinta fase de trabalho do presente texto - no primeiro caderno dos *Versuche* (o que evidencia ainda mais como o fragmento possuía caráter modelar para ele) e continuará, pelo resto da vida, retomando o material. Durante o exílio, depois que os nazistas conseguiram mobilizar as massas alemãs e conquistar a vitória em 1933, Brecht retomará o *Fatzer*, o fragmento publicado, unicamente pelo seu valor modelar:

“Vida de Galileu é tecnicamente um grande passo atrás, como a Sra. Carrar é oportunista demais. A peça precisa ser inteiramente reescrita, para captar esse ‘sopro de vento que/vem de novas praias’, essa rósea aurora da ciência. Tudo mais direto, sem os interiores, a atmosfera, a empatia. E tudo baseado em demonstrações planetárias. A estrutura poderia ser mantida, a caracterização de Galileu também. Mas o trabalho, que poderia ser divertido, só poderia ser feito em uma situação prática, em contato com um palco. Primeiro teriam que ser estudados o fragmento Fatzer e depois o fragmento A padaria. Estes dois fragmentos são do mais alto padrão técnico.”<sup>17</sup>

O fragmento, forjado enquanto Brecht ainda estava em contato com o movimento dos trabalhadores alemães, possuiria o ‘mais alto padrão técnico’, dado o alto índice de procedimentos que suspendem a identificação e a ilusão, impedindo uma recepção passiva e de consumo. Por isso poderia servir, juntamente com a prática de palco, como um operador crítico para a refuncionalização desses textos considerados ‘oportunistas’ e ‘regressivos’, por um lado retirando deles os elementos dramáticos que poderiam neutralizar sua recepção crítica. E por outro, redimensionando-os para aumentar sua eficácia crítico-política.

Quanto à questão sobre a possibilidade de converter o associal em revolucionário, será descartada nesses anos de exílio. Já 1934, em conversa registrada por Walter Benjamin, referindo-se à possibilidade de transformação revolucionária do criminoso, presente no poema *Le Bateau Ivre* de Rimbaud (em termos impressionantemente semelhantes aos que trata a questão no *Complexo Fatzer*), dá a negativa:

“Ele pensava que se os próprios Marx e Engels, tivessem lido o *Bateau Ivre*, teriam sentido nele o grande movimento histórico do qual era expressão. Teriam claramente reconhecido que não descreve um poeta excêntrico saindo para um passeio, mas a fuga de um homem que não suporta mais viver no interior das barreiras de uma classe que – com a Guerra da Criméia, com a aventura mexicana – estava então

começando a abrir para seus interesses comerciais até os mais exóticos continentes. Brecht pensa que é impossível transformar a atitude de Rimbaud – a atitude do vagabundo desimpedido que se põe à mercê do destino e vira suas costas para a sociedade – numa representação modelo do lutador proletário.”<sup>18</sup>

Em uma nota de diário 1939, com a barbárie nazista em seu auge, chega mesmo a afirmar como ideologia contra revolucionária a idéia anteriormente aventada de que existiria no criminoso um elemento “egoísta, associal”, potência ambígua que poderia tanto ser destrutiva quanto ser canalizada para ‘o estado ou o caminho para se chegar até lá (a revolução)’:

“hoje eu finalmente compreendi porque eu nunca fui capaz de produzir a pequena peça didática acerca do MALVADO BAAL O HOMEM ASSOCIAL. Gente associal não tem parte no jogo, eles são meramente os possuidores dos meios de produção e outras fontes de vida, e isso é tudo que são. Naturalmente eles também são seus ajudantes e os ajudantes de seus ajudantes, mas também apenas como tais. Não é nada longe do evangelho da humanidade dizer que existem pulsões associiais, personalidades associiais etc.”<sup>19</sup>

Ideologia que conduziria ao erro político de acreditar na possibilidade de transformar o inimigo por definição da revolução em um revolucionário, e conduziria ao erro artístico de tentar converter o material de suas primeiras peças em peças didáticas.

Ao retornar do exílio para uma Berlim ‘comunista’ em ruínas (preferia ter ido para Berlim Ocidental, mas não foi autorizado), três anos após a derrota do nazismo (1948) - que se deu sem revolução -, retoma o *Complexo Fatzer*, tanto pelo seu valor modelar quanto pela questão da transformação do associal em revolucionário. A retomada da questão reaparece no parágrafo 25 do *Pequeno Organon para o teatro*:

“ O teatro pode, assim, levar seus espectadores a fruir a moral específica da sua época, a moral que emana da produtividade. Tornando a crítica, ou seja, o grande método da produtividade, um prazer, nenhum

dever se deparará ao teatro no campo da moral; deparar-se-ão, sim, múltiplas possibilidades. A sociedade pode mesmo extrair prazer de tudo o que apresente um caráter associal, desde que o apresente como algo vital e revestido de grandeza; assim se nos revelam, com frequência, forças intelectuais e inúmeras capacidades de especial valia, empregadas porém, evidentemente, com propósitos destruidores. Ora bem, a sociedade pode mesmo gozar livremente, em toda sua magnificência, dessa torrente que irrompe catastroficamente, desde o momento que lhe seja possível dominá-la, passando nesse caso a corrente a ser sua.”<sup>20</sup>

Diferentemente dos tempos do exílio, considera a questão novamente pertinente. Contudo, deixa evidente que a possibilidade de considerá-la assim depende de um momento histórico no qual a sociedade pode realizar essa conversão canalizando essa corrente em prol de sua construção. Brecht aposta que aquele momento, na depauperada RDA, isso era propício, na medida em que reencontra tanto o problema quanto a possibilidade de trabalhar sobre ele. De um lado, encontra-se diante de toda uma população que continuava corrompida pelo nazismo, que “participara das grandes batalhas predatórias de Hitler como colaboradora e co-exploradora, e aprendera tão pouco quanto Mãe Coragem”<sup>21</sup>, e que não tinha passado pelo “processo purificador da revolução”. De outro, um governo comunista *imposto* pela união soviética stalinista, “a grande sublevação que de outra forma nasce de uma revolução e veio sem ela”, afirmando o interesse em construir o socialismo, e pondo um teatro `a disposição de Brecht para que pudesse contribuir para o processo. E se dizemos propício, não estamos dizendo com isso fácil. Pois Brecht não estava de acordo nem com a política soviética, mais interessada em manter um estado burocrático e exercer o controle sobre a população do que construir o socialismo, nem com o que era considerado arte pelo partido, a linha oficial do ‘realismo socialista’, que tinha por objetivo produzir uma cultura afirmativa (não `a toa a retomada acrítica do drama transformado em dogma) que fazia apologia do herói proletário e suas conquistas.



Quanto `a retomada do *Fatzer* como modelo, será vinculada `a questão de como figurar a construção do socialismo como processo contraditório e se seria possível canalizar as energias associadas nesse sentido. Isso se dará no trabalho sobre Hans Garbe, também inacabado, realizado entre 1951 e 1954. Toma este personagem histórico, operário ex-nazista do setor de construção que é condecorado como herói do trabalho pelo partido comunista por consertar um forno da Siemens Plania sem que fosse desligado, justamente por encarnar as contradições reais do período e permitir observar como “o trabalhador, através da produção, poderia se erguer sobre seus próprios pés”<sup>22</sup>. E, durante o trabalho de investigar o que

“exatamente muda nele e para ele, se ao invés de ser moldado pela história começa ele mesmo a moldá-la - a condição sendo que este não é um processo puramente pessoal, desde que concernente a uma classe”<sup>23</sup>

Brecht vai se deparando não com um processo de construção do socialismo em andamento, mas com um processo de travamento histórico do socialismo cuja possibilidade de destravamento ainda era uma questão. Já no confronto com entrevistas feitas com Garbe por sua colaboradora Käthe Rülcke, depara-se com o entrave: a enorme distância entre o feito que assegurava a produtividade socialista e a consciência de Garbe, marcada por fortes traços pequeno burgueses. Entravamento que se tornou ainda mais evidente para Brecht em junho de 1953, quando os trabalhadores do setor de construção da RDA realizam um protesto, que inclui bandeiras nazistas, contra as altas taxas de produção impostas pelo estado stalinista alemão e são massacrados pelo próprio estado. No mesmo ano, escreve em seu diário:

“17 de junho alienou toda existência. Apesar do patético desamparo e falta de direção, as manifestações dos trabalhadores mostraram que é a classe em ascensão. Não é a pequena burguesia que está entrando em ação, mas os trabalhadores. Suas palavras de ordem são confusas e impotentes, impingidas a eles pelo inimigo de classe, e não existe força nenhuma em sua organização, nenhum conselho organizado, nenhum plano foi elaborado. E mesmo assim ali estava a classe diante de nós, na sua condição mais depravada, mas todavia a classe. A coisa importante teria sido usar esse primeiro encontro com o maior ganho. Este foi o ponto de contato. Não veio como um abraço, mas como um tapa na cara, mas de todo modo era contato. – o partido tinha razão para ficar alarmado, mas não precisava ter desesperado. Depois de todo desenvolvimento histórico não poderia em nenhum caso esperar o consentimento espontâneo da classe trabalhadora. Tinha tarefas que tinha de qualquer maneira, nas circunstâncias, realizar sem o consentimento, até mesmo contra a resistência dos trabalhadores. Mas aqui, mesmo que num mau momento, era a grande chance de ganhar os trabalhadores. Por essa razão eu não considero o terrível 17 de junho simplesmente negativo. O momento em que eu vi o proletariado, nada me levaria a dar desculpas ingênuas ou fazer concessões aqui- exposta ao inimigo de classe de novo, ao capitalismo da era fascista com força renovada, eu vi a única força capaz de enfrentá-lo.”<sup>24</sup> (454, 455)

Neste entrave histórico, que Brecht via em aberto, pois percebia nele mesmo uma potência coletiva que poderia superá-lo, reconhece uma similitude com o entrave histórico que reconheceu durante o trabalho com *Fatzer* e daí retoma o conjunto de fragmentos como modelo operatório. O trabalho é rebatizado de *Büsching/Garbe*, e mais uma vez Brecht não consegue traduzir o entrave nem em peça didática, nem em peça épica. E neste período, parece considerar o fragmento, pela primeira vez, não só como modelo operatório mas também como forma:

“o que eu antevejo formalmente é: um fragmento em grandes blocos brutos”<sup>25</sup>(438).

IV) *Fatzer Documento.*

A) *A espera como entrechoque mortal entre duas modalidades da dialética entre marginalidade e conformismo.*

*Grosso modo*, nas duas primeiras fases de trabalho, a ênfase do material recai sobre as consequências catastróficas e evitáveis da “dialética entre marginalidade e conformismo”<sup>26</sup> do período de suas primeiras peças. Em um tom de comicidade ‘schweikiana’, quatro soldados desertam da batalha de Verdun e, ao invés de se empenharem na luta contra aqueles que usam de seu próprio braço para combatê-los, *esperam* num covil pela revolução, que não vem, e terminam se destruindo<sup>27</sup>. O que acompanhamos é a saída acidental dos soldados da guerra (erraram a rota), a formação do bando associal e seu regresso para casa, liderados por Fatzer, e a guerra intestina que se instala entre os quatro e os leva `a destruição, durante a fatídica espera, o que teria também algo de trágico não fossem os dispositivos de suspensão da identificação que são experimentados no conjunto de fragmentos.

A distância, que nos permite observar criticamente esse percurso que os leva `a destruição, é armada sobretudo pelo desenho de uma dupla temporalidade semelhante `aquela identificada por Althusser nas ‘grandes’ peças brechtianas posteriores<sup>28</sup>, na qual a temporalidade da crônica se opõe `a temporalidade da consciência, tornando possível a crítica imanente daquela consciência. De um lado, observamos a temporalidade da guerra pautada pela repetição, onde homem e natureza são aniquilados pela técnica mobilizada para a destruição, onde não existe ação humana possível por conta da completa reificação. De outro, observamos os quatro soldados se apartando da guerra **acreditando** que estão interrompendo a guerra. Interrupção que aparece, assim, como interrupção **subjetiva**, tornando o seu esperar e sua atitude associal objetos de crítica, e

não um motivo para *terror e piedade*. E que dissolve a tragicidade do material, na medida em que os impasses se desenham como historicamente superáveis.

Nesta crítica ao associial e sua interrupção subjetiva da guerra, Brecht não apresenta o associial simplesmente como figura negativa. A dimensão emancipatória tem a ver com o fato de que o associial não tem ilusões sobre a guerra e sua destruição apocalíptica, que faz desaparecer todos os traços de humanidade da Terra. Nega em absoluto a moral burguesa idealista que sustenta a guerra e que reprime os interesses materiais do associial, assim como sua organização coletiva em função desses interesses. E, com isso, pode tanto se afastar da guerra (não se descarta sua marcha `a esquerda) como também ver como legítima sua luta por comida, água, sexo e abrigo, enfim, seu egoísmo 'natural'<sup>29</sup>.

Mas se o associial nega a moral idealista burguesa, não nega igualmente o princípio egoísta da economia burguesa. Assim, sua busca por realizar seu 'egoísmo natural' não oferece nenhuma oposição `a repressão e aniquilação do próximo, e o impele, literalmente, para o buraco. Buraco que é a casa em que se escondem. Buraco que é a vagina da mulher violada. Buraco que é o que resta do esconderijo depois que se aniquilam. E que os torna perfeitamente conformes `a paisagem lunar que constitui a sociedade alienada tornada segunda natureza. Saem do buraco da guerra para se reencontrar nele, no autofágico giro em falso da espera.

No bojo da guerra intestina que se dá no interior da espera, em muito semelhante `a que está se passando fora do covil, está o choque entre duas modalidades de comportamento associial. De um lado, comportamento representado pela figura de Fatzler, que naturaliza a existência da guerra com fins de acumulação, encarna alegremente seu princípio destrutivo e procura se acomodar ao presente do modo mais perfeito possível. Do mesmo modo que seu ancestral Baal, para ele só existe o presente

imediatos, e, por isso, não é capaz de seguir um plano de maneira nenhuma, tudo o que consegue é estar em conformidade com a sociedade tornada natureza, seja na realização irrestrita de seu desejo, mesmo que isso signifique a destruição do outro, seja no seu movimento autodestrutivo no qual ele mesmo se torna natureza, isto é, torna-se coisa em uma sociedade coisificada com aparência de natureza<sup>30</sup>. De outro, o mesmo comportamento de base representado, com variações, nas figuras mais frequentemente denominadas no texto por Koch/Keuner, Kaumman e Büsching. Como seu ancestral Kragler, de *Tambores na noite*, pertencem à “comunidade dos que ficam em casa, que buscam segurança e prazer, que querem tranquilidade porque cada qual cuida primeiro de si mesmo”<sup>31</sup>. Eles também naturalizam a história e, por isso, para eles só existe um eterno presente, mas, diferentemente de Fatzer, essa naturalização se traduz como comportamento de auto-conservação a qualquer custo. Além disso, ela se traduz como defesa de seus interesses pessoais acima de qualquer coisa. Se anseiam batalhas revolucionárias, que parecem despontar na primavera, fazem-no apenas na medida em que essas batalhas não contradizem a sua auto-conservação e correspondem aos seus interesses imediatos.

*B) A espera como contradição suspensa.*

A formulação desse entrelaço mortal, produzido pelas consequências destrutivas da ‘dialética entre marginalidade e conformismo’ em suas duas modalidades, em contraste com a possibilidade de ação revolucionária, traz à luz a questão central que será explorada nas demais fases de trabalho: a da conversão do associal em revolucionário. Questão que leva a uma experimentação com elementos formais das peças didáticas e a uma mudança na configuração da ação e dos tipos. A partir da

terceira fase de trabalho, Brecht reforça, com o uso dos coros, a idéia de que a ação da peça se dá num entretempo, entre o velho e o novo:

“CORO depois de I

Assim que surgiu uma idéia num ponto

Da superfície terrestre

Os melhores abandonam imediatamente a

Posição (a guerra) e nada

Os detém, o tempo cinde-

Se em velho e novo, eles não fazem

Mais nada velho.

Mas o tempo continua a rolar.”<sup>32</sup>

Entre o tempo da guerra e o tempo da revolução, os soldados chegam por acidente `a paisagem pós-dilúviana (da civilização ocidental), entre a noite e a manhã. Ali nesse limiar, são modificados: paridos grotescamente por um tanque, esses ambíguos e animalizados filhos da guerra reconhecem, graças `a Fatzer, que seu verdadeiro inimigo é a burguesia. E, em reação a isso, constituem uma ‘pequena multidão perigosa’ de desertores. Mas, em vez de se juntarem `as massas na guerra civil contra a burguesia, o que poderia lhes transformar de massa compacta em classe revolucionária (superando-se assim a contradição suspensa - interna ao grupo - entre indivíduo e massa), permanecem ambíguos e resolvem habitar esse entretempo, o que os leva `a ruína.

Na cidade, que também se afigura como campo de batalha, cercados pelas tropas de ocupação e pelo exército alemão, famintos e com os dias contados, Brecht apresenta em tom paródico a fundação de uma *paródia de soviète* pelos desertores do exército alemão, onde usam idéias comunistas (o novo) para justificar decisões e ações bárbaras (o velho) para garantir sua sobrevivência (o que evidencia a distância entre essas idéias

novas e sua concretização efetiva). No interior dessa paródia soviética, os desertores, tipos que representam posições diferentes (e que transitam de maneira bastante inconsistente entre elas), procuram chegar a uma vontade comum relativamente `a manutenção da sobrevivência no plano interno, e ao que fazer com seus inimigos no plano externo, tentando agir em conformidade com essas deliberações. Isso não é possível e leva `a guerra intestina, sobretudo por uma cisão interna (que pode ser interpretada como cisão radical entre plano e ação, se não for demais, entre ‘teoria’ e ‘prática’) representada pelas posições das figuras de Fatzer e Keuner.

De um lado, Fatzer, que faz uso da violência, sem plano ou eixo político, para levar a cabo compulsivamente o que deseja, incluindo-se aí ações violentas que levam `a destruição do bando assim como a sua própria. No interior do covil, ao fazer só o que tem desejo, sabota todos os planos relativos `a sobrevivência do coletivo, viola a mulher, o que leva a uma briga de foice em torno da questão da propriedade (pois para o bando de associais a mulher é coisa e sujeita a regulações de propriedade), e sempre que pode incita os outros desertores para que o aniquilem. E, no que diz respeito ao inimigo de classe (que como em *Santa Joana dos matadouros* aparece na figura do açougueiro), contra ele conhece no máximo a revolta: quer a qualquer custo a luta imediata, independentemente dos seus resultados.

De outro, Keuner, cujas atitudes são pautadas por um leninismo **convertido** em moral abstrata. Usa a luta interna causada pela miséria, que chega ao ápice quando Fatzer viola a mulher (o centro de temor da peça, fragmento A 9), para instituir entre os desertores uma organização centralizada (na qual a obediência ao ‘princípio’ substitui a disciplina) e instaura o terror. Determina a ‘coletivização’ forçada da propriedade (quem decide agora o que a mulher faz ou deixa de fazer é a organização centralizada, a despeito do que ela quiser) e que o coletivo busque carne para se manter, ou seja,

Keuner toma medidas para manter os desertores vivos a qualquer custo, enquanto a revolução não vem. Medidas que devem ser seguidas sem discussão ou erro, os detratores penalizados ou mortos (o 'acordo' substitui a discussão democrática). E, no que diz respeito ao inimigo de classe, os fragmentos parecem apresentar dois modos de ação distintos (talvez complementares, já que ambos são pautados pela mesma moral abstrata e levam à ruína). O primeiro e mais presente, que já foi mencionado, é a manutenção do 'estado' dos associiais a qualquer custo, enquanto se espera a revolução sem que nada se faça para alcançá-la. O segundo é pautado pela ordem de um dos coros, que exige que Keuner abandone Fatzler e faça a revolução, mesmo que só encontre cinco trabalhadores dispostos a fazê-la (o número de adesões exigido pelo coro já expõe a abstração do plano).

Essa cisão interna entre Keuner e Fatzler aparece no conjunto dos fragmentos como uma contradição suspensa<sup>33</sup>. Longe de ser um diálogo em termos dramáticos, as falas dos opositores são estruturadas como antíteses insolúveis, tal como nas falas estruturadas a partir da esticomítia na tragédia (estamos pensando aqui sobretudo na *Antígone* de Sófocles). Longe de serem um motor para um conflito intersubjetivo que tem um desenlace, separadas de uma organização coletiva capaz de intervir na realidade para sua transformação (estamos pensando aqui sobretudo nos conselhos proletários), as tentativas de ação de ambos terminam em derrota e aniquilação. Fatzler, independentemente do plano coletivo, entra em luta com os açougueiros e é espancado diante dos olhos de seus companheiros que não fazem nada para ajudá-lo. Keuner não consegue levar a cabo seu plano de obtenção de carne para os quatro, que depende completamente do uso da força e da inteligência de Fatzler, o que inviabiliza a sobrevivência clandestina dos desertores. A sabotagem de Fatzler contra os planos leva os desertores (sem a presença de Keuner, que os fragmentos sugerem já ter morrido) a



decidir pela execução de Fatzer. O fato dos desertores não terem entrado espontaneamente na luta leva Fatzer a jogar o inimigo contra o próprio bando. O final, apenas sugerido pelos fragmentos, mostraria os quatro sendo completamente destruídos, distantes da entrevista derrota dos conselhos e do entravamento da revolução (os sinos que anunciam a vitória da contra-revolução, anunciam também sua derrota), e a questão sobre a possibilidade de conversão do associal em revolucionário é deixada em suspenso. Emerge a questão acerca da possibilidade de superação do entravamento da revolução.

V) *Comentário Fatzer. Projeto didático-político-poético para o teatro*

No Comentário Fatzer, menos um guia para a leitura dos fragmentos e mais um resultado da investigação realizada nas fases de trabalho anteriores, que esclareceram o próprio autor quanto a sua posição no processo social (estruturado de modo que é passível de crítica e que permite a outros autores tirarem seus próprios 'esclarecimentos' do material, em outros tempos<sup>34</sup>), Brecht propõe um projeto didático-político-poético que contribua para a superação do entrave histórico.

Projeto que não significa, aqui, uma nova educação estética da humanidade que possa trazer à terra os conteúdos emancipatórios da revolução evitando a revolução, ou uma tentativa de superar o entrave desvinculada da mudança objetiva das relações de produção. Diferente disso, Brecht observa a resolução do entrave como possível somente através da luta de classes pela superação da contradição entre capital e trabalho, e percebendo a ausência de uma situação de iminência revolucionária, assim como de conselhos, partidos e sindicatos que poderiam contribuir para a constituição e organização de um sujeito revolucionário, Brecht propõe meios para a refuncionalização do aparato teatral com o objetivo de contribuir para o 'destravamento' da história. Isso

significa: que percebendo a derrota da revolução, Brecht a incorpora na fatura de seu trabalho teatral sem renunciar a ela. Ainda, percebendo que a constituição de um sujeito revolucionário (e por consequência da revolução) depende de maneira decisiva da organização de conselhos pautados pela luta de classes, Brecht busca traduzir o debate dos conselhos<sup>35</sup> (eixo da organização revolucionária) em princípio formal do seu trabalho (eis aí, pensamos, o componente didático do seu trabalho). Procurando, a partir disso, desenvolver um teatro que possa contribuir para a libertação da produtividade dos produtores na medida em que cria condições para a constituição desses mesmos conselhos. E que salvo engano será a chave para o desenvolvimento das duas dimensões mais significativas de seu trabalho teatral posterior, que constituem dois momentos do processo de construção desses conselhos (que podem se dar concomitantemente, desde que existam as condições e a necessidade histórica para tanto): por um lado, a ‘grande pedagogia’ das peças didáticas, a ser realizada exclusivamente no interior do movimento dos trabalhadores, que tem como objetivo abrir espaço para ‘o exercício da dialética’ - que torna evidente e põe em discussão a distância entre as idéias comunistas tornadas moral abstrata e a realidade efetiva - num movimento que abriu mão da democracia em favor do acordo, e que prescinde de atores profissionais e de apresentações para um público. Na *grande pedagogia*, os próprios trabalhadores atuam e refletem sobre os dilemas do entravamento da revolução sobre os quais atuaram. Por outro, a *pequena pedagogia* do teatro épico, feita no interior do aparato teatral burguês refuncionalizado, com atores e público, que visa desnaturalizar o funcionamento da sociedade capitalista, evidenciando a distância entre as idéias que se tem sobre ela e que a ‘justificam’ e sua realidade efetiva - despojando “fenômenos socialmente condicionados de um libelo de familiaridade que os resguarda, hoje em dia, de qualquer intervenção”<sup>36</sup> -.

Em suma, um projeto teatral que pensa um modo de como a arte pode contribuir, em períodos de alta atividade contra-revolucionária, para a construção de um processo revolucionário.

---

<sup>1</sup> De acordo com os comentários da edição crítica, *Große kommentierte Berliner und Frankfurter Ausgabe* (A partir de agora, mencionaremos sempre a sigla **GKBFA**), a divisão do material se deu a partir do modo como o próprio Brecht havia arquivado o material.

<sup>2</sup> Benjamin, Walter. “O autor como produtor” in *Magia, Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.136.

<sup>3</sup> Müller, Heiner. *Guerra sem Batalha*. São Paulo: Estação Liberdade, 1997, p. 226.

<sup>4</sup> Elias, Norbert. *Os alemães*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007, p.215.

<sup>5</sup> Idem, *Ibidem*, p.216.

<sup>6</sup> Müller, Heiner. *Guerra sem Batalha*. São Paulo: Estação Liberdade, 1997, p. 227.

<sup>7</sup> Brecht, Bertolt. *Große kommentierte Berliner und Frankfurter Ausgabe*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1997 v.10.2 pp. 1120-1121.

<sup>8</sup> Brecht, Bertolt. *Große kommentierte Berliner und Frankfurter Ausgabe*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1997 v.10.2 pp. 1117.

<sup>9</sup> Pasta Jr., José Antônio. *Trabalho de Brecht*. São Paulo: Editora 34, 2010, pp.191-207.

<sup>10</sup> Benjamin, Walter. “Bert Brecht” in *Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie*. São Paulo: Cultrix, p.124.

<sup>11</sup> É plausível que Brecht tenha tido todas as condições para acompanhar o processo de stalinização acelerado que se dá no partido comunista (ainda mais veloz no período em que inicia o trabalho com o Fatzer, em 1926). Ruth Fischer, uma figura chave participante desse processo, era irmã de Hans Eisler, amigo e parceiro de trabalho de Brecht. Por conta disso, Brecht poderia acompanhar de perto como a Internacional Comunista ia se tornando “um verdadeiro aparato internacional” (um mero instrumento para a política stalinista) , cujas consequências foram “a concentração crescente de poder na cúpula” e “a passagem do poder dos organismos públicos aos organismos secretos, com o papel do GPU [polícia

---

secreta russa] que é utilizado a todo momento” (Broué, Pierre. *História da Internacional Comunista*. São Paulo: Sundermann, 2007, v.1 p. 554).

<sup>12</sup> Broué, Pierre. *História da Internacional Comunista*. São Paulo: Sundermann, 2007, v.1, p.668.

<sup>13</sup> Brecht, Bertolt. *Große kommentierte Berliner und Frankfurter Ausgabe*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1997, v.10.2, pp. 1120.

<sup>14</sup> Ver fragmento C 2 na página 175 desta dissertação.

<sup>15</sup> Benjamin, Walter. “O autor como produtor” in *Magia, Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.132.

<sup>16</sup> Idem, Ibidem.

<sup>17</sup> Brecht, Bertolt. *Diário de trabalho*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p.27.

<sup>18</sup> Benjamin, Walter. *Understanding Brecht*. London: Verso, 1992, p. 106.

<sup>19</sup> Brecht, Bertolt. *Journals 1934-1955*. New York: Routledge, 1996, p. 24

<sup>20</sup> Brecht, Bertolt. “Pequeno Organon para o teatro” in *Estudos sobre Teatro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p.137.

<sup>21</sup> Apud Ewen, Frederic. *Brecht: sua vida, sua arte, seu tempo*. São Paulo: Globo editora, 1991, p.417.

<sup>22</sup> Brecht, Bertolt. *Journals 1934-1955*. New York: Routledge, 1996, p. 438.

<sup>23</sup> Idem, Ibidem.

<sup>24</sup> Idem, Ibidem. pp.454-455.

<sup>25</sup> Idem, Ibidem, p.458.

<sup>26</sup> De acordo com a precisa formulação de Hans Mayer em seu *Brecht e a tradição*, esse é o eixo temático, já social (a despeito do que muitos intérpretes de Brecht acreditam), das peças do ‘jovem Brecht’: “Já os primeiros conflitos, aos quais o autor quis dar forma, são imediatamente sociais. Tratam do comportamento do indivíduo com relação ao seu entorno. Nesse sentido, Baal e Andreas Kragler não representam de modo algum uma oposição. O gênio associal Baal, que só pretendia consumir homem e situações, se consome e agoniza, no ‘casebre do bosque’, ansiando consolo e companhia humana. Andreas Kragler renuncia à demasiada triste companhia dos revolucionários que pretendem assaltar o bairro berlinense das redações e jornais para entrar na comunidade verdadeira dos que ficam em casa, que buscam segurança e prazer, que querem tranquilidade porque cada qual cuida primeiro de si mesmo. Os

---

verdadeiros protagonistas são os que não olham como marginais românticos e anseiam pelo homem novo e o espírito novo.”

<sup>27</sup> Consideramos pertinente, num trabalho futuro que ultrapassa a intenção e os limites desta introdução, especificar mais o modo como Brecht lida com o tema da espera quando existe em contraposição a ela um horizonte revolucionário e compará-lo com o modo como três textos posteriores de outros autores significativos lidam com o mesmo tema, sem esse horizonte. Os textos e os autores são: as peças *Esperando Godot* (1948 -1952) e *Fim de Partida* (1957) do dramaturgo irlandês Samuel Beckett, escritas após a segunda guerra mundial e que, salvo engano, tratam do tema sem a perspectiva revolucionária e apagando o máximo possível seu referente histórico, e o romance *Os Pichicegos* (2006) do escritor argentino Rodolfo Fogwill, que trata da mesma temática (de modo ainda mais próximo, na medida em que põe no centro do romance soldados que decidem desertar e esperar o fim da guerra num covil) se referindo diretamente à guerra das Malvinas de 1982.

<sup>28</sup> Conferir Althusser, Louis. “The Piccolo teatro: Bertolazzi and Brecht.” in *For Marx*. Rio de Janeiro: The penguin press, 1969, pp.129-152.

<sup>29</sup> Procuramos nos guiar aqui pela discussão acerca do egoísmo realizada por Horkheimer também nos anos 30. (Horkheimer, Max. “Egoism and Freedom Movements” in *Between Philosophy and Social Science*. Cambridge/ Massachussets/ London: MIT Press, 1993, pp. 49-110.

<sup>30</sup> Jesi, Furio. *Bertolt Brecht*. Firenze: La nuova Italia, 1974.

<sup>31</sup> Mayer, Hans. *Brecht y la tradición*. Hondarribia: Iru, 1998 p.122

<sup>32</sup> Ver fragmento B 20, na página 91 desta dissertação.

<sup>34</sup> Em um trabalho futuro, procuraremos estabelecer a diferença entre a leitura que Brecht faz de seu material, que desemboca no projeto didático-político-poético que tem no seu bojo o teatro épico e as peças didáticas, e a leitura de Heiner Müller dos anos setenta, que desemboca no fragmento sintético como forma. Apenas para apontar nossa suposição: em vez de perceber na trajetória do material sinais de uma revolução entravada e de uma contradição em suspensão, Müller ‘percebe’ (tomando como ponto de partida não mais os anos vinte brechtianos, mas os seus anos 70) um congelamento da história e um

---

paradoxo que o fazem dar sinal positivo à figura do associal e o leva a traduzir o gesto do associal (terrorista) que visa explodir a história enquanto explode a si mesmo, em princípio formal no fragmento sintético.

<sup>35</sup> A importância dos conselhos para o trabalho artístico e para o marxismo de Brecht, tomados da sua militância no conselho de trabalhadores de Munique e do seu aprendizado com Karl Korsch (a quem Brecht chamava de ‘meu professor de marxismo’) iniciado em 1926, também ultrapassa os limites desta introdução e será tratada em outra ocasião. Adiantando sumariamente, pode-se dizer que assim como para Korsch, para Brecht os conselhos são o **cerne** do processo revolucionário. Dizia Korsch: “o conselho é na sua pura e conseqüente aplicação *socialismo prático*. Deveria prover a possibilidade de traduzir através do proletariado o ensinamento da ciência socialista como propagado pelos partidos socialistas dentro da realidade. A organização dos conselhos precisa ser construída e estendida de acordo com essas tarefas e objetivos, e precisa receber sua estrutura e compleição em um sistema conselhistas. Dado que a organização dos conselhos é a filha das épocas revolucionárias, nunca entrará fixa e acabada (*fix und fertig*) em belas frases paragrafadas, mas tomará sua forma externa e tarefas táticas de acordo com o desenvolvimento do processo revolucionário e as demandas da corrente situação revolucionária a qual **necessita se conformar.**” (Korsch, K.; *Neue Zeitung*, 5 de outubro de 1920 in “Karl Korsch: Revolutionary Theory”; University of Texas Press, Texas, 1977, p.18)

<sup>36</sup> Brecht, B. *Pequeno Organon para o teatro* in “Teatro dialético”, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967, pp. 201 -202

# ORGANIZAÇÃO DOS FRAGMENTOS

## A) Cronologia

Primeira fase de trabalho: agosto de 1926 até o verão de 1927.

Segunda fase de trabalho: setembro de 1927.

Terceira fase de trabalho: final de 1927/ começo de 1928 até abril/maio de 1928.

Quarta fase de trabalho e início do Comentário Fatzer: início do outono de 1928 até o final de 1929.

Quinta fase trabalho: final de 1929 até primavera de 1930.

Primeira edição impressa dos textos do Fatzer no *Versuche, Caderno I*: Junho de 1930.

## B) texto base : Divisão e subdivisão

### B.1

1a. Fase de trabalho :

Datilografados (A 1, A 2, B 7 – B 10) e manuscritos (A 3, B I- B 6).

2a. Fase de trabalho :

Datilografados (A6, B11) e manuscritos (A4, A 5, B 12 – B 16).

3ª. Fase de trabalho:

Datilografados (A 11 - A 24, B 28, B 30, B 31, B 33, B 34, B 38 – B 43, B 45- B 48) e manuscritos (A 7 - A 10, B 17 – B 27, B 29, B 32, B 35 – B 37, B 44).

4ª. Fase de trabalho

Datilografados ( A 32- A34, B55 – B65, B 68 – B 71, B 73 – B 75, B 77 – B 83) e manuscritos (A 25 - A 31, B 49 – B 54, B 66, B 67, B 72, B 76).

5ª Fase de trabalho:

Publicados em: *Versuche, Caderno I (Versuche 1-3)*, 2a. Edição (Impressão por Otto von Holten), Berlin: Kiepenheuer 1930, pp.23- 35 (B 84 – B 86).

Comentário Fatzer:

Datilografados (C2, C3, C5 – C8, C 10 – C 15, C 18, C 20 – C 23, C 26, C 28, C 29, C 32) e manuscritos (C 1, C 4, C 9, C 16, C 17, C 19, C 24, C 25, C 27, C 30, C 31)

### B.2

Fragmentos A (planos, esboços de fábula, reflexões sobre a concepção e outros)

Fragmentos B (textos da obra em um sentido mais restrito)

Fragmentos C (textos do comentário)

## COMPLEXO FATZER

### [1a. FASE DE TRABALHO ]

A 1

2

Os não engolidos pela batalha<sup>1</sup> sangrenta, devora o vento suave da cidade, antes que passe a semana

Sala. A mulher do Kiaul<sup>2</sup>. Paz. Noite

Quatro figuras grandes entrando

Kiaul e os outros três

Ficam a noite inteira

A invasão

A 2

Koch<sup>3</sup>, a dificuldade do justo, fazer todos convergirem. (Büsching<sup>4</sup>: Schweik<sup>5</sup> em material mais duro. Sempre quer ir para Passau.) Mellerman<sup>6</sup> quer todos para fora. Um é justo, um indiferente, um subjetivo.

A 3

E novamente, embora perscrutado por Fatzler<sup>7</sup> (talvez antes, no começo, não mais ou dificilmente quando se repete), esses sempre esbulhados, sempre espoliados de destinação própria, esses que estão na marcha serão arrastados para coisas estranhas...

A situação deve ser tanto alucinada quanto armada, já vista antes na visão, *construída* e com aspecto mecânico, já desde o início projetada, ensaiada!



Nada aprenderam senão sua solidariedade e é esta que os aniquila.

B 1

I

MADRUGADA ANTES DO AMANHECER

*Em um terreno bombardeado roda um tanque.*

*De dentro dele uma voz: Oi.*

*Sai um soldado.*

x Tem alguém aí?

*Dentro.*

y O que tem aí?

x Nada. Venha pra fora!

y O que disse?

x Aqui não tem nada!

y Estou ouvindo mal. Porque teve barulheira.

x Aqui tem silêncio.

*Saem dois soldados.*

y Nenhum homem! Todos os que estavam aqui desapareceram!

z É uma região errada!

y Vamos entrar de novo!

x Pra quê?

y Vão atirar de novo.

x Nunca. Desapareceram todos.

y É mesmo quieto aqui. Chegamos na lua!

x Schorsch<sup>8</sup>, tem alguma coisa aí pra fumar?

z Meio cigarro!

x *fuma*- Eu não faço mais guerra.

z Então vai ser fuzilado!

x Eu vou para o outro lado e vou perguntar onde eu posso ficar, até que acabe.

Eu quero dormir hoje.

y Eu também. Vou junto.

z Mas em que direção?

x Aqui! à esquerda. Nem pra frente e nem pra trás. à esquerda!

y É bom, que nós viemos por acaso para um lugar no mundo onde pudemos refletir por três minutos. Agora podemos voltar para casa!

z Então não quer desertar?

x Não, eu quero voltar para casa. Lá me conhecem

- Eu não acredito mais no Schmidt<sup>9</sup>, pois é bem capaz que ele tenha morrido

B 2

*X sai do mato.*

*x<sup>10</sup>*

É uma folha de jornal!

Diz aqui: que nós construímos

Muitas cidades! Sobre

O mar Atlântico, vinte

Andares de altura. De puro

Cimento e ferro! Tem

Uma foto aqui, eu conheço

Essas casas, eu as imaginei assim:

Eles dizem que querem reunir todos de novo.

- Mas há pouco estávamos todos juntos

Durante quatro anos!

B 3

FATZER

Pois estou me sentindo mal, acreditem em

Mim: estou me sentindo mal.

Já não posso fazer

O que me faz bem e a mim é predestinado

E aquilo que em nada  
Importa para vocês: que a chuva  
Cai de cima para baixo<sup>11</sup>  
Para mim  
É totalmente insuportável. Que no  
Alfabeto  
Venha o B depois do A e nada  
Mais, para vocês está certo  
Mas para mim é mesquinho demais.

B 4

- Fitzer, você tem de  
Fazer um cálculo,  
Com toda sabedoria e experiência  
De sua idade, que  
Não dá certo./

B 5

- Há pouco, quando a gente  
Andava pela ponte de ferro  
Às sete horas da noite e  
Por que não sabia  
O que fazer, paramos  
Contemplando a água  
Nós olhamos, Schmitt<sup>12</sup> e o  
Mellerman  
Para o lado claro  
Enquanto ele  
olhou para o lado escuro.

B 6

3

SOPA DE PÃO. MANHÃ.

Eles vão se safar, cada um por si.

Fatzer falava sombriamente do tempo vindouro.

Também existiam outras coisas, outros caminhos. Mas ele não os aconselhava a percorrê-los. Se cada qual cuidar de si próprio, todos comerão até se fartar.

Solidariedade. Seu empreendimento, um início.

Sua vontade só dá para o crime

FATZER *traz um jornal*<sup>13</sup>:

Aqui está a foto

Da nossa cidade de Nova York

Que nós construímos

Por cima de uma pequena água, do

Mar atlântico, uma nova

Cidade chamada Nova York

Casas como montanhas de metal<sup>14</sup>

E a eletricidade dourada

A ilumina noites afora

Fora feito

Por nossa estirpe ou por outra

Com ela assemelhada.

3

Ninguém quer ficar, mas Koch toma para si a responsabilidade.

Comêço:

Agora passaram-se cinco dias...

A MULHER (três vezes) Precisam de pão? Toalhas? Lençóis?

Quando o homem se queixa, Fatzer lhe diz, que ele precisava da mulher.

B 7

4

*Noite. Esquina.*

*Três esperando por Fatzter*

*A chance passa*

FATZER Aconteceu alguma coisa

MELLERMAN E amanhã?

FATZER Vou estar lá

KIAUL Vai acontecer alguma coisa?

FATZER Não

B 8

5

*Noite seguinte, mesma esquina*

*Três esperando por Fatzter*

*A chance passa*

FATZER

MELLERMAN

B 9

1

MADRUGADA ANTES DO AMANHECER

*Em terreno bombardeado*

*Um tanque emerge de uma cratera*

DE DENTRO DO TANQUE UMA VOZ

Oi!

*sai* UM SOLDADO:

Tem alguém aí?

Como depois do dilúvio<sup>15</sup>

*de dentro* UMA VOZ:

O que tem aí?

FATZER

Nada. Saia

*de dentro* UMA VOZ:

O que ele disse?

FATZER

Aqui não tem nada

*Do tanque saem três soldados.*

FATZER

Fiquem tranquilos, podem sair, aqui não tem

Nenhum homem

MELLERMAN

Nada

Como depois do dilúvio

NAUKE<sup>16</sup>

Nenhum fogo?

Nenhum ferro no ar?

Nós

Pegamos o caminho errado. Alegrem-se, é

Uma região errada

SCHMITT

Vamos entrar de novo

NAUKE

Por quê?

SCHMITT

Certeza que logo atiram pra cá

FATZER

Os que aqui estavam

Desapareceram e não atiram

Mais. Com o nosso fuzil

Chegamos tarde demais. Aqui é

Bom de sentar.

*Ele se senta debaixo de uma metade de árvore.*

Olhem aqui, quero lançar os dados

Com essa pedra clara e essa escura  
Se ainda saio desse inferno  
Se branca, saio  
Se preta, não mais<sup>17</sup>

*Ele lança.*

MELLERMAN

Preto

*Todos, exceto Fatzter, riem alto*

FATZER

Agora que eu sei que morro logo  
Também quero saber, se vocês vão viver  
Lancem também

SCHMITT

Isso não faço não, Fatzter, um dado desses  
É pior que fogo cerrado<sup>18</sup>

FATZER

Covardes

MELLERMAN

Tá bem, eu lanço

*Ele lança*

Preto

*Fatzter ri.*

MELLERMAN *para Nauke*

Está esperando o quê?

*Nauke lança*

Preto

*Para Schmitt:*

Não encare tão friamente, talvez  
Você seja eterno.

FATZER

Lance, cachorro

SCHMITT *lança os dados, mas mantém o punho fechado por um bom tempo:*

Antes

Quando você lançou os dados, Mellerman,  
Eu, na calada, soprei na concha da minha mão

E senti o meu hálito,  
Fedia a podre, aí  
Falei pra mim mesmo: vou morrer logo<sup>19</sup>

*Mostra aos outros o dado sem encará-lo*

FATZER *ri alto:*

Preto  
Todos preto, agora podemos  
Ser amigos de novo. Dê aí,  
Mellerman, seu tabaco. Eu fumo  
Esse que é o seu último, porque nós  
De novo somos amigos, pois agora  
Está determinado que logo  
Não fumamos nem vemos mais  
Uma dessas metades de árvores.  
Eu não faço  
Mais guerra nenhuma, agora eu vou é  
Direto pra casa, eu tô cagando  
Para a ordem do mundo. Eu tô  
Perdido

MELLERMAN

É, vamos

NAUKE

Mas em que direção?

FATZER

Aqui à esquerda. Nem pra frente  
Nem pra trás, mas sim pra esquerda

SCHMITT

Agora o fogo está aumentando de novo  
O barulho também

*Saem lentamente.*

B 10

BÜSCHING

Embarquem e prossigam!



Se acorda, bêbado como está  
E olha com seus olhos  
E não vê vocês! Faz picadinho de vocês  
E num poste  
Te amarra, Fatzter! Entre  
Está devorando a ração<sup>20</sup> para quê, Koch? Meio quilo de merda  
como se não fosse nada

Se ali ainda tem uma árvore que está pela metade!  
Pois tudo tem que ser raspado  
Para ficar vazio.

FATZER'

Se você não fechar o bico, Karl,  
O lugar onde você está é que  
Já já vai ficar vazio.  
Ontem o homem  
Que trouxe a ração falou: a guerra  
Acaba logo. Muitos  
Já não querem comer grama  
E se estragar  
O que seria humano.  
E talvez hoje mesmo  
Nem haja mais guerra nenhuma  
Eu  
Aconselho vocês: arrisquem.  
Deixem o tanque onde está  
E se escafedam. E se a gente encontrar alguém  
A gente abate

KOCH

Mas pra onde, Fatzter?  
À direita está tudo vermelho  
E pra trás está tudo queimando também  
E na frente está tudo quieto,  
O que é pior.

FATZER

Esquerda.

MELLERMAN

à esquerda é o mais tranquilo.

## [2a. Fase de trabalho]

A 4

Kaumann<sup>21</sup>/ Caldeireiro, mudo

Büsching/ Passivo mas perigoso, um Schweik<sup>22</sup> agressivo

Koch/ Justo, olho

A 5

I

2

Manhã!-

3

4

5

Ri

5a

Fatzer e Kaumann, manhã, se lava:

ainda tem outra coisa.

6

Tranquilidade

Büsching traz comida

Come junto?

Fatzer para fora

De repente os três: entre nós tem alguém que não conhecemos.

Trazem-no para dentro.

7

Mulher

8

Mulher, escadaria: o dono da casa

9

Noite, ele se trancou. Eles abrem (está tudo como antes), ele está se enforcando naquele instante. Faca - manhã!

10

Manhã: ele se foi. O homem os põe para fora. Fatzer com comida. Eles comem. O terceiro discurso de Fatzer sobre a liberdade<sup>23</sup>.

Muito daquilo que é violento vive<sup>24</sup>. História de algibeira. Passeio

11

Passeio

12

Julgamento

Sinos, canhões: Revolução

13

Carta, sinos

14

Morte, sinos

A 6

I

O buraco

2

A toca

3

Devorar

4

Presa

5

Segunda presa

6

Responsabilidade. Na sequência: as algibeiras

Três cenas: comida, a mulher do Kaumann

7

A comida que Koch traz, Fatzer devora. Quer comer junto? Sim, como junto

8

Mais uma vez, os três, pressionados pela fome, põem a mão no fogo por Fatzer

9

Fatzer está “doente”, eles mentem e perdem sua toca. Fatzer volta. Deu um sumiço nos passaportes. Divulga o passeio. Eles comem (ele não come nada - comprado com o dinheiro ilícito), cantam junto com o gramofone, ele dança e, por fim, propagandeia seu passeio de novo

10

A caminhada

11

A sentença de condenação

12

Fatzer recebe a carta. Ele leva consigo uma bisca<sup>25</sup> porque tem medo

13

A execução

*O máximo de tempo possível entrementes!*

**B11**<sup>26</sup>

SOBRE A DEPENDÊNCIA HUMANA DA NATUREZA

Sempre

O homem pensa que se mantém

Inalterável no mundo. O ar uma hora pode estar

Cheio de fogo, o chão

Ele viu quando vacilara. Ele se manteve

Sem alteração o mesmo e ao seu lado

Estava acostumado a ver

O homem totalmente inalterado. Errado

Chão ficou chão logo

Ar ficou ar, mas o homem

De temor se encolheu todo e

De tolice se expandiu

B12<sup>27</sup>

CORO FATZER I

Também havíamos visto atravessar

A nossa cidade, rápida demais e

Por isso quase visível

A justiça, para execução urgente

Com rosto besuntado de sangue

Protegida excessivamente por homens  
Com chapéus férreos<sup>28</sup>.  
Escutando uma voz entre  
Canhões e lobo<sup>29</sup>  
Nos perguntamos, se essa seria  
A voz da justiça.

CORO FATZER 7<sup>30</sup>

I

A injustiça é humana  
Mas mais humana  
A luta contra injustiça!  
Fazei-a mas também detenham-se  
Na frente do homem, deixem-na  
Incólume, o assassinado  
Não pode mais ser instruído!  
Faca, não raspe  
A escrita com a impureza,  
Senão tu obterás  
Somente uma folha vazia,  
Coberta de cicatrizes!

2

Uma tal folha pura  
Coberta de cicatrizes, deixem-nos  
Inserir enfim no relato  
Da humanidade

B 13

I

KAUMANN

Faço o que vocês fazem.

FATZER

Desde o mês passado/

Não tenho mais vontade e fico de olho/

Num buraco<sup>31</sup> pra que eu possa sair/

Como não gosto mais da minha comida

Era eu/

Que ficava de pé atrás de um canhão

Como

Se ficasse atrás de qualquer outra coisa, eu era a favor do

Trabalho bem feito/ mas há um

Mês estou farto<sup>32</sup> e

Vocês façam o que quiserem

Eu vou me escafeder

P o r q u e a l i t e m u m b u r a c o !

BÜSCHING

Eu penso que Fatzer está certo

A gente se põe em marcha

Se conserva um pouco à esquerda e quando

Chegar em algum lugar, fica lá.

A pátria é boa no mapa, mas agora lá/

Tem um buraco por onde a gente pode escapar

FATZER

O que faz um homem atrás de um

Canhão, se ele não tem vontade<sup>33</sup>

E tem uma coisa que não

Digo com gosto, como você pode imaginar:

Eu não gosto de ficar sozinho<sup>34</sup>.



B 14

13

GAROTA

Sabe o diabo por que te  
Enfio aqui comigo,  
E vejo com gosto quando  
Suga<sup>35</sup> a minha sopa  
E me trata na cama como alguém  
Que ao mesmo tempo fumasse  
Alguém como você é pra muitas,  
A visão derradeira

FATZER

Tem uns aí que grudam em mim  
Que nem porcaria em cachorro. O que  
Faz eles grudarem em mim, eu não sei.  
Se eles vierem/ Eu não estou aqui<sup>36</sup>.

GAROTA

Tá com medo deles, pequeno?

FATZER

De jeito nenhum. Deixe a porta fechada!

GAROTA *abriu a porta*

Escuta a atiraiada<sup>37</sup>  
E o alarme! Aí tem!

FATZER *levanta*

Abra! Estão atirando?  
Foi  
O que eu disse  
É a gente atirando!  
Johann Fatzer/ eles já estão aí e  
Eu vou me apresentar!

A MULHER DE KAUMANN *do lado de fora*

Aqui mora alguém chamado Fatzer?  
Então dê a ele esta carta!

FATZER

Dá aqui! Marie!

Diga pra eles agora que

Tá<sup>38</sup> tudo em ordem, que a gente

Logo vai se ver e que eles devem

Cair fora!

GAROTA

Ela ouviu e

Se foi.

FATZER *lê*

Querido amigo,

onde está você?

É que nós precisamos de você.

Por isso volte e

Vamos conversar sobre o que está havendo entre você

E a gente, é que não existe mais

Nada!

Seus amigos

GAROTA

É daqueles que

Grudam em você que nem porcaria em cachorro?

E você tá de pé na hora?

FATZER

Pelo que estou vendo, estou de pé<sup>39</sup>.

GAROTA

Mas é como se a porcaria

Assobiasse e o cachorro fosse atrás!

FATZER *bate nela*

Toma, pra

Você não se meter mais quando

É coisa de homem

E agora pega sua mala,

E enfia a

Roupa como se estivesse de mudança

Porque nós vamos  
Para uma velha moradia e vamos morar  
Lá  
Quase até a eternidade!

GAROTA *arruma a mala:*

E o que é que eu vou fazer lá?

FATZER

O que é grande  
Nem sempre é grande, mas de vez em quando  
É diferente, mesmo que nunca seja pequeno<sup>40</sup>.  
Falando francamente: não  
Gosto de ficar sozinho. Por isso vou até lá  
Onde/ estão esperando por mim  
Mas também não gosto de ir  
Até lá sozinho, e por isso você  
Vai comigo pelo caminho. Vem!  
*Ambos saem.*

B 15

I

POR VOLTA DO MEIO-DIA

*Koch tomba.*

BÜSCHING

As pernas dele já eram.

Levanta, Koch

FATZER

Por que você não deixou

Ele deitado lá dentro

BÜSCHING

Pra ele tomar ar, gente não é cachorro, l e v a n t a

K o c h , s e u c a c h o r r o !

FATZER

Dá aguardente para ele.

BÜSCHING

É proibido, porque  
É a última ração de reserva.

FATZER

Dê a ele!

FATZER

Que dia é hoje?

KAUMANN

Quarta-feira

FATZER

Pronto, então é uma quarta-feira e

Estamos fartos.

BÜSCHING

Da minha parte, por exemplo, já na segunda-feira estava farto

De tudo o que há por aqui.

FATZER

Mas foi só na quarta

Que a gente se escafedeu, Büsching;

Na quarta. Agora

Segurem seus

Crânios nas mãos,

E prestem atenção: hoje, quarta feira, eu,

Fatzer, e vocês, Büsching, Koch e

Kaumann, vamos cair fora desta guerra

Que já não nos importa agora

E nada de ir atrás, mas sim

Para frente, para que eles venham

Atrás de nós pra ver as carcaças emporcalhadas da gente

E lá na frente, mas lá na frente

Tem um buraco, isso eu estou vendo.

BÜSCHING

Você não pode atravessar por ali!

Nosso inimigo hereditário<sup>41</sup> está ali.

FATZER

O inimigo hereditário está na nossa frente, e

Atrás também. É o que esta

Quarta feira me diz.

BÜSCHING

Cuzão

FATZER

Isso é do homem

*Ri.*

KAUMANN

E o que vai ser

Dessa charanga<sup>42</sup>?

FATZER

Pode ficar aí até

O ano novo e falar

Quando a próxima mina<sup>43</sup>

Passar por aqui: eles

Cagaram dentro de mim! E

Isto rabiscado do lado de fora

*Logo depois escreve no tanque.*

Merda!

E agora avante!

KOCH

Avante pra onde!

FATZER

Pra esquerda! Seus cuzões!

Os três atrás de Fatzer!

BÜSCHING

Essa foi nossa mamãe, a

Guste de ferro<sup>44</sup>, que

Nos pariu!

FATZER

Avante!

*Sai.*

FATZER

Bom, agora, assim como eu estou fumando  
O que você não me concede  
Büsching, encha a cara com toda a sua  
Aguardente proibida  
E como estou vendo que  
Fomos riscados  
Acima e abaixo, estou vendo nitidamente.  
Ainda que eu julgue vocês heróis,  
Fico farto e  
Tem um buraco ali!

BÜSCHING

Isso aí é rocha pura

FATZER

Rasteja para dentro!  
Rasteja ali! Não está  
Vendo ali uma encomenda  
Trazida pelo vento?  
Rasteja, estou dizendo!  
*Ri.*

É que

Isso não é rocha nenhuma, isso  
É um ponto. Esse é o ponto  
Mapa 711, seus bovinos!

2

REGRESSO. PRIMEIRO DISCURSO DO FATZER

MULHER

Mulher é assim, sabe, não  
Precisa  
Só de gororoba e  
Coisa e tal e esse negócio aí de amor  
Isso aí é coisa para abonado<sup>45</sup>, mas que

à noite ela precisa de alguém

Que faça com ela, até

Os médicos já disseram isso!

MULHER DO KAUMANN

Eu tenho um homem, é isso que está dizendo

Seu nome ali na porta.

MULHER

E consta na lista

Dos desaparecidos.

Com o nome

Você não pode ir pra cama.

Mas eu tenho um irmão que

Tá sem emprego.

MULHER DO KAUMANN

Aqui só tem um quarto, não

Tem espaço pro seu irmão não. Você

É uma desavergonhada<sup>46</sup>, e

Porque você é uma puta que

A OUTRA

Sua buceta também é uma puta!

MULHER DO KAUMANN

Você só pensa nisso

Mas enquanto eu não tiver uma sopinha

Na mesa

Fico de um jeito que não consigo nem

Ficar sentada e felizmente

Não tem ninguém que

Deite em cima de mim!

Quem tá aí fora,<sup>47</sup> não vou

Abrir!

KAUMANN

Abra. S o u e u!

MULHER DO KAUMANN

V o c ê tá vindo de onde?

KAUMANN

Estes são meus amigos.

FATZER

E você trate eles bem.

Com comida e

E o que tiver aí

E tem que ser agora!

KAUMANN

É, o que é que você tem para comer?

MULHER DO KAUMANN

Está de licença? Para

Chegar tão de repente...

FATZER

Pode se chamar de licença.

Mas quem muito pergunta

Muito escuta.

KOCH

Não tem muito lugar aqui!

BÜSCHING

Se não está gostando, passe dessa<sup>48</sup>

Para lugar melhor. Na caserna

Eles abateram pra você,

Koch!

FATZER

Umas cobertas com certeza você tem

Todo mundo tem.

BÜSCHING

É, vamos colocá-las no chão.

E ninguém precisa dessa cortina aí<sup>49</sup>.

MULHER DO KAUMANN

Vai ficar todo mundo aqui?

FATZER

Sim. Todos.

MULHER DO KAUMANN

Você quer que eu diga aos seus amigos



Que tá aqui? Eles vão querer te ver!

FATZER

Não, ele não tem amigos

Que queiram vê-lo, só a gente.

BÜSCHING

É uma cadeira. Aqui

Dá para sentar.

*Se balance.*

MULHER DO KAUMANN

Aí está o pão e a sopa

Do almoço. Você fica com

As batatas, Gottfried<sup>50</sup>,

Ainda continua com muita fome?

*Eles comem.*

FATZER

Enquanto andava pelo vagão

Eu vi

Que todo mundo tá descontente,

Eu gostei disso.

KOCH

É, daqui a pouco começa

A gente só precisa esperar.

BÜSCHING

E segurar as pontas.

*Riem.*

FATZER

Quando começar a gente tem que

Ficar junto.

KOCH

Se nos pegarem sozinhos

Acabam com a gente. Não devemos prosseguir mais, é aqui

Onde estão mais descontentes, na fronteira e: onde

Estão as fábricas<sup>51</sup>!

FATZER

Sim. Aqui. Então

Decidimos

Que ficamos lado a lado,

E você não vai pra Passau<sup>52</sup>

Koch

BÜSCHING

Nem eu para Liegnitz<sup>53</sup>.

MULHER DO KAUMANN

Até amanhã eu procuro

Onde possam ficar.

FATZER

Não precisa.

Amanhã ainda não vai começar

E enquanto isso, ficamos aqui com

Você, engula isso de uma vez

E não tente nada! Não

Adianta! em que época estamos

Agora? Primavera<sup>54</sup>! Isso ainda pode

Demorar. Mas mantive os

Olhos abertos e vi que

Está surgindo uma nova época

E com o povo

Algo nunca visto

E tem gente andando por aí que

Não se via antes. Isso

Acontece

Porque tudo o que está embaixo

Está subindo

Onde antes

Tinha um homem e mais outro,

Agora há a massa, um

Homem-massa<sup>55</sup> e todos ficam

Juntos

Não voltam mais para as casas  
E tem comida suficiente para você,  
Kaumann, e para você está tudo em ordem,  
Koch, porque você tem essa paixão, de  
Que tudo  
Deva  
Estar em ordem.  
E isso não é  
Porque existe um Deus, pois isso  
Não existe, mas sim  
Porque o homem avança para  
O conhecimento  
De que primeiro vem a comida<sup>56</sup>.  
E eu me responsabilizo por  
Apanhar comida para vocês até este momento chegar e pela  
Sobrevivência  
Pois estamos agora  
No limiar da terra  
Que nos pertence.

KOCH

Eu fico ali  
Na esteira.

MULHER DO KAUMANN

E eu, durmo onde?

BÜSCHING

Na sua cama como sempre.

MULHER DO KAUMANN

Com todos vocês deitados aí?

KAUMANN

à noite é escuro.

A MULHER DO KAUMANN

Talvez eu quisesse conversar com você,  
Depois desses três anos.

FATZER

Amanhã.

KAUMANN

E de onde a gente vai tirar a

Comida?

FATZER

Amanhã.

3<sup>57</sup>

FATZER ARRANJA PÃO

FATZER

Ei camarada! Me dá fogo!

SOLDADO

Tem um cigarrinho<sup>58</sup>?

FATZER

Noite bonita!

Onde tão as meninas<sup>59</sup> daqui?

SOLDADO

Sei lá. Na rua do comedouro<sup>60</sup>!

FATZER

Carguinho bom o seu, hein<sup>61</sup>

SOLDADO

Vamos pra guerra depois de amanhã

O que você realmente quer?

FATZER

A guerra não é bem uma noite de núpcias.

SOLDADO

Uma sarna<sup>62</sup>

FATZER

Fuma um?

SOLDADO

Saca um aí.

FATZER

Uma aí me disse que você conhece

Bem os trens por aqui e não

É de deixar os outros na mão.

SOLDADO

Pode ter mentido.

FATZER

Tá certo. É o seguinte, preciso de provisão.

SOLDADO

Eu também.

FATZER

Não pra mim. Somos quatro.

SOLDADO

Onde está sua companhia?

FATZER *indica*

Aí!

SOLDADO

Não confio em ninguém.

FATZER

Em v o c ê eu confio. É o seguinte, somos

Quatro. E só podemos sair ao escurecer.

SOLDADO

Não tenho nada com vocês.

FATZER

Claro que não. Ninguém tem nada com ninguém.

SOLDADO

Isso mesmo, camarada.

FATZER

A gente pode esticar as canelas.

SOLDADO

Por que não?

FATZER

Sim, sim, por que não?!

SOLDADO

É o seguinte: não vou dar nada pra vocês

FATZER *berrando*

C l a r o, n a d a! - Está gostoso

O cigarrinho?

SOLDADO

Como vocês saíram?

FATZER

Não foi fácil.

SOLDADO

Imagino.

FATZER

Amanhã à noite vamos te encontrar.

Mas não por aqui, onde não tem ninguém, mas sim

Ali na frente, onde está cheio de gente. Pois

Pra você a coisa é perigosa.

SOLDADO

Vai cuidar da sua vida!

*Sai.*

4

FATZER É DETIDO

KOCH

Este aqui é o local.

BÜSCHING

Queria que o Fatzer tivesse

Vindo com a gente, e não sozinho.

KOCH

Melhor sozinho. Caso

Peguem ele.

BÜSCHING

O Fatzer ninguém pega.

Mas qual deles é que

Vai nos ajudar?

KOCH

Isso não se sabe.

Você acha que o Fatzer

Se atrasa?

BÜSCHING

Esse é um cachorro condenado

Quando se trata de pontualidade!

KOCH

Mas ele vem.

BÜSCHING

Quando os tambores rufarem, o homem tem que  
Ir para a caserna, aí a provisão  
Foi pro vinagre.

KOCH

Antes de rufarem, o Fatzer chega  
E o homem  
Já está por aí com certeza

BÜSCHING

Com certeza está entre eles.  
Mas também, agora já é tarde.  
*Tambores rufam.*

BÜSCHING

Agora foi pro vinagre.

KOCH

Alguma coisa aconteceu com o Fatzer.  
Tem que.

BÜSCHING

Isso não.

KOCH

Então ele é um cachorro que  
Deve ser abatido.

Fatzer *chega:*

Vocês tão aí?

BÜSCHING

Onde estava?

FATZER

Fui detido.

KOCH

E agora, a provisão foi pro vinagre?

FATZER

Amanhã será outro dia. Quem sabe  
Usem outro tom  
Se forem falar comigo  
Se não precisarem

KOCH

Não precisamos de outro tom

Você é que

Deve estar aqui quando necessário.

FATZER

Ah é?

BÜSCHING

E amanhã? Vai estar

Aqui?

FATZER

Vou

KOCH

E nada vai te deter?

FATZER

Não<sup>63</sup>.

5

A SEGUNDA NOITE

KOCH

Onde está o Fatzler?

BÜSCHING

Ele estava aqui do meu lado.

Disse que tinha de

Tirar a água do joelho<sup>64</sup>.

BÜSCHING

Agora já passaram muitas.

KOCH

Talvez aquele ali, o do

Cocuruto?

BÜSCHING

Não pode ser.

KOCH

Mas ele



BÜSCHING

Esse daí  
Tem muito mais cara  
De alguém que possa nos ajudar

KOCH

Se Fatzer selecionou  
Aquele que era confiável  
Deve ser possível reconhecê-lo pela aparência. Senão:  
Como o teria reconhecido?  
*O soldado passa.*

BÜSCHING

Esse não poderia ser!  
Ele parece uma chaleira de ferro!

KOCH

Sim, esse é um homem duro.

BÜSCHING

Mas onde foi que o Fatzer se meteu?  
Quando teve um imprevisto  
Vocês não deveriam ter esculachado<sup>65</sup> ele

KOCH

Você que esculachou.

BÜSCHING

Não minta!  
Mas ele não se atreveria.

KOCH

Então nada mais pode nos ajudar.  
O trem de provisão viaja para o  
Campo de batalha.

KAUMANN

Com a comida. *Rufam os tambores*

BÜSCHING

Sangue sujo<sup>66</sup>! Foi!

FATZER

Ainda estão aí?

KOCH

Por que, Fatzer, por que você não

Veio?

FATZER *ri.*

6

FATZER TEM UM JORNAL E FALA SOBRE NOVA YORK

KOCH

De que adiantou? Agora

A gente fica feito ratazanas

Rodando nesta toca que não tem provisão

Nenhuma. Eles vão acabar nos

Arrancando daqui. A gente não pode lutar

Contra todos.

BÜSCHING

Assim não.

KAUMANN *traz um pacote:*

Tem umas rutabagas<sup>67</sup> aqui.

BÜSCHING

Cozinhar! Cadê a mulher?

KOCH

Trabalhando. Cozinhe você!

BÜSCHING

Passa pra cá!

KAUMANN

Estou experimentando pra ver se estão frescas!

*Morde uma.*

BÜSCHING

Tem duas carcomidas aí.

Foi v o c ê quem fez isso?

KAUMANN

Já estavam assim.

BÜSCHING

Porcaria que estavam. Você

C a r c o m e u .

KAUMANN

Mas se foi eu que arrumei!

KOCH

E isso quer dizer que você pode car-

côme-las! Cospe fora o que você

Tem na boca!

KAUMANN

Vem pegar!

BÜSCHING *puxa sua cabeça para trás:*

Cospe fora!

KOCH

É pelo princípio<sup>68</sup>!

KAUMANN *cospe na cara de Büsching:*

Toma aí!

FATZER *começou a comer:*

Vocês foram feitos um para o outro!

KOCH

Cozinha primeiro!

BÜSCHING

Come também! Eu não vou

Esperar!

KOCH

Aí fica peidando!

FATZER

Isso não se faz. Pelo

“Princípio”!

*Eles comem.*

KOCH

Tudo está quieto, aonde

Quer que se vá! Nem sinal

De nada! E a gente

Perdendo o fôlego!

*Eles comem*<sup>69</sup>.

A MULHER DO KAUMANN

Todo mundo comendo? Não precisam

Mais de colher,

Duas colheres? Está

Satisfeito,

*para Kaumann:*

Precisa

De mais nada não? Bom, se

Você não fala eu vou

Falar, e se você nunca está

Sozinho, vou falar na frente

Deles que estão aí se car-  
comendo.

*Para Fatzter:*

Mas você, eu odeio

Mais que todos, pois você

Podia procurar o que comer<sup>70</sup>.

Pergunto a vocês: vocês não

Querem dar uma olhadinha no ar livre<sup>71</sup>

De vez em quando, ou dar uma saidinha para

Eu ficar com meu homem

Sozinha, eu digo pra todos:

Para ele tatear as minhas

Pernas, só por uns

Minutinhos,

Me desculpem enquanto isso

Eu tenho esse direito.

KAUMANN

Fecha a matraca! Não

Tem vergonha?

A MULHER DO KAUMANN

É bem ela que me falta. Quando

Eu tiro sua comida

Você fica furioso. Mas

O que devo fazer?

KOCH

Fiquem de pé, peguem seus

Pratos e comam lá fora.

KAUMANN

Podem ficar aqui

Presta atenção, quando como capim

Não sinto desejo por mulher! E

Pronto.

A MULHER DO KAUMANN *sai*.

FATZER *sai*.

KOCH *de repente*:

Entre nós tem alguém

Que come e não faz nada.

Ainda não conhecemos ele.

Mas chegou a hora em que

Temos que conhecer todos.

Pois ninguém sabe

Se a gente ainda vai estar no mundo

Amanhã! Por isso

A gente quer testar ele e

Por causa disso pergunto a vocês: estão

Preparados para arriscar o que temos, para ver

Em que pé ele está?

BÜSCHING

Você é do tipo que persiste batendo

A cabeça na parede.

O homem não é como

O cascalho que nunca amolece.

Estou te avisando, Koch!

KOCH

E você é daqueles que

Precisam ser esfolados porque

Aturam tudo! Não

Façam isso comigo, vocês, vocês que  
Falam e não dizem nada.  
A verdade é que não  
Dormi mais desde que um  
De nós não esteve lá, ele  
Disse: eu vou. Isso  
Pode lhe custar o pescoço.

BÜSCHING

Quando você teve aquela febre  
Ele não disse palavra e  
Carregou você até o trem.

KOCH

Mas por quê?

BÜSCHING

Talvez ele só faça  
O que lhe dá na veneta.

KOCH

Então a gente precisa  
Arrancar essa lepra com as unhas.

BÜSCHING

Você é um homem muito apressado,  
Koch!

KOCH

É porque sei disso que  
Sou o mais devagar. E  
Por isso quero que a gente  
Dê uma chance a ele. Vamos<sup>72</sup>  
Lhe entregar nossos passaportes  
E o dinheiro que ainda nos  
Resta, daí ele percebe  
Que a gente confia nele  
E não vai nos desapontar.

BÜSCHING

Não vejo isso  
Isso não tem importância nenhuma pra ele.

KOCH

Você não conhece o plano dele

Mas sei como ele é.

BÜSCHING

Se for um traidor

Não pode ficar entre nós.

KOCH

Passem pra cá suas coisas!

*Eles entregam suas algibeiras.*

KOCH

Fatzer!

*Fatzer chega.*

Onde você estava!

FATZER

Fora

*Atrás dele a mulher do Kaumann.*

KOCH

Não sabemos o que

Vai ser de nós porque

Não temos mais o que devorar. Aí

Esvaziamos nossas Al-

gibeiras para você

Guardar o conteúdo, pois

Um é mais seguro do que quatro

E você sempre foi o

Mais seguro.

FATZER

Koch, você é

Cachorro ruim, eu

Te conheço.

KOCH

Portanto não quer aceitar?

FATZER

Mude de idéia, te

Dou um minuto.

BÜSCHING

O que quer dizer isso, Fatzer?

KOCH

Pega o que a gente tá te dando.

Nós temos confiança.

FATZER *pega*:

Bem, passem pra cá o que vocês tem!

*Ri.*

7

F o m e cada vez maior!

Kaumann devorou separadamente

Koch muito fraco

Letargia

A mulher chega

Antes disso: Fatzer quer a mulher

8

Kaumann pra lá e pra cá com a faca

Büsching faz o mesmo em seguida

Fatzer não quer mais tocar na mulher

BÜSCHING

Tudo como dantes

Koch, quando você come

Você caga, à noite você

Tem dormido o mais tardar lá pelas onze horas

O que você tem.

KOCH

Você não entende. Mas eu

Te digo: é uma batalha, em

Que nos metemos, e que está

Longe de acabar!



KOCH

Que você dê olhadas de soslaio  
Quando o mundo está saindo dos  
Eixos, é por culpa disso que eu  
Estou aqui sentado invejando a carne  
Na tua bocarra!  
Deviam te fuzilar à noite como  
Fuzilam um cão que não se  
Importa, se...

KOCH

Mas não descanso, quando  
Reparo que isso não vai dar  
Certo, até exterminar ele  
Como um sarnento,  
E colocar uma placa em cima:  
“Aqui foi levado a sério.”

KOCH

O dia não veremos  
Mais, estaremos no entanto  
Equipados  
E com armamentos de campanha até  
Os dentes, quando  
Nos acertarem, antes que  
Sejamos encontrados. Para isso como  
O ranho e  
Não durmo<sup>73</sup>.

B16

ENTRECENAS: O POVO<sup>74</sup>

A

SOLDADOS CONDUZEM UM PRISIONEIRO

O HOMEM Se me conduzirem até as autoridades agora, fiquem sabendo: sou alguém que esteve do lado de vocês<sup>75</sup>.

SOLDADO Eu denunciava, se estivesse do nosso lado

HOMEM Esperem um bocadinho.

SOLDADO Tá com medo agora?

HOMEM É, também estou. Mas não falo por isso<sup>76</sup>. Só queria que esperassem um pouco, para falar a vocês como está agora a situação do mundo<sup>77</sup>; pois isso vocês não sabem.

SOLDADOS *riem*: Muito bem, nos diga como está a situação do mundo!

HOMEM Os pobres estão sendo explorados e os

O SOLDADO Então tá, agora continuamos andando.

O HOMEM Parem! Mas explorados de todos os povos começam a compreender que estão do mesmo lado e que a guerra é contra eles.

SOLDADOS Algo assim já foi feito em algum lugar?

HOMEM Foi. Na Rússia.

SOLDADOS Não são criminosos?

O HOMEM Não. Pobres.

SOLDADO Mas você, quer que a gente te solte, não é?

O HOMEM Você não entendeu o que eu disse? Só quero que vocês saibam que logo vai chegar a hora de vocês também.

SOLDADO Mas se é assim como diz, se os pobres são tantos, porque então você, que é tão esperto, vai ser morto?

HOMEM Porque senão vocês é que serão mortos!

SOLDADO E você não vai ser fuzilado?

HOMEM Vou.

SOLDADO Podemos ir agora?

HOMEM Sim, agora podemos ir<sup>78</sup>.

B

TREM

SOLDADO Estão dizendo que agora o pessoal lá de cima tem um novo plano, que é tão bom, que t e m de vingar. É o seguinte: Eles pretendem irromper de uma vez só num único ponto com os esquadrões e tudo mais, e então avançar pra todos os lados. É um plano tão refinado que a gente se maravilha que o cérebro humano seja capaz de conceber uma coisa dessas.

SEGUNDO SOLDADO Mas de nada adianta pra eles, Josef, o artifício deles é vão. P o r q u e não podem exterminar o povo com nenhum plano do mundo. Porque ele aguenta tudo, os planos mais refinados, tudo. Não só quando impedem e acorrentam os filhos do povo, os filhos heróicos, mas também quando os mandam pelos ares, não adianta nada, ele não dá um pio e aguenta mesmo o plano mais inteligente que os generais fazem no cafezinho, até isso o povo aguenta. É que, quando a obediência é gerada, são as tripas que rebentam, mas não a paciência.

PRIMEIRO SOLDADO Se você gritar mais alto, suas tripas é que vão arrebentar.

SEGUNDO SOLDADO Quando a gente estava na Polônia e achou na mochila daqueles russos que a gente mandou pras cucuias, um monte de panfletos com conteúdo subversivo, impressos em alemão. Foi a única coisa que a gente ouviu sobre a situação do mundo e pra isso a gente todas as vezes tinha que primeiro fuzilar alguém. A gente não é entendedor.

PRIMEIRO SOLDADO Não sei, a gente é que nunca pensou com a própria cabeça.

SEGUNDO SOLDADO Isso é muito da idiotice, o que você tá falando! Os que pensam com a própria cabeça é que a gente tem que fuzilar primeiro. Os que levam a gente pelo cabresto é que pensam com a própria cabeça. Revolução não passa onde só tem gente que pensa com a própria cabeça<sup>79</sup>, isso é o que você não tá entendendo. A força da gente é que a gente não pensa com a própria cabeça. Aqueles entre a gente que agem com selvageria e que de sua cabeça tem sentença firme, tem que sumir primeiro se a gente quiser se manter limpo, eles primeiro. Se não o mundo não vai mudar.

PRIMEIRO SOLDADO Você só tá dizendo tudo isso porque não entende como é que eles cortam um pedaço da própria carne<sup>80</sup>.

SEGUNDO SOLDADO A esperança é essa, a de existir gente assim, que não entende nada do que precisa entender, com isso assim a lama fica<sup>81</sup>.

### [3a. FASE DO TRABALHO]

A 7

*A Rosa*<sup>82</sup> *Kaumann*

é estuprada

*Kaumann*

devorador e pessimista

*Büsching*

carnal, em toda parte tirando o melhor partido, ardiloso

A 8

Repentinamente aparece e quer ajudá-los. Eles desconfiam, ele os perdoa por isso.

“Estou vendo que não acreditam no que falo: não tem nada não.”

Num dia desses, afirma, ele entrou numa briga “contra três, que querem saber de tudo muito exatamente”. Uma briga de foice; em que tudo está planejado!

Então reaparece totalmente esfarrapado, depois de ter “brigado”<sup>83</sup> com alguns Rowdys<sup>84</sup>.

“É mesmo, me esqueci completamente

Que tinha uma briga com esse aí!

Quero me reconciliar com ele completamente

Sem demora...”

A 9

Conversa de boa qualidade Fatzler-Koch: são amigos.

(4)

Nesta Fatzler diz a Koch aquilo que dissera no primeiro esboço da prostituta<sup>85</sup>: ele não podia viver sozinho.

- Eu preciso de quatro pulmões para respirar.

I

Liquidação da guerra

2

Regresso

3

Orientação e primeira tentativa

4

Segunda tentativa: trabalho de casa<sup>86</sup>

5

Terceira tentativa: expropriação<sup>87</sup>

6

Declínio

*Esquema de uma cena*

2

1) Mulher aos gritos

2) Os hóspedes

Cumprimento: só do homem

3) A refeição

Ao entrar ela vê quatro sentados à mesa

4) Os discursos

Fatzer indica no seu discurso que Kaumann não pode foder enquanto os três estiverem no quarto.

2/3

Ela busca um pão, banha, sal e a carne de uma semana

*A mulher*

Ela suspeita primeiro dele porque o reconhece.  
Então ele a fode e ela fica como uma cadela.  
Ainda em seu processo ela o defende - mas é só um  
lamento pelo "belo animal"<sup>88</sup> Fatzer". - Ela ergue o braço  
para sua condenação.

-Eu dormi com este e aquele

*Büsching*

Um materialista indiferente, é quem mais o defende, só ele tem humor. É também  
aquele que o previne, mas Fatzer parece não ouvi-lo e é quem mais ele despreza.

- Eu não sei quem vai vencer  
Nesta luta  
Mas quem quer que vença - Fatzer está  
Perdido.  
E de agora em diante e por toda uma época  
Não haverá mais vencedor  
No mundo de vocês, mas somente  
Vencidos.  
Quando vocês duvidaram de mim  
Eu me perdi.

Eles brigam pela mulher, mas depois precisam sair, mas daí escutam:  
Chuva.

- Se não chovesse  
E não houvesse gelo nem  
Frio de manhã cedo  
Tudo ficaria como está!

2

Mas nós queremos nos  
Sentar à margem das cidades e  
Esperar por eles. Pois agora há de  
Vir um bom tempo. Pois logo  
Surgirá o novo animal que  
Nascerá para redimir o homem.

4 e 5

Centro de temor da peça.  
Enquanto são acometidos pela fome, o teto sobre suas cabeças se vai,  
seu melhor camarada os abandona e eles se desunem por causa do Sexus.

Deliberações oscilantes vão e vêm. Anarquia. Embrutecimento. Depois se constitui uma espécie de soviete<sup>89</sup>.

A desunião leva ao sistema de voto da maioria: “Muito fracos para nos defender, passamos para o ataque.”<sup>90</sup> Diante do interesse ameaçador do ambiente por eles, sempre mais desesperados por atividade revolucionária, Koch luta sob essa divisa.

*Koch*

começa então a utilizar todas as dificuldades que surgem para o revolucionamento - queda de Fatzer, crescente atenção sobre a casa, fome, individualismo sexual, compulsão à propriedade de Kaumann etc. - de forma consciente (cínica).

4 Fim:

a *NEP*<sup>91</sup>

*KAUMANN*

Arrebenta, em 4<sup>92</sup>, num paroxismo de propriedade, eles se reúnem em conselho, sentados em torno de uma mesa, anoiteceu, alguém expõe teses revolucionárias sobre a liberdade do Sexus<sup>93</sup> e: o de que alguém precisa, tem de se deixar<sup>94</sup>. Mas aí eles têm que ir para fora e lá fora há- Chuva. As teses são retiradas, mas em seguida a fome entra em discussão.

Já que Koch se foi, são somente três (com a mulher) que julgam Fatzer.

- Eu aponto estas duas lacunas na mesa,  
Porque nosso camarada que provavelmente  
Pode discursar melhor do que eu não está mais aqui  
Agora que provavelmente não está mais  
Entre os vivos, e u preciso  
Agora c o n t i n u a r o discurso<sup>95</sup>.

*Fatzer pede a eles para amarrá-lo*

A 10

*Coro Fatzer*

Não conservar de modo algum uma cena naturalista, talvez:  
*Sucessivamente*, sem transição, simplesmente entrando e saindo,  
cada um dos três fala com Fatzer.

Ou: (em 5)

Como um soviete<sup>96</sup>! Grupos agitados, conselhos contínuos, reunindo-se dia e noite.  
Novas deliberações. Que se alteram. Sempre uma nova situação.

Introduzidas pelo:

*Havia despertado terrivelmente alterado<sup>97</sup>*

A 11

Ao regressar da guerra para casa, os quatro só chegam até o território ocupado. às suas costas surgiu algo novo na pátria. Eles se destroçam.

Três discursos de Fatzer<sup>98</sup>

Eles falam muito pouco. Coros (...terrivelmente alterado<sup>99</sup>)

Sua iniciativa é estilhaçada pelo novo que chega.

A cidade não se envolve. Os soldados de ocupação



A 12

I

Quatro saem da guerra

2

Chegam na fronteira

3

Dois querem ir para casa, mas o terceiro diz que devem ficar (talvez não queira ir porquê ele quer a mulher do quarto homem, por isso os outros devem ficar). O motor do avião. Primeiro discurso de Fatzer: sobre a solidariedade<sup>100</sup>

Ela: Isso é perigoso. Ocupação. Ele: enquanto permanecer numa casa, ele é pior que dinamite. Antes de buscá-lo, é preciso ter um comprador

4

Campo de aviação: Os três esperam por Fatzer em vão

5

Ele reclama a mulher

6

O comprador. Campo de aviação. Eles trazem o motor. Fatzer não chega. O comprador vai embora. Eles precisam levar o motor para casa

7

Visão de Fatzer. Ele possui a mulher

8

Havia despertado terrivelmente alterado<sup>101</sup>. O plano dos três  
Eles se colocam em suas mãos

9

Três ações

A 13

1

Quatro soldados interrompem a guerra

2

Surgimento em Mülheim<sup>102</sup>. A invasão

3

Fatzer sai para saquear

4

Primeira falha de Fatzer. No trem de provisões

5

Segunda falha. Introduzida pelo monólogo de Fatzer

6

Eles entregam em suas mãos as rações saqueadas nos outros dias

Ele come tudo porque vê que o observam

“Vamos nomear este dia o sábado da carne, porque cem contra um-  
depois voltamos a isso<sup>103</sup>”

7

A mulher. Fatzer satisfaz seu egoísmo natural

8

Grandé empreendimento de Fatzer- a expropriação<sup>104</sup> das usinas Phönix

Ele é de novo como antes

Irmandade de sangue

Eles devoram a ração, ele persuade onze soldados que os surpreendem. A chave

Ele entra. Se tranca. Quase se enforca. Eles o tiram de lá carregado

9

Outubro, 17<sup>105</sup>: Depois de um ano e meio a primeira notícia autêntica, confraternização.

A mulher açula Fatzter. Eles riem

A 14<sup>106</sup>

Fatzter

Büsching

Koch

Montador

Negociante de gado

I

Ele os ajuda

Conselho

2

Ele se rebela. As três ações

A mulher

A ocupação

3

Ele é aniquilado<sup>107</sup>

A 15

4 Fatzter é espancando e cuspidido

5 Por isso chega atrasado

6 Ele chega, se lembra

(Eles não sabem quem os ajudará, nós queremos ver se eles  
o reconhecem...)

Sai

7 Ele corta todos com o apelo de que ajudem em sua luta.

Eles deliberam.

A 16

Segunda cena, cordas retiradas, Fatzer permanece deitado, como se estivesse acorrentado

Eles sabem que ele se levantou na sua ausência porque estuprou a mulher

Enquanto eles amansam Kaumann, ele fica deitado como Prometeu “acorrentado”<sup>108</sup>

A prova. A provocação. A falsa paz não foi terminada,  
Mas soterrada.

A folha de jornal. O plano de Fatzer surge facilmente diante dos olhos deles

KOCH

De tudo o que ele nos fez, nada  
Ferveu tanto meu sangue como da vez em que ele  
Diante dos nossos olhos que nada podiam ver  
Em minutos tirou um plano do nada  
Que daria fim a nossa fome. Por meio  
Ano.

A 17

Quando todos querem sair, mostra-se que Fatzer não os quer deixar ir. Eles combinam induzi-lo à tentação, dão a ele o dinheiro restante com o qual querem voltar para casa. Ele quer usar o dinheiro para transportar o motor. Ele o gasta. Reclamações deles. Zombaria dele.

Sua condenação. Ele está se enforcando. Cortam a corda. Por preço nenhum, ele queria, o que eles queriam.

Ele traz consigo a puta Fanny. Inimizade com a mulher.

No final, impede o homem de dormir com sua mulher.

Começa a justificar tudo. Ele joga velhas ofensas na cara deles

(É, mas você fez isso...É, mas ontem eu vi.<sup>109</sup>

Depois dele ter sido abatido, Fanny<sup>110</sup> entra no quarto vazio.

Saia, ó beldade de Mülheim<sup>111</sup>. As duas mulheres se engalfinham pelo homem morto.

Seu valor.

A 18

Ele vende o motor e dá um calote neles

Nos anos posteriores à guerra, nos quais tropas de ocupação inimigas mantiveram todo o oeste ocupado e vigiado

Durante esse tempo todo, o motor fica no porão. Ele é muito pesado e não pode simplesmente ser removido. Por esse motivo, seus proprietários não podem simplesmente ser despejados. Os donos da casa, como cúmplices e receptadores, correm perigo.

Que eles precisem dele, torna-os desprezíveis para ele.

Escrevem-lhe uma carta<sup>112</sup>. Ele conversa com eles

No final: um truque. Quer o que eles querem, no momento em que é condenado à morte. Então traz consigo a puta<sup>113</sup>.

Rua espera que a casa seja desocupada<sup>114</sup>

A 19

I O proprietário exige o reconhecimento do seu direito à propriedade.

A mulher exige que todos os três deixem a casa. O homem limita-se ao fato de que Fatzer tem que deixar a casa. Discurso de Koch sobre a liberdade da mulher e contra a propriedade<sup>115</sup>.

2 *Fatzer oferece seu talento*

FATZER

Desde que eu cometi o que vocês  
Denominam meu crime, eu tenho  
A cabeça mais lúcida e estou  
Mais forte. É como se  
Aquele que em tempos opressivos cuida de ter descendentes  
Recebesse da natureza a arte  
De cuidar deles. Eis porque ofereço a vocês  
O que concebi  
Para nossa situação

3 Os dois se declaram solidários a Fátzer e deliberam  
deixar eventualmente a casa. Está chovendo. Eles escutam a chuva

4 Os dois se resignam e declaram que Fatzer tem de receber o que Fatzer precisa, mas  
Fatzer tem de entregar o que eles precisam. Resolução reiterada por todos os três contra  
o direito à propriedade. Contra a liberdade da mulher. A favor do terror, da introdução  
da decisão pela maioria e da admissão da própria produção<sup>116</sup>. Fatzer recebe uma  
advertência e uma repreensão. Declaração contra a instituição familiar.

A 20

*Therese Kaumann*

A respeito de sua demanda por satisfação sexual, obtém a decisão de  
Koch, por ora ela é livre

“Pois pelas circunstâncias

Para nós, seu teto se tornou mais do que sua cama. Seu covil

É mais importante do que você, porque nele

Não cai nem a chuva nem cai o olhar dos homens

E não podemos pagar pelo seu covil com

abraços,

Enfraquecidos pela fome ou porque nós somos muitos

Mas é claro que se você nos coagir com uma refeição com carne

Ou com o calor de seu corpo, por isso  
Mesmo, a gente vai até você  
E por isso  
Também não podemos  
Tomar a mulher em sua carne e esperar  
Que ela asse o nosso pão, mas temos que  
Apelar para sua razão, forte ou fraca

Eles deliberam que a mulher é livre, mas que nenhum deles tem permissão de fazer alguma coisa com ela. Que mais importante seria a união, já que essa necessidade é vital; o homem detém aqueles que estão saindo segurando seus pratos com a declaração: ele não tem desejo de dormir com mulher enquanto comer desse pasto. Em seguida o discurso de Koch mencionado acima

Fatzer a possui. Provavelmente como vingança por ela o ter amarrado. “Suponham que uma mulher tenha me desamarrado, como eu deveria pagar?”. A esse começo ele agrega a proposta de um plano que “arranjará comida para eles por semanas”. Eles se reúnem em conselho e, por maioria de votos, deliberam escutar o plano. Como ideologia alegam que “a mulher é livre e pode considerar como sua propriedade aquilo de que precisam, isto é, este alojamento, e que só pelo domínio de sua carne se poderia tirar essa crença dela.” Segue a proposta de Fatzer a respeito do trabalho de casa

O ataque de Fatzer a Therese é narrado pelo coro

Aliás, Fatzer acrescenta à sua proposta de realizar trabalho de casa a fim de se preparar para o longo cerco, ainda por cima, uma outra sugestão, a de utilizar a mulher (que há pouco possuía) para atrair trabalhadores (“você diz isso porque está farto dela”), “em parte para habituar os moradores desta casa, pois a partir de agora vamos morar aqui por um longo tempo, a rostos estranhos. Eles vão dizer, vão até a casa da mulher de Kaumann. Ela vai fazer putaria, em parte para ficar sabendo deles o quanto as fábricas estão insatisfeitas e para fortalecer sua insatisfação, da qual muito depende.”

Isso tudo portanto, *numa* cena que começa com entrada do Fatzer depois de sua primeira ausência e de sua proposta de ajudá-lo na sua luta contra os açougueiros, e é interrompida pela narração do coro, que desse modo narra o coito<sup>117</sup>, no momento em que ele ocorre lá embaixo.

A 21

*Terceira parte*

Na pressão feita por Kaumann para expulsar Fatzer da casa em virtude de seu crime sexual, nasce aquela tese sobre a superação do conceito de propriedade e o decreto do terror, por Koch.

A 22

Acrescentando ao que foi esboçado até agora: ancoragem de todo o caso da mulher na questão da moradia. Os quatro reconhecem que cada conflito relacionado à mulher acaba por tirar o teto de suas cabeças

A 23

A invasão

Em algum lugar está um motor de avião. A gente pode precisar dele.

*A aquisição do motor*

Fatzer não se importa mais com o motor. Eles o lembram constantemente disso: Você disse...a palavra descompromissada em tempos de inflação.

Ele não suporta que o contradigam, precisa meter o bedelho em tudo, toma a mulher do outro, que é insubordinada. A rua.

Ele gostaria muitíssimo de participar de novo, no momento em que corre perigo e eles o ameaçam. Mas ele não pode. Moral insanity<sup>118</sup>

Quando sua situação se torna mais difícil, ele os açula com as tropas de ocupação sob cuja guarida se põe.

Ele os estuda, e depois de, por muito tempo, ter reconhecido a falta de valor deles e seu próprio valor, experimenta finalmente levá-los a uma loja. Eles saem de mãos abanando. Ele ri



Está farto da mulher antes mesmo de possuí-la. Ela o açula

A 24<sup>119</sup>

*I Coros e discursos*

Sobre a injudicabilidade das ações humanas

II Meio

Coro pede para não se tomar os homens ao pé da letra

I Meio

Coro sobre a transformação da situação através de idéias

Aí mesmo

Coro fala sobre a justiça

III Início

Coro alerta, para raspar a escrita com impureza

Aí mesmo

Segundo discurso de Fatzer sobre a natureza

Aí mesmo

B 17

DISCURSO DE FATZER SOBRE A INJUDICABILIDADE DAS AÇÕES HUMANAS

Completamente injudicável

Ao homem é o homem.

Do modo como o que passou por

Monstruoso estômago

Que funde com suco

Qualquer pele e osso,

Do modo como nas fezes

Você não distingue nem peixe nem maçã,

Desse modo jaz numa papa turva

A vida do homem

Saboreada diante do olho do mundo.

O que ele agarrou, para aplacar  
A miséria dos vorazes  
Foi retirado do ar e água,  
Não por causa  
Do voo, o pássaro  
Nem pelo nado em água salgada  
Do peixe  
Quando desapareceu naquele momento, foi por amor à  
Carne.

B 18

*Sobre Fatzer*

- No metal há  
Uma falha de impureza, por isso  
Não aguenta, tudo é/ sem valor. Talvez  
Só latão e não metal!

Se durante dois dias o destino não nos chutou  
Então ele  
Torceu o pé.

Nenhuma corda  
Dura mais tempo  
Que sua fibra mais fraca dura.

B 19

FATZER *sentindo a si mesmo:*

Quando alguém pendura seu pênis verde choco  
Nesse charco oleoso  
Ele logo se levanta, atemorizado, para encontrar lugar lá dentro e  
Para contar vantagem com uma seriedade bestial e  
Para esquecer, tudo mais.

Já não me agrada  
Este mundo.

O que não gosto de admitir: eu justamente,  
Desprezo aqueles que estão na infelicidade<sup>120</sup>.

B 20<sup>121</sup>

CORO depois de I

Assim que surgiu uma idéia num ponto  
Da superfície terrestre  
Os melhores abandonam i m e d i a t a m e n t e a  
Posição (a guerra) e n a d a  
Os detém, o tempo cinde-  
Se em velho e novo, eles não fazem  
Mais nada velho.  
Mas o tempo continua a rolar.

B 21

QUEM É O CORO?

Antes do final:

Mas ele também é  
Um homem como vós!  
De expressão indefinida  
Cedo na vida endurecido  
Tentando muito  
Ele manifestou muito:  
Sim, tomai-o  
Não pelo que disse, logo  
Ele muda isso...  
Vós não vistes nada de definitivo, e tudo  
Se transformou, antes de fenece

Por que

Vós o tomais ao pé da letra?

Aquele que tomais ao pé da letra é

Aquele que vos decepciona!

Mas também eles precisam de

Abrigo e água e carne!

B 22

FATZER

O amanhã me imobiliza e,

Neste hoje, descompromissado! Assim sentado

Entre o ainda não e o já não mais

Eu não acredito no que penso!

Certamente é um erro, amanhã já estará

Evidente! Por que então/ falar hoje? De que

Adianta esse construir de barcos em

Rio secando? Quando vejo vocês comendo,

Vejo outros digerindo atrás de vocês

Diferente de vocês. Mas eu não me vejo comendo. Eu não ouço

a vos-

Sa voz, coberta pelo barulho de muitos

Passos dos tais que não conheço.

De muitas redondas bocarras caem

Grandes palavras quadradas, de onde elas vêm?

Me parece que sou provisório

Mas o que /vem a seguir?

Ele impede que eles o entendam.

B 23

Fatzer, errando pelo canal na última manhã, avista os guindastes  
Trabalhando e ouve a voz de um trabalhador falando com seu  
guindaste.

Ele diz: ..

Eles estão em ordem, mas eu  
Estou em desordem!

B 24<sup>122</sup>

4

*Fatzer escuta os três falando sobre ele e vê atrás deles, uma  
grande multidão falando*

BÜSCHING

O Fatzer é  
O nosso melhor homem. O que diz,  
Sustenta.

KAUMANN

Esse é esperto, esse encontra  
Sempre o que comer, de  
Um cano de esgoto  
Ainda tira uma vaca!

KOCH

Sem o Fatzer  
Não estaríamos aqui. Ele encontrou seu  
Caminho através do arame farpado e até mesmo  
Através dos homens! Ele tem que  
Nos desenrascar!

THERESE

Não, não confiem nele! Eu o vejo  
De outro jeito! Vocês são uns idiotas, mas esse aí  
É egomaniaco, conheço bem! Ainda vai

Trair vocês.

*Todos os três riem.*

BÜSCHING

Ele nos trair

Só rindo mesmo!

KOCH

Que ele seja egomaníaco é

Bom<sup>123</sup>! Ele tem um eu grande, que dá

Para nós quatro e para nós quatro

Ele tem egomania! Esse

Pode ajudar a gente!

FATZER

Agora estão conversando de novo

Sobre mim e eu

Ouvindo, me transformando

Naquilo que precisam que eu seja.

Ou também não!

*Fatzer se aproxima deles.*

KOCH

Fatzer, ontem você

Não apareceu onde a gente deveria

Apanhar nossa razão. Por que não?

FATZER

É, porque não?

Repense, Koch!

Por que o Fatzer não apareceu?

KOCH

Não sabemos Fatzer!

FATZER

Você, mas que pena!

É o seguinte: antes de ontem

Eu tava lá, vocês ainda se lembram, eu

Estendido

No chão, diante de vocês, de

Olhos fechados e esperava.

BÜSCHING

Tá dizendo com certeza  
Que a gente deveria ter ajudado ele, eu  
Queria também, na hora eu te falei Koch,  
Vamos ajudar ele!

KOCH

Está dizendo isso mesmo?

FATZER

Pense bem!

KOCH

Agora, não estou te entendendo  
A gente estava lá e queria  
Buscar carne. A gente disse:  
Ninguém pode reconhecer a gente. Se  
Um de nós for reconhecido, os outros tem que agir  
Como se não o conhecessem para  
N i n g u é m desaparecer! Aí você começa  
Uma briga apesar da nossa deliberação, evitar  
Qualquer briga. A gente  
Viu você caído e quis  
Correr até você, daí pensei  
No que a gente deliberou, e  
A gente se manteve de fora por esperteza! Isso  
Não foi esperto?

FATZER

Muito esperto. Talvez um pouquinho  
Esperto demais...etc.

KOCH

E agora, o que vai  
Acontecer?

FATZER

Vocês querem mesmo saber? Agora  
Desafio vocês a se em-  
penharem nessa luta em  
Que estou, ir hoje à noite

Na mesma hora naquele lugar, onde  
Vocês falharam. Para que  
A gente  
Possa se olhar de novo nos olhos e  
Para que eu possa derrubar os que me  
Derrubaram!

KOCH

Isso muito me admira. Francamente:  
A gente pensava: que você nos diria  
Como  
A gente poderia apanhar carne.  
Quis dizer: queremos apanhar carne  
E não lutar.

FATZER

Francamente: eu pensei que  
A gente queria lutar.

KOCH

Isso é que é estranho. Mas se você  
Insiste nisso, a gente precisa  
Votar isso. Vocês querem  
Então  
Que a gente entre nessa  
Luta do nosso camarada, que em todo caso  
Vocês devem refletir, se fazer isso é esperto, já  
Que ninguém pode conhecer a gente

FATZER

Ou vocês querem ficar se carcomendo?  
Levem em consideração que  
Nem tudo no mundo caminha sempre tão de acordo com um plano.  
Por mais  
Que se possa ser esperto, que aquilo que é humano também  
Precise comer, comer é bom  
Mas a gente se pergunta também: q u e m  
Come?



KOCH

Então vocês querem

Ter carne ou lutar?

KAUMANN

Ter carne.

BÜSCHING

Carne primeiro.

KOCH

Carne então. Fatzer, nós

Votamos, então

A luta foi interrompida.

B 25

2

PRIMEIRO DISCURSO DE FATZER<sup>124</sup>

FATZER

Quando falais, atrás de vós

Outros sempre falam!

E por isso vossa falação bocuda é

Importante.

Atrás de vós, muitos estão em marcha

Caminhando no mesmo trote, e por isso

Vosso trote de pé chato é

Importante, vede vós. Todos dizem que

O tempo seria velho, mas eu

Sempre soube que...etc.

B 26

BÜSCHING *bruscamente*:

Vou te dizer, Koch, eu não

Penso nada de bom da gente, de você, de mim e

De ninguém, estamos todos

à venda por carne, Por isso ainda

Não somos desprezíveis, mas se esse  
Fatzer nos trair, ele tem que  
Desaparecer.

B 27

ÚLTIMA CENA

*Fatzer entra.*

FATZER

Aqui estou.

Vim por vontade própria. Sem coerção.

BÜSCHING

Sente-se, Fatzer

KAUMANN

Primeiro o seguinte: os que vão nos assassinar

Estão atrás da gente.

Que encontrassem nosso paradeiro

Era inevitável.

BÜSCHING

Inevitável. E inevitável é

O que vem agora.

FATZER

Mesmo assim eu vim e

Falo francamente:

Eu estou irritado, mas queria

Vir aqui

Estar ao lado de vocês nesta hora

E mesmo agora também

Não quero que vocês vão embora

E eu admito: não vou

Embora, imagine: Eu

Simplesmente me acostumei

A vocês. Isso também

Parece inevitável.

Depois de tudo, também parece-  
Me

Que isso não deveria ter acontecido, é, pelo  
Contrário, infelicidade.

O que aconteceu por minha causa:  
Não me agrada.

BÜSCHING

Sua proposta?

FATZER

Ir embora.

O que sempre fizemos aqui:

Ir embora juntos.

BÜSCHING

Fatzer, nós não podemos  
Aceitar sua proposta.

FATZER

Vocês não podem?

Se entretanto fosse possível

Que pelo menos uma vez algo fosse

Apurado, de uma vez só

Alguns vissem algo em plena

Luz e, apesar do que ocorreu e do que

Depõe contra, deixassem

Todas as contas a pagar, entendessem

Do que se trata e fossem embora!

Isso seria algo novo.

BÜSCHING

Então agora não vem mais nada

Novo, Quando não é novo

Que algo seja pago, que

Iluminado de uma vez só, n a d a

Seja entendido e não se vá embora,

Mas que se continue negociando

O que se negociava. Por isso,

Fatzer, é você que tem que mudar seu jeito  
Agora, neste momento, neste  
Lugar e tem que fazer uma vez  
O que a gente disser, e na verdade somente:  
Porque somos maioria, isto é  
Dois ou três. Você vai  
Fazer isso?

FATZER

Isso, que está escrito na  
Parede?  
(Eu sei o que seria.)  
Seria algo feito com uma corda que  
Transforma um homem vivo em  
85 quilos de fria  
Carne. Não faço.

BÜSCHING

Faz, você vai  
Mudar mesmo seu jeito, nem  
Que seja não  
Estando mais aqui.

FATZER

Seu cachorro! Vocês querem  
Me matar! Mas eu  
Tô me lixando para vocês!  
*Ele vai até a janela e grita.*  
Vocês aí, entrem! Eles estão aqui!

BÜSCHING

Amarre ele!

FATZER

Cachorros traiçoeiros,  
Corja<sup>125</sup>, porcaria tihosa!  
Porque vocês são dois e eu  
Sou só um!  
*É amarrado.*

BÜSCHING

Mete o troço na janela  
Kaumann, e atire  
Se eles chegarem  
Antes da gente dar cabo!  
Fatzer, chegou seu fim.  
Não grite nem para direita nem para  
Esquerda, não tem mais  
Salvação. Você era um bom  
Homem, onde quer que estivesse  
Agora, você tem que desaparecer  
Por que você ficou doente  
E mal.  
Por isso vai ser executado  
Conforme a resolução  
De três homens e um  
Morto, sem demora!  
Diga que você  
Está de acordo.

FATZER

Büsching! Do que você está falando!  
Nossos carneiros  
Já não tão vindo para cima de nós  
Todos nós? Nós não ficamos  
Juntos na mesma cova  
Por três anos e então

BÜSCHING

Nós ficamos.  
Que mais?  
*Grita para fora.*  
É, estamos aqui,  
Mas espere só um instante  
Se não a gente atira  
Até que a gente tenha despachado uma coisa,

Que precisa ser acabada.

Então a gente vai

Por conta própria!

*Atiram.*

Então atire Kaumann!

FATZER

Eu não quero!

Me desamarra, Büsching!

Não me importo

Se demonstro medo, eu

Não quero esticar as canelas!

Agora ainda não! E

Nunca assim!

Eu sou o Fatzer!

Etc.

B 28

Quatro homens vieram de uma grande guerra. A cidade em que surgiram era muito grande. Queriam participar da vida dessa cidade. Queriam levantar às sete horas da manhã e abrir um negócio onde houvesse movimento de pessoas, almoçar ao meio-dia e à noite pagar para assistir a uma luta. Acreditavam que em quatro poderiam conseguir isso. Mas o quarto homem tornou tudo impossível. Apesar dele ser o mais forte de todos, se mostrou desde o início como totalmente inutilizável. Ele só ficava fazendo perguntas a eles,

O quarto morre pela boca

- É bem fácil dizer: tudo isso

Não é sério, descarnado, mortal

Por sua própria fraqueza - mas

V ó s não deveis falar isso. Mas tomem isso

A sério. Não sejais altivos, irmãos

Mas humildes e praticai homicídio

Não altivamente, mas: inumanamente!

Não façais duas coisas, mas  
Uma. Não viver e matar, mas  
Somente matar. Um é um  
Preto é preto e sonoro não é silencioso.

B 29

I  
Em um tanque que se perdeu de vista  
Nós desertamos de vossa estúpida batalha  
E em um ponto com ferro tosquiado  
Nós no quarto ano fizemos parada.

2  
Esse tanque nos deu o segundo nascer  
Vossos aparelhos não puderam nos servir  
Gêneros legados contaminados  
E vosso orgulho pelas máquinas do porvir  
Nos faz rir a noite antes de adormecidos!

3  
A vossa guerra, vossa guerra simplória e incompetente  
Nós fizemos para vós, sem com isso o adoecimento  
Enquanto nós usávamos vossos canhões manualmente  
Descuidamos de nosso pensamento.

B 30<sup>126</sup>

VOZ DE FATZER SAINDO DO TANQUE

Oi!

*Ele sai.*

Quem tá aí?

VOZ DE BÜSCHING

O que tem aí?

FATZER

Nada. Venha para fora

VOZ DE KOCH

O que ele disse?

FATZER

Aqui não tem nada

BÜSCHING

A gente ouviu mal, porque

Teve barulheira

FATZER

Aqui tem silêncio

*Os três saem.*

KOCH

Nenhum homem, todos os que estavam aqui desapareceram

BÜSCHING

É

Uma região errada

KOCH

Vamos entrar de novo

FATZER.

Para quê?

KOCH

Vão atirar de novo

FATZER

Os que estavam aqui e atiravam

Desapareceram e não atiram

Mais. É bom estar aqui

BÜSCHING

Nós chegamos na lua

FATZER

Debaixo desta metade de árvore eu

Acabo de fumar nosso tabaco

*Koch tomba.*

BÜSCHING

Levanta, seu cachorro! O sargento,



Se você não retornar  
E ele não te vir  
Aí o sargento Schmitt<sup>127</sup> faz picadinho de você  
E ele te amarra num poste, Koch!

KOCH

Ah, Fatzler, eu não  
Posso mais fazer parte da guerra  
*Enquanto aparatos de guerra são mostrados nas projeções, como navios de guerra,  
aviões, canhões etc. os três lamentam gritando alto a respeito de sua sina.*

KOCH

Quem de vocês é meu amigo e me entrincheira  
Na terra? Que nada mais me  
Atinja, mas aí não há mais lugar para onde eu  
Possa me rastejar, pois eles estão atirando até dez  
Metros abaixo da terra.

BÜSCHING

Tudo que está aí precisa  
Desaparecer, onde há uma cidade, essa precisa  
Desaparecer e não deve restar pedra sobre pedra  
Onde ela ficava, deve haver um buraco e  
É preciso dar tiros mar adentro.

KOCH

Não atirem mais, o homem não pode  
Atravessar a água do mar a nado  
E seus navios de combate  
Fuzilam o nadador. O homem não pode  
Voar por si só no ar, mas ele lá em cima  
Tem que se elevar sobre a morte. Onde quer que ele tente se refugiar, em toda parte  
Está o homem!

BÜSCHING

O homem é o inimigo e tem de cessar.

KOCH

Nosso refúgio é um tanque de onde  
Damos tiros, se ele cair num buraco

Ninguém vai perguntar por nós. Estamos  
Perdidos. Precisamos  
Desaparecer. Eles vão nos prender. Porque  
Nascemos ali. Quando  
O ar ficou cheio de ferro?

BÜSCHING

Tá devorando a sua ração para que,  
Enquanto ali tem uma árvore que ainda está pela metade  
Que também tem que desaparecer

TODOS OS TRÊS

Navios de combate, aviões e canhões  
Estão direcionados contra nós  
As minas<sup>128</sup> e o gás mostarda<sup>129</sup>  
Para nossa aniquilação, para que  
Sejamos extirpados da superfície terrestre  
Tudo marcha contra nós, trabalha e  
Não para  
Nossa mãe é um tanque e  
Não pode nos proteger  
Nós temos que ser  
Destroçados

FATZER

Eu  
Não faço mais guerra  
É bom que eu  
Tenha vindo até aqui, pra um  
Ponto do mundo, onde eu  
Pudesse refletir por três minutos  
Agora  
Nós podemos partir

BÜSCHING

Aí você vai ser fuzilado. Schmitt  
Ele te fuzila

FATZER

Eu não acredito mais  
No Schmitt, já que é  
Capaz de ter morrido  
Mas agora nós vamos interromper esta guerra e  
Desertar desta batalha  
Quatro homens em uma quarta-feira  
No terceiro ano da guerra  
Em um tanque perdido da vista dos nossos, depois que nós  
Em um ponto tosquiado com ferro  
Fizemos por três minutos uma parada  
Estamos fazendo isto  
Para escapar da aniquilação

- Fatzer, lá para fora  
Você não nos leva

B 31

2. *Cena*<sup>130</sup>

CASA EM MÜLHEIM

E uma mulher morava perto da fronteira do inimigo em Mülheim do Ruhr<sup>131</sup> e seu homem estava em campanha na guerra. Então a guerra terminou, ela não ouviu falar nada dele e dizia: Veja, agora todos os que partiram estão vindo para casa e há alegria em cada casa na cidade, pois os homens regressaram, cada qual para sua mulher. Mas meu homem não voltou para o lar com os homens. Por isso minha casa está vazia. E uma vez que ainda não acabara de falar, e estava aflita, bateram na porta, e veja só, quatro homens parados em frente a sua porta e seu homem estava entre os quatro. E todos entraram e lá ficaram à noite, de modo que ela não dormiu com seu homem, pois não havia espaço na casa, que fosse reservado

I

FATZER

Se eu for alguma coisa e for aquele  
Que se chama mesmo Fatzer  
Então eu me ergo, para fora  
Desse buraco

B 32

MÜHLHAUSEN DO RUHR

UMA MULHER *para uma outra:*

A guerra durou 48 meses  
E agora já se passaram mais três  
E todos  
Os trens estão aí com os remanescentes  
Mas seu homem  
Não está entre eles. Pense com calma:  
Ele desapareceu, mas por quanto tempo  
Ainda quer se tocar com a mão?  
Comer mal e dormir com frio? Por isso  
Vista uma camisa limpa e venha comigo  
Meu irmão tem tempo hoje a noite  
E está sem teto sobre sua cabeça hoje a noite  
Fale com ele!

MULHER DO BÜSCHING<sup>132</sup>

Feche essa matraca. Quando os trens estiverem aqui  
Ele chega num vagão, e quando ele entrar aqui  
Vai querer sua sopa na mesa

A MULHER

Eles bem que devem tomar sopa onde estão sentados  
Porque estão longe e não aqui?

MULHER DO BÜSCHING

Porque foram buscá-lo, ele está longe  
E porque eles o retiveram, ele não está aqui.

A MULHER

Se alguém tem abscesso<sup>133</sup> na nuca estica as canelas!

Ele não tem culpa disso, mas eu também não.  
Se você tem alguém na cama  
Você não se importa se ele vai devorar a sopa dele  
Na saída!

MULHER DO BÜSCHING

Mas lá em casa ele está na mesa e a cama  
Está vazia.

B 33

FATZER

Vocês foram bem espertos  
Mas, talvez, espertos demais?  
Vocês ficaram lá plantados e com seus músculos na mão?  
Gente assim não se dá mal.  
Gente tão esperta não precisa de ninguém para socorrê-la.  
No máximo se poderia dizer que faltou isto para vocês  
(Só um pouquinho)  
De afeição impulsiva  
Tolo arrebatamento  
Talvez vocês tivessem entrado nessa furada  
Por descontrole  
Talvez vocês também tivessem saído novamente  
Talvez pelo seu  
Fatzer emocionado com tanto afeto  
Mas isso talvez vocês também possam recobrar  
Ainda que permaneça uma pequena  
Sombra. Já que se tem que  
Esfregar isso que é óbvio na cara de vocês.  
Curto e grosso: eu convido vocês a  
Tomar parte na minha briga.

Um pouco de desrazão, por favor!

B 34

- E ele segura os seios dela sob a blusa, os formosos  
Sua mão rude os persuade, cuida para que eles  
Eriçam e endureçam, e ele apanha  
Cuidadoso o traseiro dela e o nina  
Alegremente, e nota que as  
Coxas estreitamente espremidas se abrem e  
Sua mão o puxa para si e o jogo tão antigo  
Se renova e igualmente  
O bem-amado movimento.

Talvez contracos

Da direita se indigna, da esquerda retrata como simplesmente irrefreável

Assim<sup>134</sup>

B 35

4 (cena dupla)

No final Fatzer se recusa a ser amarrado.

5

BÜSCHING

Quando recebeu o que comer  
Há duas semanas, ele tinha um  
Plano, para que sua ração valesse a pena.  
Dê de novo alguma coisa pra ele e ele vai  
De novo ajudar a gente!  
*Eles trabalham nas calças.*

KOCH

Justamente isso  
Me deixa doente, Büsching  
De tudo que ele nos etc.

*Então ele faz a proposta, testá-lo com a carne.*

FATZER *começa de repente:*

Bem hoje

Eu teria vontade de me livrar

Da minha corda.

B 36

*Esta cena 5*

começa com a sondagem de dois trabalhadores que Therese Kaumann traz consigo.

Todos trabalham. Eles estão muito enfraquecidos pela fome. Então a mulher do Kaumann chega com mantimentos.

F a t z e r n ã o c o m e n a d a

B 37

KOCH

Vamos colocar toda a comida pra ele e ver

Se é verdade o que pensamos dele

E se ele come tudo sozinho.

BÜSCHING

Certeza que ele come.

KOCH

Isto não é tão certo assim.

X<sup>135</sup>

Mas se ele comer

Não vamos ter nada pra comer. Isto é

Tudo o que temos aqui

Comprado com três semanas de trabalho. Quero

Devorar eu mesmo.

KOCH

Coloca aí!

X

Porquê?

KOCH

Por isso.

Nós precisamos disso. O que nós ganhamos em três

Semanas de trabalho, isso deve

Servir pro nosso velho camarada

Que ele nos mostre: tudo está

Como nos nossos bons tempos e ele

É como antes. Assim como se põe

Um vintém na mão de um morto ou se coloca uma refeição

Numa cova rasa, nós vamos colocar

Esta comida, isto

Estamos devendo a ele.

X *joga a carne para ele*

B 38<sup>136</sup>

- Desejar algo é uma coisa boa.

Desejo é

Uma coisa boa que constrói

Casas do nada, que são como montanhas de metal<sup>137</sup>

E num dia canais que seriam construídos em trinta anos e

Previstos para cinco gerações humanas

Mas o que vocês querem também ali

Onde não há desejo, precisa

Ter canais e casas

Você teve um dia bom, então teve

Desejo para algo, mas num dia ruim

Você também quer comer.

O que você faz porque você tem desejo, não vale

Nada para nós, Fatzler.

KOCH

Então, queremos matá-lo para que

Os que vierem depois de nós recebam uma advertência?



Depois de nós não virá nada. Mas  
Enquanto estivermos aqui, vai  
Estar tudo nos conformes.  
Não vai ser útil a ninguém  
Que eu o trucidé, porque eu o acho repugnante  
E eu quero vê-lo pisado  
E ali onde estava sua cara  
A sujeira da minha bota.

BÜSCHING

Por que você está berrando tanto?  
Porque você é amigo dele.

KOCH

Isso eu sei.  
Você, Büsching,  
Pode contar comigo, mas  
Ele é melhor que você e ele  
Precisa desaparecer.

B 39

A fraqueza é humana e por isso precisa cessar.

FATZER

KOCH

Que uma vez algo caia por terra  
O que, em todo caso, é o curso natural, nós sabemos  
Que dois não é vinte e aquilo que um disse  
Não quer dizer outra coisa, que uma coisa simples  
Se torna mais simples no transcorrer para espanto do homem  
Assim como uma rede, quando submersa pelos pescadores,  
Se expande e se estende amplamente  
Mas quando os peixes são recolhidos, se torna pequena e simples

Assim seja com Fatzer  
E onde havia um rio que fedia muito e onde  
Pessoas ficavam e falavam: hoje  
Ele está de novo repleto de óleo fétido ou hoje  
Ele está verde de veneno ou agora ele fica mais claro  
Ali não deve mais correr rio melhor, mas

Nenhum rio mais. De modo que as pessoas cheguem de manhã e  
vejam

Ali não tem mais rio nenhum. Assim também  
Esse Fatzer não deve ser um Fatzer melhor ou pior,  
Mas não deve existir  
N e n h u m Fatzer mais  
Para que nesta Terra um sinal  
Seja erguido na desgraça, com isso, em vez de uma pedra  
De proporções gigantescas, fica só um buraco,  
Que no entanto é um testemunho de que também em  
Tempos sombrios o preto era preto e o branco, branco.

Quem de nós ontem dormiu desassossegado, porque nele  
Estava o temor, e ontem não dormiu nada por causa da nova esperança  
Sabe hoje: nossa causa acabou. E  
Nesta hora onde o carrilhão da vitória  
Proclama a apoteose do nosso inimigo mortal  
Adiando seu declínio por prazo indefinido  
Tendo somente por certo que ele ocorrerá muito tempo depois de nossa morte  
Vamos dirigir nossa atenção para um de nós  
Que é inteiramente ruim, ainda assim temos que  
Organizar nossa causa terrena.

B 40

FATZER

Eu não acredito que eles tenham a intenção de me tratar mal

Seria contra a razão, pois de que lhes adiantaria isso  
E onde neste monte de esterco seco há alguém  
Que faria algo que não lhe trouxesse nenhuma utilidade

Eles precisam de mim, eu conto com isso, além disso  
Eu ainda posso afrouxar a corda  
Na qual eu os seguro.

KOCH

As coisas nunca são tão ruins quanto parecem <sup>138</sup>  
Por isso agora queremos uma vez, digamos só por brincadeira,  
Tornar as coisas tão ruins quanto parecem

A metade desta humanidade vive  
Unicamente da memória esburacada da outra metade  
Todas essas noites  
Não durmo mais pelo temor de que algo pudesse  
Cair por terra <sup>139</sup> e ser esquecido  
Enquanto isso alguém esboça, que justamente isso  
Não dê em nada e  
Seja esquecido

Porque nós precisamos dele, ele acha que  
Ele é mais  
Porque nós não podemos viver sem ele, ele acha que  
Ele vive eternamente

FATZER

Isso é gente que quer  
Que todos sejam iguais, mas não  
Pode viver sozinha

B 41<sup>140</sup>

- Desde ontem tenho pensado: estranho  
Como se altera o que parece durar tanto  
E fica inalterado o que  
Nos foi ensinado como fugaz  
Sempre estive acostumado a pensar que a Terra  
Poderia se abrir a qualquer hora, fogo  
Nós vimos no ar, mas  
Nosso pai que se mantinha ao nosso lado, ao meu, ao teu ou  
Aquele ali em quem depositávamos a esperança de ver inalterado  
Nosso conhecido, carne e osso errado  
O grande Fatzer que carregou Koch para fora do fogo,  
No iluminado meio-dia, tornou-se irracional como uma criança,  
descuidado como o cascalho e o fraco  
Koch choramingas o detém  
Como um cachorro diante de um tronco por sobre o qual  
Não pode mais saltar e o interroga sobre  
A lei de ferro,  
Perturbando-o assim completamente. E assim  
Ele, que em outro tempo não  
Precisaria ter sido pior do que qualquer um, a todos nós  
Suspendeu sobre cada abismo  
Ou era só

B 42

- E não é tão  
Diferente, o  
Ar da batalha cheio de fogo e<sup>141</sup>  
De um dia de verão  
Como esse Fatzer é daquele  
São portanto as situações  
Dos homens as mães.

B 43

- Fogo e água lutam de um  
Lado, de outro fogo e água

I

Se só olhassem de trás do  
Cerco sangrento, eles veriam  
Atrás de cada um deles  
Pondo-se de pé o inimigo e assim vi há pouco  
Depois de três anos de guerra assolando cegamente  
Repentinamente atrás de mim e  
Repentinamente vi tudo. É que  
Na minha frente, contra quem eu combatia: meu irmão  
Mas atrás de mim e atrás dele: nosso inimigo

4

Os três bois, atrás dos quais eu  
Perambulava, vocês viram comodamente trotar adiante

B 44<sup>142</sup>

- Vosso dedo, com o qual vós  
Apontais a injustiça do mundo, já  
Apodreceu: um dedo preto!  
E vosso braço queixoso  
Já está caindo do ombro!

B 45<sup>143</sup>

*FATZER LOCAL DO RUHR:*

Ainda deveríamos gravar de cabeça a região:  
Esse quadrilátero sombrio entre guindastes e siderúrgicas

Através dos quais esse Johann Fatzer  
Zanzou nos seus dias derradeiros  
Detendo a roda

B 46

- O que não conseguis compreender é a mecânica<sup>144</sup>

Vosso desejo insalubre  
De serdes como rodas  
Mas eu não quero isso

Eu quero ficar de olho naquilo que fizeram  
Pois  
Existe método nisso que eles não conhecem  
Mas eu conheço

(No momento em que eles querem se limpar para sua luta de classes)

Se lhes metesse uma bota  
Na fuça, não perceberiam  
Eles tem fuças como cascos casquentos  
Eles não vão ser  
Muito diferentes. Eles não são nada  
Menos que indestrutíveis. Mas eu  
Não quero ser assim.

Não reparam em seu egoísmo enquanto ele se estende aos qua-  
tro

Que ele precise de algo, não os incomoda. Eles dão aquilo de que  
precisa

Mas ele não pode recusar aquilo de que precisam

Este é alguém que guarda o seu numa cova no<sup>145</sup> chão - um egoísta

Só faz aquilo que de fato deseja<sup>146</sup>

O que é regulado por leis faz ele se sentir mal. Não depende

Mais dele.

Ele não é uma roda

Consegue levar quatro consigo ( Não consegue ficar sozinho<sup>147</sup>)

Pode fazer algo- então precisa fazer isso - mas não pode precisar fazer isso

- Eu os estou estudando. Assim como eles

É o futuro

Que é muito ruim.

B 47

FATZER<sup>148</sup>

Eu não preciso de comida nenhuma. Dois dias a mais do

Que aquele que entre vocês consegue por mais tempo

Eu aguento isso, se vocês

Estiverem submetidos a essa coação bestial

E seus estômagos não tem cérebro

Vocês tem que fazer o que eu não tenho que fazer

E é minha cabeça que me possibilita isto

*I. Cena*

BÜSCHING

É isso que é bom no Fatzer, ele

Tem tanto apetite que é o

Suficiente para todos nós. E que ele seja um egoísta de tal monta

Que ainda é suficiente para todos nós.

B 48

FATZER, LAMENTA SEU BANIMENTO

Sou para eles como um pé  
Que definhado dependura-se em tendões paralíticos  
E que eles arrastam consigo sem vontade  
Só não o amputam  
Porque senão jorraria sangue dele  
Mas essa parte deles é sem sensibilidade  
Pode pisar em cima, sem que  
Digam ai, e por mais que precisem de mim  
Ninguém me dá uma mão. Eles olham para mim  
Como para um doente.

O terceiro ato está cheio de visões de Fatzer

Em seu (segundo) discurso sobre o homem-massa ele conta desse  
"Espírito"<sup>149</sup>

(Assim como antigamente os espíritos vinham do passado  
Agora vêm do futuro, do mesmo modo  
Queixosos conjurantes e impalpáveis  
Constituídos unicamente de sua própria matéria espiritual  
De seu temor sobretudo. Pois o temor sempre  
Indica o que virá, diretamente do olho  
Sai um nervo até o temor. Esse espírito do homem-massa  
Me paralisa particularmente  
Seu modo é mecânico  
Ele se mostra unicamente através do movimento

Cada membro substituível, mesmo a pessoa

Sem centro

Não é espírito o que lhe falta para a perfeição



Mas só matéria

Esse tempo só vai durar quatro anos...

## [4a. Fase de trabalho]

A 25<sup>150</sup>

3

...e ele ficou três dias ali deitado. E a mulher lhe trazia a comida, e ele lhe perguntou: como você vive? Ela disse: eu vivo mal; pois vocês ficam sentados por aqui dia e noite e daí não posso me deitar com meu homem. Desde que regressou, ainda não me tocou. E ele pediu a ela com palavras ladinas que o desamarrasse, ela assim o fez e ele a engravidou. Então ela correu para seu homem e agora considerou expulsar de sua casa aqueles que a importunavam e queixou-se de Fatzer. Eles foram até ele e disseram: Levante-se. - Como posso levantar se estou amarrado? - Você não está amarrado, a mulher te desamarrou e você a engravidou.- Eu fiz isso? Então devo ser mais forte que todos vocês, apesar de terem me amarrado com cordas.

E o homem disse: vão embora de minha casa agora, para que eu viva só com minha mulher, pois ela o exige. (E a minha casa é a casa *dela* - ela disse)

A 26

4

*Perigos para os quatro:*

- 1) A mulher, quando insatisfeita
- 2) O complexo de propriedade de Leeb<sup>151</sup>
- 3) A sede de liberdade de Fatzer

A 27

Depois do experimento carnal, ele lhes pede gentilmente que o amarrem.  
Desventuradamente eles o fazem.

Ele seduz a mulher (depois de designá-la para buscar os proletas- mas pela manhã-, e depois de ter aconselhado a fábrica de fiação de linho.

O longo dia na fiação de linho, Leeb pede aos três para vigiarem com ele.

*A simples visão dos proletas o traz à razão!*

A 28

Eles voltam com fuzis e frequentemente - por exemplo, aos gritos de Leeb- “o exército, a parte do exército que usa a razão”, toma os fuzis.

Koch, que está chegando com a carne num embrulho de papel.

A 29

1 A fodida corre para seu homem e agora ordena: “esse daí tem que sair” (Fatzer)

2 Mas Koch o detém. Ele toma seu partido e instaura o Terror.

3 *Depois* de ter declarado a mulher como livre (o que tem que ser antes de !)

A 30

4

*até agora contém três ações*

1 Pedido de Fatzer para amarrá-lo

2 A sedução da mulher

3 O carne<sup>152</sup>

A 31

A Odisséia<sup>153</sup> deles começa com o equívoco, provocado pelo individualista Fatzer, de que poderiam, individualmente, interromper a guerra. Deste modo, quando eles *se separam da massa* para sobreviver, perdem a vida de antemão. Nunca mais retornam à massa.

Por isso:

Contínuas tentativas e deliberações para regressar!

Tais tomadas de consciência ganham o caráter de literatura. Mais tarde eles citam as 'passagens', providenciam alterações.

Fatzer crê na fúria cega do acaso, “o que está aí é o que restou”, o caos. Koch é aquele que reconhece a necessidade da guerra e que toma a *resolução* de liquidá-la.

A frase que eles escreveram no tanque - “nós paramos” - agora é corrigida (caráter de literatura!) por Koch para “nós paramos com a guerra<sup>154</sup>”, escrita na parede do quarto.

*O trágico da parte final é dialético!*

na medida em que a nocividade de Fatzer (como tipo) se torna evidente quando ele enreda todos os outros três privadamente - ao aliciá-los para aniquilá-lo, ele os aniquila - , *certo* seria nunca perder “a conexão com o amanhã”, nunca esquecer o que se quer, ver todo o resto como entrave, nada além de algo sobretudo a superar, que se torna então o objetivo, certo para eles seria se escafeder e negar ao tipo Fatzer qualquer consideração. Com isso arruinam-se, pois dão sua solidariedade a alguém que não a tem. Para eles é ponto pacífico: ou saem todos juntos ou ninguém sai. Eles querem levá-lo com eles até o fim, quer queira ou não.

O CONTENTAMENTO COM O GESTO

“Seja lá o que você pensa, guarde para você  
Saia conosco mecanicamente!  
Siga, como quem cumprimenta: por que é de praxe  
Realize o movimento, que  
Nada significa

A 32

### DECLÍNIO DO “EGOÍSTA” FATZER

Em Mülheim do Ruhr, na época despida de toda moral da Primeira Guerra Mundial, sucedeu uma história entre quatro homens que terminou com o completo declínio de todos os quatro, mas que em meio a assassinato, perjúrio e depravação mostrou os vestígios sangrentos de uma espécie de nova moral. No terceiro ano da guerra, durante um ataque com tanques diante de Verdun<sup>155</sup> sumiram quatro homens da tripulação de um tanque, foram dados como mortos e, no início de 1918, surgiram em total clandestinidade em Mülheim, onde um deles possuía um cômodo num porão. Dali em diante, sob constante ameaça de serem presos e fuzilados como desertores, tinham muita dificuldade em arranjar algo para sua subsistência, ainda mais por serem quatro. Mesmo assim eles deliberaram, não e de maneira nenhuma se separar, uma vez que sua única perspectiva consistia num levante geral do povo que terminasse a guerra sem sentido e aprovasse a deserção. Em quatro, tinham esperança de que pudessem participar *desse levante aguardado por eles*. Durante duas semanas, noite após noite, procuraram uma possibilidade de obter provisão, e só próximo ao final da segunda semana o mais sagaz dos quatro, Johann Fatzer, o mesmo que lhes aconselhara a deserção e os conduzira através do cativeiro de guerra francês à pátria ou perto de lá (pois suas cidades eram Liegnitz, Passau e Berlim), travou conhecimento com um soldado do transporte de munições e víveres, que prometera, na camaradagem, arrumar provisão suficiente tirada de um vagão de víveres. Na noite seguinte, os quatro, sob liderança de Fatzer, deveriam aparecer na estação de trens de carga. Mas apesar de terem discutido tudo com exatidão, essa empreitada, da qual tudo dependia, foi por água abaixo, porque Fatzer se envolveu numa briga com alguns açougueiros oficiais no local do encontro que o abateram no transcurso da briga, bem diante da vista de seus amigos. Somente o autodomínio destes três impediu que todos os quatro fossem imediatamente capturados: eles agiram como se não conhecessem Fatzer<sup>156</sup>.

A 33

### DECLÍNIO DO EGOÍSTA JOHANN FATZER

I

Fatzer, Keuner<sup>157</sup>, Büsching e Leeb interrompem a guerra

2

A volta para casa

3

Caminhada de Fatzer por Mülheim

4

Primeiro desvio de Fatzer: o coito<sup>158</sup>

5

Segundo desvio de Fatzer: a briga com os açougueiros

6

7

A briga na cantina

8

Fatzer rouba carne e mata

9

Sob os sinos da vitória<sup>159</sup>

10

O passeio de Fatzer

11

A sentença

A 34<sup>160</sup>

1919<sup>161</sup>. Os quatro querem carne. Algo como latrocínio. Instalam-se com um deles, na residência de sua mãe. Ele se torna comunista e os outros o espancam à morte, porque para eles ele é um egoísta que na realidade é coletivista<sup>162</sup>, eles o consideram um

parasita e sem remédio. Em contraposição, imagens de Moscou, Xangai, etc.: A marcha vitoriosa do comunismo. Eles não recebem a carne. Os que são moralmente bons instauram um tribunal contra um leproso

B 49

*Fatzer e Therese*

FATZER Como você vive?

THERESE Eu vivo mal.

*Três fases*

1 Um discurso repentino e longo sobre si mesmo

2 Ele a interroga

3 Conversa de amor (ele quer rejeitar sua água)

Ele a força a admitir que é muito pouco fodida. Então, diz ele, ela teria que atribuir a culpa às circunstâncias, uma vez que Leeb afrouxara por conta da dieta magra. Então ele prova para ela que as circunstâncias não dizem respeito a eles. Ele lhe pergunta, já que ela mesma se satisfaz, se não faz com todos nos quais ela pensa - com estranhos que passam por ali e que estão com o chapéu de viés, mas também com Koch, comigo, até mesmo com cachorros? Não! Isso não é verdade! Ela grita. Então ele pergunta para ela, se ela acreditava em Deus? Ou se ela ao menos o temia?- Não mais.- Então por que ela temeria que alguém, que se jogasse sobre ela, sem se dar o tempo de tirar as calças, soubesse que ela está molhada?- Porque significa muito. - Isso não significa nada.- Então se ela acreditava que dois em uma ilha, de sexos diferentes, mas sem atração (não mais do que entre ele e ela), também sem ódio (como também entre eles) ou talvez até com ódio, vivendo juntos por anos ou também dias, digamos, uma noite em uma cabana (como aqui) ou até mesmo a um dia de distância, não se deitariam juntos? - Pode ser. - Muito bem. (Pois na natureza esse negócio é bem urgente.) O espírito do homem, a criação e coisa semelhante, é capaz de impedir (como com a gente), assim como a mulher que porventura tivesse um homem, então seria bem impossível. - Com certeza.- Também se ele não estivesse aí, embora, não, isso não seria possível, mesmo que ele estivesse aí, mas não pudesse, pois isso existe. *Ela ri.* Com certeza, tal abraço de

ocasião, ímpeto corporal, desejo de meter o braço num sovaco, seria pouco significativo; mesmo só, mesmo que o braço estivesse na axila. *Ela ri novamente.*

Eu estou vendo que, primeiro pensando, você se amargura muito porque seu homem te nota tão pouco, então pensando, deve ter outra causa, talvez por causa do trabalho duro demais, então também por você parecer um tanto doente, um tantinho mais velha que seus anos, não muito, não deve significar nada, eu estou vendo também que luta consigo mesma, isso é louvável, não há nada mais deplorável para uma mulher do que precisar desfalecer ou querer isso, só porque alguém a agarra. Eu reparo que você é mais esperta, sabe que seu homem anda frouxo por causa da dieta magra e só por isso comparece raramente, melhor do que se não comparecesse de jeito nenhum, aliás isso não é tão importante; quer dizer, na natureza esse negócio é urgente. Vê-se por aí que frequentemente homens e mulheres, quando não se amam, em circunstâncias especiais, fariam outra coisa, sobre quê não se fala, mas só por estupidez, pois isso é natural, falo abertamente: eu faço às vezes, sei que você também, é natural e passa rápido, praticamente só para dar risada, acontece muito que essa ou aquela não dorme com homem nenhum, pois faz com todo mundo em espírito etc.

B 50

K É também inconveniente oferecer aos outros sua face doente, isto é, uma face que não está preparada como uma iguaria, também não se oferece ao convidado uma iguaria que está semipronta. Certamente se alguém quer mostrar ao outro, dentro de tal ordem, que o despreza, não vai sorrir, mas, isso sim, vai mostrar sua face tal como ela é, sem artifício, semipronta e crua.

A pessoa culta sabe que o que ela pode dizer pode não ser inteligente, pois senão como ela poderia ter encontrado isso?



B 51

FATZER

Muitos consideram que as características dos homens são eternas.

Um dia, um meditativo atravessou a cidade e viu alguém que contemplava um vidro.

B 52

DISCURSO DO FATZER:

Pois esta guerra

Ocorre contra nós, com nosso braço

Nossa pessoa é combatida

E erradamente

Escolhidos são os contendores, as

Posições adversárias ocupam

Os pelotões errados

Amigo e inimigo num pelotão

Também no outro, amigo e inimigo

E todos esses combatem

Habitados a agir de acordo com um plano

Que não conhecem, eles tem tanto tesão

Em serem escalados quanto mulheres em serem fodidas; os que

Acionam a máquina de estraçalhar não querem nada

Só acionar as manivelas / e assim

A massa ordenada da humanidade marcha

Rumo a um objetivo errôneo / e assim

São abusados o desejo e a nova

Arte da cadência comum.

B 53

Começo: o coro se refere à guerra de quatro anos<sup>163</sup>

FATZER

Mas isso já não  
Tem nada a ver conosco, o que é  
Negociado aqui de modo tão sanguinário

K

O que você está olhando, camarada<sup>164</sup>?  
Olhe ao seu redor, quantos estão aqui reunidos  
Na terra até os dentes  
Continuamente  
Espaçadamente, mas continuamente  
Repostos, ficando iguais à duradoura  
Massa resistente  
Mas são de fato vocês  
Vocês são esses que aqui...  
*Os três participam da conversa.*

FATZER

Os cegos, os surdos, os ignorantes

K

Mas do outro lado também de fato  
Na terra até os dentes  
Inimigos de vocês

FATZER

Igualmente cegos  
Não!  
Finalmente depois de anos  
Vejo agora o inimigo  
Deem uma olhada atrás de vocês!

2 Contracoro ordena racionamento, poupança extrema!

B 54

KEUNER

Nós estamos

Sob opressão demasiada, sob a árvore habitando

Restos de carne, penosamente respirando

Tão inumanamente que isso não pode perdurar.-

(Tudo se altera, mas nós

Não devemos nos alterar?)

Por sobre nós, cada pedra

Se altera e no rio

Está a casa, que nos oculta.

B 55

O pecado original. Fatzer compreende: a guerra é sem sentido. Júbilo do coro.

CORO

Agora eles compreendem- alguém ao menos

Compreende: agora

Findou o tempo da guerra

Da incompreensão.

Continue a falar, Fatzer!

Quando depois da cena 1 o coro prediz o declínio por causa da separação da massa, ele mostra a imagem final.

Comportamento errôneo provoca declínio previsível.

Desespero de Fatzer.

Conclusões anarquistas de Fatzer: tudo é igual.

O coro replica novamente e chama Koch, ele designa

Koch como uma espécie de administrador da liquidação e o incumbe

De liquidar o tipo Fatzer.

- Agora ide cada qual para sua cidade e  
Abandonai Fatzer em seu próprio declínio e  
A guerra, transformai em uma guerra civil<sup>165</sup>  
Que é tarefa sua em qualquer guerra  
Que houver de agora até o  
Fim de todas as guerras.

B 56

FATZER

Faz dois anos jazendo  
Na lama das carreiras de tiro e trincheiras, saltando  
Diante do impacto de projetéis permanentemente procurando  
Cobertura - refletindo faz  
Dois anos sobre minha situação e utilidade, eu procuro  
Um modo de mostrar a mim mesmo o que há comigo:  
Mas desde ontem me recordo  
De um pequeno desenho<sup>166</sup>, que eu  
Vi num livro  
Um assim  
Quero também delinear.  
O ponto significa  
Fatzer.

Nós não queremos aprender nada

FATZER

Quem quer aqui?

Vocês não querem aprender nada, mas eu lhes digo

É um outro que não quer que vocês

Aprendam

B 57

FATZER

Eis-me e aqui contra mim  
Indivisível, uma  
Linha de soldados como eu, mas meu inimigo  
Mas eis que vejo  
Repentinamente uma outra  
Linha atrás de mim e  
Também contra mim, o que é isto. São os que  
Nos enviam para cá, é isto a  
Burschoasie<sup>167</sup>

B 58

DOIS COROS:

Mas quando tudo acontecera, havia aí  
Desordem. E um cômodo  
Que havia sido completamente destruído, e lá dentro  
Quatro homens mortos e  
Um nome! E uma porta, na qual estava escrito algo  
Incompreensível<sup>168</sup>.  
Mas vós vedes agora  
O todo. Tudo o que se passou nós  
O relatamos  
No tempo conforme o exato  
Suceder nos lugares exatos e  
Com as palavras exatas, que  
Foram ditas. E o que quer que venhais a ver, no  
Fim vereis o que havíamos visto:  
Desordem. E um cômodo  
Que está completamente destruído, e lá dentro  
Quatro homens mortos e

Um nome. E nós o reconstruímos, com isso  
Vós deveis decidir  
Pelo proferir das palavras e  
Pela escuta dos coros  
O que propriamente se passou, pois  
Nós estávamos em discórdia.

B 59

- Tu, Keuner, tapa a tua orelha  
Contra o barulho dos canhões e não vejas  
Os projetéis que vem ao teu encontro, mas  
Na muda dos meses no  
Perigoso caminho de volta reconhece  
A falta que cometeram  
Anda mais uma vez  
Até a parede do tanque e corrige  
O desenho<sup>169</sup> da vossa situação  
Traça pelo ponto Fatzer uma linha tão longa  
Quanto a linha a<sup>170</sup>, pois Fatzer  
Não está sozinho, mas é  
Um entre muitos. Obedientes.  
Mas atrás da linha do contendor  
Traça igualmente uma  
Outra linha com a distância e tamanho daquela  
Linhã, que põe em cena a vossa burguesia  
Pois vossos contendores têm também atrás de si  
Seu contendor, a burguesia, e também  
Desenhe uma seta, apontada para  
Vosso contendor, precisamente  
Igual à seta que está apontada contra vós  
É isso antes de mais nada  
Vossa real situação  
E agora podes

Reconhecer o que é para ser feito por vós e todos os soldados  
Que também são obedientes  
Contra vós. Virai-vos  
E transformai a guerra dos povos  
Na guerra das classes e  
A guerra mundial na  
Guerra civil, permaneçei portanto agrupados e levai  
A guerra à sua própria terra, pois enquanto  
Vós não houverdes exterminado vossa burguesia,  
As guerras não terminarão

KEUNER

Então deveríamos  
Ter fiçado lá

CORO

Correto, mas uma vez que vós vos  
Afastastes da massa e por isso  
Agistes errado, vosso  
Declínio é previsível

CORO ACONSELHA O ESPECTADOR,

NÃO PRESTAR MAIS ATENÇÃO À DISTANTE SINA DOS QUATRO

Uma vez que esses quatro  
Se impeliram para fora  
De seu ambiente e assumiram  
Um novo aspecto bestial e  
Sob constelações que  
São desconhecidas, e se separaram de nós  
Por soberba ou por ignorância, em breve  
Lhes acontecerá algo que lhes é estranho,  
Que bom ou ruim, a nós nunca  
Aconteceu e nunca acontecerá.  
Algo incompreensível. Por isso  
Não lhes deis ouvido, pois não ides ouvir  
Nada humano. Apartados

Da existência natural, eles fenecerão  
Sem sons compreensíveis. O que aquele em declínio diz  
É sem valor. O que são os feitos  
Daquele que não é esperança? Ele não se iguala  
A nenhum homem  
Em que ajuda saber  
Quem estripa quem, se para ambos  
A morte é certa?  
Sem valor é o palavrorio dos infelizes  
A vida deles já acabou, e o que eles  
Ainda desejam dizer, isso  
Não tem mais interesse.

B 60

CONTRACORO REFERE-SE À PRESENÇA DE MUITOS INTERESSADOS NA SINA DOS  
QUATRO

Os miseráveis de hoje  
Amanhã serão felizes, o que importa se eles  
Ainda hoje são mortais?  
Nós vos aconselhamos: mirai  
Estes quatro, pois vós os vereis  
Em declínio agindo como  
Quem se eleva. Não se preocupa muito  
Ao morrer aquele que não tem herdeiros  
Ao construir, não examina com tanto cuidado cada pedra de sua casa  
Quem nunca pensa em morar dentro dela  
Com certeza eles  
Não vão embora porque um negócio os chama  
Mas vão para o vazio. O que eles não fazem  
É o prejuízo de seus inimigos  
E o futuro deles jaz  
Atrás deles. Por isso prestai atenção  
Pois o que eles dizem



É para vós mais importante do que  
Para eles mesmos.

B 61

CORO *objeta*:

Se ele saiu por direito  
Ou não por direito, a ele  
Que regressa da guerra, se pergunta:  
Onde estão os outros que andavam junto de ti?  
Ele ainda berra: eu abandonei  
Apenas a injustiça, a quem  
Ele abandonou!  
Quem a lei infringe rouba  
Sua própria cama.  
Quem abandona um homem não regressa a  
Mais nenhum homem.

B 62<sup>171</sup>

- Levanta-te Keuner e anda  
Pela cidade e  
Investiga se  
Não existe nada melhor do que  
Vossa causa, o Fatzler.  
Considera todos que encontrares e  
Testa cada um deles! Ouve seus discursos e  
Tateia o material de que são  
Feito sua roupa e pensamento  
Se estão saciados ou famintos  
Se aguentam a refrega, mas  
Ainda dispostos a aguentar maior  
Refrega para eliminar toda refrega.  
Pois se existirem só cinco

Na cidade inteira  
Que estejam dispostos e aptos  
A fazer a subversão, então  
Alia-te a eles imediatamente  
Deixa todo o velho para trás e  
Proponha imediatamente o novo  
A saber a subversão absoluta.

B 63

PRIMEIRO CORO

Vós já sabeis que  
Na segunda década deste século  
Houve uma guerra de todos os povos  
Que se entrincheiraram  
E afundando seus navios inafundáveis  
De um mar a outro  
E habitando quatro anos sob o solo  
Em buracos de cimento  
Bombardearam uns aos outros com cinquenta  
Mil quilos de minério  
Comendo o capim e a carne de seus cavalos  
Voando pelo ar em máquinas de chapa de ferro recém-inventadas  
Uns contra os outros. Também rolando em charangas férreas<sup>172</sup>  
Uns contra os outros. Guerra essa que durou quatro anos e  
Foi reconhecida como crime  
Ainda em nosso tempo de vida.  
E vomitou uma estirpe  
Inteira leprosa  
Que pouco durou e  
Em declínio o mundo envelhecido  
Afundou.

B 64

CONSELHO DE GUERRA

- Por isso precisamos

Para suportar este terceiro ano de guerra

Que dura mais que o previsto

Repartir de novo o país

E com novas medidas, mais percucientes, esticar

Os víveres para que

Durem mais tempo e reduzir a cota

Por cabeça em 125 gramas de carne por dia

Do mesmo modo a farinha, os sapatos e o vestuário<sup>173</sup> para que

Nós

Com a última fração de nossa força

Nos mantenhamos firmes na maior guerra do mundo

De um povo contra trinta povos

E melhoremos a situação de nosso povo diante da de todos os outros

No final.

Para isso é necessário saber

Como o povo mais lá de baixo, o grosso da massa,

Se comporta diante da guerra<sup>174</sup>.

Tenaz e paciente ainda

Nenhum homem fugiu de nenhuma cova, mas

Isso só dura até que um escape.

Este país povoado só por mulheres

Mas em suas margens por

Homens entrincheirados.

Com a cifra dos seus homens

Dobrando o número dos que comem no país inimigo

Frio e doença advinda do frio

Da fome ainda mais mordaz, avivada pelo frio  
Em corpos adoecidos.

Eles o suportarão

B 65

- Do mesmo modo se recomenda

Inserir os militares

Nas fábricas

Depurar os jornais com mais afinco do que antes

Para que olhos desprotegidos

Não leiam aquilo que é prejudicial<sup>175</sup>.

Além disso um homem de nome Uljanow, alcunhado Lenin,

Residente em Zurique no exílio

Socialista e agitador popular, um elemento destrutivo

Por seu requerimento, tem de ser deixado atravessar nosso território

Num vagão chumbado para que no leste

Qual um fungo

Decomponha o corpo informe de nosso inimigo do leste.

Assim, sem o saber, tratando dos nossos negócios<sup>176</sup>

Pois<sup>177</sup>

B 66

I

CORO MOSTRA O PODER DOS CAPITALISTAS

Contra vós estão

Milhares navio

Tanque e avião e

Gás mortífero.

E contra vós  
Estão livros, escolas e jornais  
Penitenciárias e catedrais ao mesmo tempo!  
Portanto lembrai-vos disso e rebaixai-vos!

2

CONTRACORO

Contra nós estão os navios: mas  
Quem os pilota?  
Contra nós estão tanque e aviões  
Mas quem se senta dentro?  
Justamente isso  
Nós investigamos  
Se mortos os Fatzers, então  
Vossos navios vão a pique  
Vossos tanques são lata velha simplesmente  
E  
Vossas catedrais ficam vazias.

B 67

2

MÜLHEIM

- 1 Gritando a mulher de Leeb deplora a ausência de Leeb
- 2 Surgimento dos quatro e cumprimentos
- 3 As mulheres louvam os regressantes
- 4 O conselho
- 5 A comida e o primeiro discurso de Fatzler
- 6 O quartelamento

2

I

*Duas mulheres na casa da mulher de Kaumann*

THERESE KAUMANN *grita:*

Onde estão?

Três anos  
São anos demais!  
Por que ele não vem  
E deita em cima de mim?  
Hoje resolvi satisfazer  
A carne, a minha.  
Minha nudez  
Já murchou, sem dúvida  
Meu tempo já acabou!  
As vacas e as cadelas  
São satisfeitas quando chega a hora  
E eu exijo que eu também  
Seja satisfeita!  
Que eu não fique sempre pensando no meu  
Ventre que está vazio  
Mas que viva como vocês!

A SEGUNDA MULHER

Grite!<sup>178</sup>

(etc)

THERESE KAUMANN

Pergunto a vocês  
Por que ele foi embora?  
Preciso dele!  
Por que ele não volta?  
Faz falta aqui!

AS MULHERES

Por que o levam, ele vai embora  
E por que o detêm  
Não vem.

THERESE KAUMANN

O que tenho a ver com isso  
Com o que está sendo feito com ele.  
Ele que estique as canelas.  
Quando o homem tem um abscesso<sup>179</sup>

Ele estica as canelas  
Não tem culpa disso mas  
Eu também não!

PRIMEIRA MULHER

Não podemos dá-lo a você  
Mas tenho um irmão  
Que não tem trabalho  
E que não sabe  
Onde deve pernoitar.  
Quer que eu o mande para você.

THERESE KAUMANN

É, manda ele!  
Ele deve passar a noite aqui, já que aqui  
Tem um teto  
Eu quero lhe dar de comer  
O que ele precisar  
Pois aqui tem um prato  
E tem um terno aqui também!  
Mas diga a ele  
Que não tenho tesão  
A fim de que eu não esteja  
Ele deve vir.  
Pois estou cheia de trabalho  
E a noite  
Tô como uma pedra.  
Também não é o  
Abraço.  
Mas que alguém se sente ao lado  
À noite e de manhã  
Se lavando perto de mim, pois com isso  
Eu estou acostumada que nem vocês.

MULHERES

Assim é.  
Não tema

Nem se envergonhe  
O que é humano precisa ser permitido.  
*Ambas saem.*

2

- O regresso de vocês é honroso
- E se for desonroso?

FATZER

- Isso é uma cadeira?
- Algo alterada?

3

- Mas fugiram
- Alguns de seu tempo brônzeo  
Felizes! Eles retornam  
A cabana baixa que os acolhe  
Parece-lhes bonita  
O comedor redimido reconhece  
Seu velho prato.  
Vejam, para este irmão do homem  
Que entre abetos na última  
Lua  
Um projétil enterrou  
Uma mulher rindo cozinha  
Seu bife de sempre.  
Esperando a noite.

“O homem doente morre e o  
Homem forte combate”<sup>180</sup>  
E o mais forte é aquele que regressa

E O MAIS FORTE É AQUELE QUE REGRESSA  
KAUMANN

Agora saiam pois preciso



Falar mais uma coisinha com ela a respeito do tempo  
Em que eu estiver fora de novo. Pois antes de amanhã  
Eu preciso seguir adiante com aqueles ali

KOCH

Agora nós temos que discutir se  
Cada um de nós quer voltar para sua cidade  
Ou ficar nesta cidade.

BÜSCHING.

Ir embora.

4

KOCH

Mas de todas as empreitadas nos resta  
Só essa: viver  
Empreitada de altíssima periculosidade, pouco promissora  
Só possível por roubo, mas desta hora em diante:  
Cada meio quilo de carne salubre é uma vitória  
Construir agilmente esse teto sobre nossas cabeças a cada hora  
E nosso único triunfo, quem sabe mesmo nunca vivenciável:  
Ainda existir  
À margem desses anos.  
Eu também quero lhes dizer, porque  
Não devemos ir cada um para sua cidade:  
Pois assim ele desapareceria  
Um clandestino entre os muitos e procuraria  
Esquecer seu estado fora da lei  
Mas assim  
Nós ficamos invendáveis  
Totalmente sem nomes pelos quais nos  
Pudessem chamar  
Totalmente irreconciliáveis  
Quatro da mesma espécie, portanto pensando como de hábito  
E habitando  
Na cidade do inimigo

Pois para nós  
Até mesmo é cabível  
Aguardando o declínio  
Comprar uma casa aqui no país  
Daqueles que agora  
Injustamente o povoam, mas não:  
Eternamente.

*Ninguém impede os três de se afastarem uns dos outros, Fatzer diz:*

FATZER

De todos nós eu sou,  
Pelo cérebro e pela physis, o mais apto  
A me arranjar por conta própria, mas eu  
Sou a favor de ficarmos juntos.

Esta é sua cadeira? Ela é grande o suficiente  
Pra mim basta o caixote ali para dormir  
Invasão: Que tipo de caixote é este  
Eu guardo meu carvão aí dentro  
Onde está a água?

FATZER

Quando eu sair amanhã para buscar a comida de vocês  
Pois vocês querem de fato comer  
Mesmo se vocês não estiverem aqui  
Preciso de um terno como  
Outro qualquer. Você tem um?

KAUMANN

Ele deve estar no armário

THERESE

Tá aqui

FATZER

Me caiu bem. Com ele devo ficar parecido  
Com um deles

THERESE

Então vocês todos

Vão ficar?<sup>181</sup>

B 68

FATZER NO PASSEIO DURANTE O QUAL COLOCA EM  
PERIGO SEUS CAMARADAS

O ar e a rua pertencem a todos homens

Andar livremente no fluxo dos que passam

Ouvir voz de gente, ver rostos

Tem de me ser permitido.

Pois minha vida é curta e logo acaba e por entre os

Que andam

Eu nem mais sou visto. Mesmo na luta tenho de respirar

Comer e beber como de costume. Talvez ela dure eternamente

Quer dizer mais tempo do que eu, e eu então abatido

Nada terei vivido. Também o peito se atrofia

Nos esconderijos e para quê ainda esconder

Um homem esbandalhado. Tudo isso prova que eu

Posso perambular

Do jeito que me der gosto e para onde eu quiser.

OS TRÊS *andando atrás dele:*

Nem mais um passo Fatzler, você não anda

Só por você. Você consome nosso ar

E encurta nossos anos

B 69

FATZER

Numa terra onde honra não há

Cada qual sem honra há de existir. Você,

Metido na lama até o pescoço

Enquanto de cima a sujeira escorre para o olho  
Quer se queixar de alguém que passa por você e não  
Tira o chapéu diante de você? Desde o ventre materno um indesejado  
Pelo pai combatido no ventre materno  
Amparado porém às custas do Estado por  
Seus carniceiros  
Nós não temos nada a ver com eles, a não ser  
Cortar gargantas.

(Passeio: ele acumula honra)

B 70

Os três *enquanto o amarram com cordas*:

Pra que você não possa perambular por aí como qualquer outro homem  
Nós te amarramos. Pois seu passeio  
É nossa ruína. Você precisa ter  
Uma corda ao redor do corpo, para que você fique esperto  
Por isso não é nenhuma punição, mas sim  
Ajuda

B 71

FATZER

Segundo meu plano longamente ponderado, agora consegui pelo menos que vocês me desamarrassem dos pés da cama. Agora que eu não sou mais um cachorro amarrado, aliás, perdoando vocês por sua idiotice, vou terminar... o negócio. Para pôr diante dos olhos de vocês um h o m e m (antes do declínio de vocês), eu intimo vocês a se apresentarem hoje à noite no conhecido horário no local sabido. Lá terá lugar o passeio de Johann Fatzer, irresistível e plenamente público

B 72<sup>182</sup>

4

- Fica no lugar

Onde se deu tua derrocada

Espera ainda

As últimas pancadas

Junta-as para que não se percam<sup>183</sup>! No

Local de teu colapso

Construa tua casa

Dorme

Come e experimenta

As horas do dia numa atitude humilhada

Não troques logo a tela sangrenta

Fala com voz fraca

Aos circunstantes, pede

Sereno por água aos que riem

Portanto fica no local

De tua derrocada, mas

Abandona em disparada (sem chapéu)

O local de teu sucesso.

B 73

Keuner de volta: ele encontrou três.

Coro faz um relato da revolução russa<sup>184</sup>

- Escuta agora, Keuner: os teus três

Bastam.

Ontem nós ainda exigíamos cinco, mas agora

Só são possíveis trabalhadores

A grande conversa com os oportunistas.

Keuner lê para os três o Manifesto comunista<sup>185</sup>

Discurso de Keuner sobre a literalização (ao costurar as calças)<sup>186</sup>:

- Vocês precisam ler livros, então a revolução chega!

FATZER

Keuner, você não consegue

Cuidar de si mesmo e quer

Ajudar o mundo todo.

KEUNER

Nossa situação, Fatzer, é tão ruim que

Menos do que o mundo todo não pode nos ajudar.

Logo, um plano para nos ajudar

Tem que ajudar o mundo todo.

(Keuner é rejeitado)

Um é um comunista selvagem

Büsching se torna revolucionário

Irrupção. Fatzer zomba dele na frente dos soldados

Comentário: O soterramento do ensinamento<sup>187</sup>!!!

Keuner combate o anarquismo, o radicalismo e o oportunismo<sup>188</sup>

Keuner apontando para Büsching: esse é um idiota!!

Leitura em voz alta do manifesto<sup>189</sup>. Mulher traz trabalhadores. Conversa pacifista de

Keuner

sobre a guerra<sup>190</sup>.

B 74

*Uma vitória dos alemães é anunciada.*

FATZER

Dobrem os sinos sobre nós até que despenquem! Sangrem

vocês

Mais uma vitória! Joguem suas hordas famintas

Num vigésimo país roído!

FRÜHHAUPT<sup>191</sup>

Ah, pare de matraquear!

Em que a derrocada deles nos ajuda, além de sobrevivermos a eles?

Vamos sobreviver a eles? Eles nos jogam como granadas de mão

Nos seus inimigos, nos seguram pelo pescoço até que sejamos jogados.

FATZER

Você não vai sobreviver a eles. Eu tô vendo isso. Pois sua têmpora está cheia de cavidades<sup>192</sup>, e isso só vi

Em gente que fez água.

FRÜHHAUPT

Você devia fechar a matraca!

Não tem nada na minha têmpora. Dez anos

Se eles ainda vencerem vou ficar sentado e rir deles

Debaixo do chão.

FATZER

Ri! Ri uma vez! Já te dou como enterrado.

Você já tá fedendo.

FRÜHHAUPT *levantando:*

Agora lhe parto a cara!

KOCH

Senta, Frühhaupt!

Ele só quer ter o que derrubar. Amigos, olhemos

razoavelmente

Na cara da nossa nova derrocada!

FRÜHHAUPT

Disse “racional”?

Você com a sua razão! Tô cagando pra ela! Não quero

Mais ser racional. Não adianta nada. Se eu

Roer a cadeira

Dá na mesma.

FATZER

Frühhaupt, roa a cadeira! Pra me agradar

Roa ela! Te dou razão. O Koch

Deve estar por perto para assistir! Isso é saudável para ele!

*Arremessa uma cadeira em Frühhaupt.*

FRÜHHAUPT

Seus diabos! A culpa é de vocês! Vocês  
São meus inimigos, ninguém mais. Vocês  
Me matam!

KOCH

Frühhaupt, Frühhaupt, sossegue!

Eu também conheço essa dúvida sobre a razão. Numa tal  
Confusão

Está este mundo onde acontece ora isso ora aquilo, quase  
Nunca o que se poderia prever, que ser racional  
Já é quase irracional ou parece assim mesmo.

Você como pedreiro

Sabe o que é um ângulo, mas um ângulo é títica  
Numa parede empenada. Esse repicar dos sinos  
Nos confunde, o que nós pensamos aí não vale nada. Nas redondezas da  
Grande desrazão é difícil pensar. Melhor é  
Não pensarmos em nada agora e costurarmos algumas calças. De acordo?

B 75

OS TRÊS

Não nos conhecem  
Mas a ele  
Se deve conhecer.  
Nós queremos matá-lo, mas  
Deixaremos seu nome. Pois assim  
Ele deve ser de agora em diante. Como tudo  
O que nós todos queremos fazer é apenas  
Natural, o único que deve  
Ser mencionado é  
Aquele, eliminado por desonra



B 76

- Olhe esses soterrados

Quase não se movendo mais

Nem se distinguindo do solo

Esse bolor ambulante de

Quem a cada passo cai o cal

Da cavidade dos olhos!

Eu pesquei vocês das fezes

Como quem seus dentes pesca, que

Aliás não pode devorar e

Tem de novo encaixar!

B 77

FATZER

Sou contra o modo mecânico de vocês

Pois o homem não é uma alavanca.

Também tenho forte desgosto em só fazer

De muitos feitos aqueles que me são úteis. Mas gosto

De enterrar a carne boa e de escarrar

Na água potável.

Não é fácil.

Vocês porém contam até com a fração do

Que me resta fazer e incluem na conta.

Mas não faço isso! Contem!

Contem com a persistência de dez vinténs do Fatzter

E com a inspiração diária do Fatzter!

Façam a estimativa do meu abismo

Incluam cinco para imprevistos

De tudo o que tem em mim guardem

Só o que for útil a vocês.

O resto é Fatzter.

CORO

Tudo isso é o negócio do tempo  
Quem represa o rio, ainda verá, se ficar velho o bastante  
Como o dique desmorona ou  
O rio escasseia.

CORO

Vejam, a matéria é suficiente  
Só a ordenem, restará o bastante  
Por mais que se leve água para os desertos, sempre  
Continuará havendo areia. Não temais vós:  
O final não se alcança!

B 78

FATZER

Eu não sei se cortei fora meu pedaço de carne  
Como todo mundo faz, mas eu não me atrevo  
Eu preciso prestar atenção para não penetrar  
Na moenda dela, só porque  
Eu não posso e ela mói  
Palha descascada.  
Esta carne está podre e não vale mais  
A pena para um homem  
Como eu me encarregar de algo que  
Hoje está podre e amanhã é incerto.  
Mas eu nasci com uma tendência para apropriação  
Do mundo todo.

B 79<sup>193</sup>

- Eles sentem um e sentem dois  
Sabem um e não sabem dois

Experimentam um e dois  
Não querem saber de dois  
Experimentam porque não querem saber de dois e nesse  
Instante eles sabem de dois

B 80

CORO DA DIREITA

Pobres e ricos sempre existiram  
E do mesmo modo o fraco e o forte sempre existiram  
Desde os primórdios

CORO DA ESQUERDA

Pobres e ricos sempre existiram  
Mas não devem existir sempre

B 81

É BOM ASSIM<sup>194</sup>  
Os que nasceram não querem morrer  
É bom assim  
Eles comem e não querem se saciar  
E voltam a comer  
É bom assim  
Mas a seu tempo morrem e caem nas covas  
E em seu lugar  
Outros aparecem, dormem nos seus lençóis e  
Comem do seu prato com prazer  
É bom assim  
O que acontece precisa acontecer, senão por que  
Aconteceria?  
Mas não gritem tanto  
Por um homem, ele  
Nasceu e precisa  
Desaparecer e não chega longe

E não percam  
O fôlego de vocês, pois vocês também  
Precisam desaparecer logo!

CONTRACORO

Gritem por um homem  
Ele deve partir?  
É ruim assim!  
O que acontece, não precisa acontecer  
Alterem isso  
Não entreguem seus pratos  
Pois para quê?  
É ruim assim!  
Não é nada bom o que o homem não  
Faz bem!

B 82

- A injustiça existe  
Como a água  
A infelicidade  
Se levanta como o sol  
E o homem dilacera o homem<sup>195</sup>  
Como o peixe devora o peixe  
Assim é e portanto  
É bom assim

E eles não retornam e  
O chão embaixo do qual foram lançados  
Se fecha com o capim  
É bom assim

A injustiça já é  
Tão habitual como a água entre nós  
É ruim assim

E o sol não chega para nós com tanta certeza como  
Chega nossa infelicidade  
É ruim assim  
O homem dilacera o homem  
É Ruim, ruim, ruim, ruim assim!

B 83

- Mas aconselhamo-vos: estai  
De acordo<sup>196</sup>. Pois assim acontece,  
Como viram aqui e não de outro modo  
Não fujais. Quem  
Contra a correnteza nada, a este  
A água corre para a bocarra e  
O afoga

[5a.FASE DE TRABALHO: IMPRESSA NOS  
“VERSUCHEN”]

B 84

FATZER, 3

RONDA DE FATZER PELA CIDADE DE MÜLHEIM

FATZER

Antes de tudo saber

Em qual ponto do mapa nós

Da sanguinolenta, indistinta, maldita

crosta terrestre

Nos arrastamos para fora

O que eles tem aqui para devorar

Que tipo de gente, quantos

Ao todo ainda estão aí.

Pois aqui, estou sentindo

Ficaremos mais tempo.

*Diante do local de abastecimento municipal de carne*

FATZER pergunta a uma mulher:

Que tipo de repartição é essa?

MULHER

É o mercado de carne.

FATZER

Aqui se apanha carne?

MULHER

Cinquenta gramas por cabeça por dia<sup>197</sup>.

FATZER

Então eles precisam me dar quatro vezes isso.

MULHER

Você vale por quatro?

FATZER

A prática é superior à teoria<sup>198</sup>.

*Mulher sai rindo.*

UM SOLDADO *para um açougueiro:*

O trem inteiro é um trem de provisões.

Como disse, só estão faltando mais cinco bois da lista

E é por isso que eu vim até vocês.

AÇOUQUEIRO

Bem, então amanhã vocês podem ter três. Depois de amanhã

Na sexta feira, vamos fazer o abate novamente.

SOLDADO

E os dois que faltam precisamos o mais tardar

Depois de amanhã à noite

Partiremos sábado cedo.

AÇOUQUEIRO

Aha! Então são vocês que serão abatidos!

*As pessoas riem.*

SOLDADO *sai*

Cachorro burro!

FATZER *trotando atrás dele:*

Preciso ir atrás dele!

Este cheiro sanguinolento de cinco bois

Me guiará. Eu vou aproveitar para

Dar uma olhada como anda a minha amiga

A guerra.

Com que roupas anda o povo? O povo anda

Em roupas ruins, estou vendo.

A pouca lã e linho deles

Já se empilharam por detrás das baionetas, repartidos

Fio a fio. Esta guerra anda em

Calçados ruins; aí ela não

Vai tão longe. Também já tô acreditando no que vejo:

Agora o pobre está empobrecido e o rico enriquecido e

Entre eles, nada: isso também é bom.

Crianças, que ao nascer nada pesam e

Tem pálidas bocarras e  
Não ganham mais peso. Isto é bom.  
Bom também é que daqui a pouco o inverno chega, isso  
Consome a guerra, quando o povo gela.  
Agora quinze estão sentados  
Em cada fresta de muro, porque  
Não se constrói mais, e quanto mais  
Juntos estão sentados, tanto mais  
Razoáveis se tornam.  
E eles correm atrás de suas mulheres  
Como nos velhos tempos com uma expressão tão voraz  
Como se não tivessem outra preocupação, só a de  
Montar em cima delas. Isso não é bom.  
Não estão enfraquecidos o bastante  
Ou pior:  
Estão habituados à época sangrenta.  
Tudo continua. Claro, isso se arrasta  
Mesmo com a rótula esmigalhada  
Até o buraco cabeludo. Enquanto  
Ainda tiverem isso, tudo está direito  
Para eles. Seria preciso também tapar isso  
Para eles. Quanto mais dou uma olhada  
Mais preciso  
Seguir meus cinco bons bois.  
*Um pelotão de jovens recrutas passa marchando.*

FATZER *para o soldado:*

Isso é gente jovem. Não devia ser necessário.  
Ainda nem consegue comer sozinha sua ração e já tem que  
Assassinar homens. Isso consome a guerra.  
Primeiro de tudo isso precisa  
Crescer, e n t ã o fazer parte da guerra.  
*Soldado dá as costas e segue seu caminho.*

FATZER *trotando atrás dele*

Esse não tem opinião nenhuma



Isso é que é ruim. Por isso a guerra dura tanto  
E já teria  
Terminado faz muito tempo, mas ele tem que me  
Arrumar carne.  
Eu conheço a rapaziada. Esse  
Entrega a carne.

*Diante de uma padaria.*

QUATRO MULHERES *gritando:*

Entreguem a farinha!

Entreguem a farinha!

FATZER

Por que estão gritando assim?

AS MULHERES

A gente tem um vale<sup>199</sup>

Que diz que a gente vai receber farinha

Mas sempre que a gente chega no padeiro

A porta já tá trancada e

Daí nada de farinha pra gente.

Mas a gente sabe

Que atrás da porta tem farinha.

FATZER

Porque vocês não a recebem?

AS MULHERES

Os de cima a devoram!

O que o exército não devora, devoram os de cima.

Mas nós e nossos filhos

Recebemos os farelos.

FATZER

Por que vocês não arrombam a porta?

Arrombem a porta e peguem a farinha.

AS MULHERES

Esse aí também é um garganta

Gente que nem você a gente deveria é fuzilar!

Por que ele não está na guerra que é o lugar dele?

Os Ingleses são aqueles que nos cortam a comida

E os franceses assassinam nossos homens  
E aí está alguém que está do lado do inimigo!  
Olhem o provocador! Agora tira o corpo fora!

FATZER *continua andando, ao soldado:*

O povo é burro demais! Por isso a guerra  
Nunca para.

*Soldado dá as costas e continua andando.*

FATZER *trotando atrás dele:*

Enquanto ainda tiverem uns poucos nervos de carne  
Entre os dentes ou  
Entre os dentes do irmão de vocês  
Não cessam com as batalhas.  
Por isso a água ainda precisa  
Apodrecer na boca de vocês.  
Vocês ainda precisam desaparecer como moscas neste dezembro  
E até janeiro as traças vão devorar vocês.

*Dois homens passam.*

UM DELES

Você ainda tem lenha no seu armazém?

O OUTRO

Mil troncos.

UM DELES

Então não se desfaça da sua lenha  
Esconda. Daí, quando  
Ficar frio nós podemos  
Entregar cepo a cepo e eles  
Precisam pagar  
Tudo o que a gente exigir.

O OUTRO

E do mesmo jeito temos também que  
Estocar balde por balde de nosso carvão  
Fora da vista deles. A guerra não  
Pode terminar.

*Ambos saem.*

FATZER

Parece que ainda tem carvão e madeira. Mas é bom também que  
Tenha gente que tá aí com esses pinheiros  
Que eles escondem. Isso consome a guerra!  
É gente boa!  
Se existisse mais gente desse tipo, logo  
Essa guerra terminaria.  
Mas não existem muitos desses e poucos  
Passam bem demais e enquanto eles ainda  
Puderem ruminar grama requentada  
E rocins pútridos  
Espremem guerra sem cessar  
E por isso nós precisamos decidir nossa causa própria  
E nos abastecer com alimentos  
Por longo tempo.  
Atenção! Senão ele me escapa!  
Agora eu vejo cada vez mais claramente: nós precisamos  
Abocanhar algo não só para o almoço de hoje:  
A guerra vai durar mais.

Soldado *se volta*:

Ei você! Porquê você tá me seguindo como um cachorro?  
Porque você não diz nada, quando  
Te pergunto?  
Escuta aqui, a gente tem  
Uma faca pra tipos  
Que nos espreitam.

FATZER *consigo*:

Com ele, eu preciso de outra abordagem  
Se eu quiser conseguir carne -  
E eu preciso, para aqueles que eu conduzi até aqui-  
Eu preciso maquirar algo! Eu prometi isso. Eu preciso me  
Jogar a seus pés e mostrar minha fome.  
Ei, Camarada!  
*Ele tomba.*

SOLDADO

O que você tem?

FATZER

Me dê de comer!

SOLDADO

Levanta! Eu não tenho nada!

FATZER

Me dê de comer!

SOLDADO

Homem, eu não confio em você!

O fulano se deita

Você dá de beber e

E ele te apunhala pelas costas.

FATZER

É, agora é assim por todo lado.

SOLDADO

Não vá achando que eu não reparei que você

Me perseguia. Se fosse honesto

Não teria se jogado pois você

Não está fraco.

FATZER

Acredite no que quiser mas

Se eu tivesse o que comer

Não teria me jogado.

SOLDADO

O que eu tenho com isso?

FATZER

Com certeza nada. Eu deito aí, posso estar

Esticando as canelas e você diz:

O que tenho com isso?

SOLDADO

Por quê não?

FATZER

Claro, por que não?

SOLDADO

Então, não vou te dar nada.

FATZER

Naturalmente nada!

Presta atenção: nós

Somos quatro e precisamos de

Algo pra comer, e se alguém

Reparar, a gente

Desaparece. Mas você tem cinco bois

E foi atrás deles que eu corri, quando

Te segui, e amanhã

Eu quero vir com meus amigos

E trazendo comigo uma carreta

Quando estiver escuro, e você

Vai arrumar da sua carne

E farinha e um pouco de gordura do seu armazém

Que é destinado ao exército; pois nós

Também somos do exército. Agora me ajuda a levantar.

SOLDADO

Não vou te levantar. Mas se

São mesmo do exército e

Se safaram dessa guerra suja e amanhã

Esperarem com uma carreta no açougueiro, mas lá

Onde passa muita gente, vou

Ver o que posso fazer por vocês.

FATZER

Na verdade, para quatro!

B 85

FATZER, 3

SEGUNDO DESVIO DE FATZER

DUAS NOITES SEGUIDAS OS QUE REGRESSARAM TENTAM

OBTER PROVISÃO. FATZER LEVA AS TENTATIVAS AO FRACASSO.

1

KEUNER

É este aqui o local

Por aqui ele precisa passar  
O que vai nos ajudar, o que  
O Fatzter encontrou  
E já, já, é hora.

BÜSCHING

Se pelo menos o Fatzter,  
Que conhece ele, chegasse na  
Hora certa. Esse é  
Um cachorro condenado, quando se trata de pontualidade.

KEUNER

O Fatzter vem.

LEEB

Quando soa o toque de recolher  
Seu homem tem que estar na caserna.

KEUNER

Então o Fatzter vem  
Antes de soar o toque de recolher  
E seu homem já deve estar por aí.

BÜSCHING

É certeza que tá entre eles  
Qual deles será?  
*Passa um soldado.*

LEEB

Aquele lá! Talvez seja aquele?

BÜSCHING

Pode ser, o que vocês acham? Ele  
Parece afável.

KEUNER

Afável demais! A afabilidade em pessoa. Se ele  
Tivesse mais dureza entre a boca e o nariz  
Não dá pra dizer que parece arrivista, e  
Não tem algo de voraz? Ao caminhar!  
Afável sim - mas afável com quem?  
Eu digo a vocês, quanto mais eu contemplo ele  
Tão macio quanto a gola suada de um assassino:

não

Não pode ser ele.

*Passa um civil.*

BÜSCHING

E esse?

KEUNER

O cabeça de sela<sup>200</sup>? É, pode ser

Que despiu a farda pra

Não ser reconhecido, mas olha só

Ele também não se despiria de sua pele, para que

Não o reconheçam, músculos e nervos

Para que não o reconheçam?

Essa orelha de abano tem algo de vicioso

Eu digo a vocês: esse não recheia quatro estômagos

Que (enquanto a superfície terrestre é pela guerra  
dilacerada)

Se esticaram debaixo da terra e esperam por carne.

Não, esse não.

BÜSCHING

A gente não vai encontrar ele sem o Fatzer.

KEUNER

Se o Fatzer selecionou aquele

Que vai nos ajudar, deve ser possível

Reconhecê-lo pela aparência, senão

Como o teria reconhecido?

*O soldado da outra noite passa.*

BÜSCHING

Esse por exemplo não poderia ser

Ele parece uma chaleira de ferro

Eu não abordaria ele.

KEUNER

É, esse é

Um homem duro, a gente vê.

BÜSCHING

Se o Fatzer não vier agora

Hoje foi em vão.

KEUNER

Quanto mais a gente olha, menos  
Um homem parece com um homem. Nenhum de todos  
Que passaram por aqui se parece com alguém que  
Nos auxiliaria em caso de urgência.  
*Soa o toque de recolher.*

BÜSCHING

Agora podemos ir pra casa.  
Que ele não veio, isso eu não entendo.  
*Fatzer vem lentamente.*

FATZER

Vocês tão aí?

BUSCHING

Onde você esteve?

FATZER

Eu fui detido.

KEUNER

Por quê, Fatzer, você  
Não veio? Como estava combinado?

FATZER

Eu tive um negocinho com uns açougueiros  
Que acreditaram que poderiam me  
Levar na conversa.

BÜSCHING

Então agora acabou, no que diz respeito à provisão  
Para as semanas seguintes?

FATZER

Amanhã será outro dia. Quem sabe, amanhã  
Vocês também usem outro tom  
Quando falarem comigo  
Se precisarem de mim.

KEUNER

Não precisamos de outro tom, você é que  
Tem que estar aqui quando necessário.



FATZER

Então, eu tenho que estar aqui?

BÜSCHING

E amanhã? Vai estar aqui?

FATZER

Vou.

KEUNER

E nada vai te deter?

FATZER

Não.

KEUNER

Amanhã então.

2

*Keuner, Büsching, Leeb, Fatzer*

*KEUNER para Fatzer*

Nós precisamos conseguir a carne.

Não comece nenhuma briga hoje.

Pois nós não poderíamos tomar seu partido,

Porque nós, como você mesmo disse

Ninguém pode reconhecer.

Não podemos mais desperdiçar nenhuma oportunidade

Carne assim de presente

Não aparece duas vezes.

*Chegam dois açougueiros.*

FATZER

Aí vem aqueles que me ofenderam ontem

Pra eles precisamos

Mostrar que com a gente eles não podem fazer nada.

BÜSCHING

Fica aí Fatzer, nós

Precisamos conseguir carne.

FATZER

Pra mim tanto faz. Eu preciso

Falar com eles

*Fatzer parte para cima de um dos açougueiros. Em seguida*

*Outros açougueiros se precipitam para fora do açougue e o rodeiam.*

OS AÇOUGUEIROS

Aí está, aquele que ontem

Tomou na cabeça! Ele precisa

Tomar hoje de novo.

FATZER

Ontem eu era só um. Mas hoje

Nós somos mais. Ei, Büsching!

UM AÇOUGUEIRO

Dêem-lhe uma na fuça!

Quem é você afinal?

*Eles espancam e derrubam Fatzer.*

KEUNER *para Büsching e Leeb*

Não se mexam! Não deixem

Notarem nada, façam como se

Não o conhecessem.

UM AÇOUGUEIRO *para eles*

Ei vocês aí!

Vocês também tão com ele?

KEUNER

Não!

UM AÇOUGUEIRO

Vocês estavam do lado dele

Vocês devem conhecê-lo.

KEUNER

Não, nós não o conhecemos.

OS AÇOUGUEIROS *voltando para o açougue*

Assim é melhor pra vocês.

BÜSCHING

Agora a gente precisa levantar ele.

KEUNER

Fica! Nós viemos até aqui pra

Buscar carne.

LEEB

Mas pra isso nós precisamos dele.

KEUNER

Ele que se levante sozinho.

*Fatzer se ergue coberto de sangue e sai cambaleando.*

KEUNER

Fatzer!

Aqui, Fatzer!

LEEB *chama Fatzer:*

Venha aqui!

*Fatzer se afasta como se não ouvisse nada.*

LEEB

Para onde ele vai? Ele apanhou

Muito.

KEUNER

Quando ele voltar a si

Ele virá pra cá; Pois a gente

Está aqui e precisamos

Conseguir a carne.

BÜSCHING

Agora o sinal não tarda.

Talvez a gente devesse

Ter ajudado ele. Ele é o único que

Pode nos arranjar algo.

Quando tava no chão

Eu vi ele olhando pra cá.

*O toque de recolher é soado.*

KEUNER

Bem, agora vamos.

Não se fala mais nisso.

Teremos que dormir com essa, mas

Eu lhes digo: Não é

Nada bom o que estou prevendo.

*Os três saem.*

B 86

FATZER, VEM

I

Deixa teu posto

As vitórias foram conquistadas. As derrotas foram

Conquistadas:

Deixa teu posto agora.

Mergulha de novo no fundo, vencedor.

O júbilo impele para lá onde se deu o combate.

Não fique mais lá.

Aguarda o clamor da derrota lá onde é mais barulhento:

No fundo.

Deixa teu velho posto.

Abafa tua voz, orador.

Teu nome será apagado das placas. Tuas ordens

Não serão executadas. Permite

Que novos nomes apareçam nas placas e

Novas ordens sejam seguidas.

(Você que não dá mais ordens

Não incites à desobediência)

Deixe teu velho posto.

Você não bastou

Você não está pronto

Agora você tem a experiência e basta

Agora pode começar:

Deixa teu posto.

Você, que dominou os cargos

Aqueça teu forno.

Você que não tinha tempo para comer

Cozinhe sua sopa.

Você sobre quem tanto se escreveu

Estude o ABC<sup>201</sup>.

Comece imediatamente com isso:

Ocupe teu novo posto.

O espancado não escapa

à sabedoria.

Segura firme e afunda! Teme! Vamos, afunda!

Lá no fundo

O ensinamento te aguarda.

O perguntado demais

Torna-se participante do inestimável

Ensino das massas:

Ocupa o teu novo posto.

2

A mesa está pronta, marceneiro.

Permite que a levemos.

Agora, não continues aplainando

Para de pintá-la

Não fales nem mal nem bem dela:

Como ela está, nós a levamos.

Nós precisamos dela.

Entregue-a para nós.

Você está pronto, homem de Estado

O Estado não está pronto.

Permita que o alteremos

Segundo as necessidades de nossas vidas

Permita que sejamos homens de Estado, homem de Estado.

Sob suas leis está escrito teu nome.

Esqueça o nome

Respeite suas leis legislador.

Submeta-se à ordem, homem das ordens.

O Estado não precisa mais de você

Entrega para nós.

## [O COMENTÁRIO FATZER]

C 1

O que o comentário contém:

Opiniões (teorias) que são necessárias para o Estado coletivista e o caminho até lá: a revolução

Exemplos

1. Não se deve aceitar a pergunta: o homem vive com qual propósito. Ela precisa ser feita para cada qual: você vive com qual propósito, homem? Ele precisa ser capaz de respondê-la.

Ou

2. Como deve ser a pintura? Resposta: copiável por qualquer um e de modo que o Estado possa tirar proveito. Em vista disso, o gestual é, por exemplo, mais importante do que a expressão, a posição dos elementos entre si (composição) é mais importante do que a centralização do efeito da imagem etc etc.

C 2

DOCUMENTO FATZER

A finalidade para a qual um trabalho foi feito não é idêntica à finalidade para a qual ele é utilizado. Dessa forma, o documento Fatzer foi feito, em primeiro lugar, sobretudo para o aprendizado daquele que escreve.<sup>202</sup>

Se mais tarde se tornar um objeto de ensino, os estudantes aprendem por meio do objeto algo completamente diferente do que aquele que escreve aprendeu. Eu, aquele que escreve, não preciso concluir nada. É suficiente que eu me instrua. Eu meramente dirijo a investigação, e o método que utilizo é aquele pelo qual o espectador pode investigar.

C 3

Compondo o discurso anual com as três objeções heréticas contra o modo de atuação, e compondo o grande discurso no final do tempo de ensino com a única objeção herética contra o comentário, e redigindo o discurso mensal com a aplicação do comentário a

uma questão de Estado, aquele que estuda lança mão do modo de escrever do comentário.

Pergunta: Por que aquele que estuda lança mão do modo de escrever?

Resposta: A escolha do pensamento, a atitude daquele que escreve e a finalidade da escrita são determinadas pelo modo de escrever. Entre muitos pensamentos, poucos são úteis. Aquele que estuda aplica o modo de escrever do comentário para aprender a entender os pensamentos do comentário. Pelo modo de escrever ele escolhe, entre os pensamentos, determinados pensamentos de acordo com sua grandeza ou pequenez, de acordo com sua sequência ou de acordo com seu gosto. Pensando nos pensamentos do comentário ele reconhece as imperfeições do comentário em sua grandeza e em sua pequenez, em sua disposição e em seu gosto. Entre muitas atitudes, poucas são agradáveis<sup>203</sup>.

C 4<sup>204</sup>

*Discutindo o discurso anual com as três objeções revolucionárias contra o comentário.*

O ENSINAMENTO DA RETÓRICA

1. A escolha do estilo decide sobre todo o resto.

Possivelmente só o estilo do comentário

2. O “quem tira proveito”<sup>205</sup>

C 5

COMENTÁRIO FATZER

Os alunos deverão decorar, antes de apreender, aqueles trechos do comentário que os professores reconhecerem como difíceis.

C 6

O COMENTÁRIO FATZER

O Documento Fatzer inclui o Comentário Fatzer. O Comentário Fatzer contém duas espécies de instruções para os atuantes: as que se referem à apresentação e as que se



referem ao sentido e à aplicação do documento. O estudo das instruções sobre o sentido não é necessário para a compreensão das instruções sobre a apresentação e, portanto, também não é necessário para a apresentação, enquanto que o estudo das instruções sobre o sentido, sem o estudo das primeiras, que também abarcam a atuação, é até perigoso. Portanto, primeiro devem ser lidas as instruções para a atuação, e só depois que aquele que estuda apresentou o documento é que deve ocorrer o estudo do sentido e da aplicação. Aqueles que estudam deverão realizar a apresentação imitando a apresentação dos artistas de primeira linha de seu tempo. Aqueles que estudam devem criticar, oralmente e por escrito, a apresentação feita pelos artistas de primeira linha de seu tempo, mas de toda forma devem imitá-la até que a crítica a modifique. Propostas para a modificação de gestos ou entonações devem ser feitas por escrito; não podem interferir nos exercícios em si. Dessa forma, as instruções do comentário também podem ser modificadas a qualquer hora. Elas estão cheias de erros quanto a nossa época, e suas<sup>206</sup> virtudes são inutilizáveis quanto a outras épocas.

C 7

1) *Quando a ronda de Fatzer<sup>207</sup> pela cidade de Mülheim é uma realidade - ainda que nenhum homem Fatzer tenha rondado a cidade de Mülheim?*

Resposta:

Quando um número suficientemente grande de pessoas suficientemente boas, suficientemente esclarecidas a reconhecerem como verdadeira.

*Explicação:*

Além dos atos que os homens realmente realizaram, existem alguns que poderiam ter sido realizados. Estes últimos atos estão sujeitos à época, do mesmo modo que aqueles primeiros, e existe uma história a respeito destes, do mesmo modo como existe uma daqueles, que mostra os nexos entre épocas distintas. Determinadas imagens que os homens fazem de si mesmos são características de determinadas épocas, nas quais observam-se entre eles certos gestos, justamente porque esses gestos são importantes. Portanto, os homens reconhecem em certos caracteres as imagens mais verdadeiras de suas vidas e, em composições de personagens em determinadas atitudes, quais são os verdadeiros interesses que os homens dessa época mostram. Então, quando um número suficientemente grande de pessoas suficientemente boas, que são suficientemente esclarecidas tiverem reconhecido a ronda de Fatzer como verdadeira, ela será uma

realidade, assim como o discurso para o encerramento da guerra de nosso camarada Lenin<sup>208</sup>.

2) *Quando um número suficientemente grande de pessoas suficientemente boas (úteis), que são suficientemente esclarecidas, reconhecem a ronda de Fatzter pela cidade de Mülheim como verdadeira?*

Resposta:

Quando para eles a ronda de Fatzter parecer possível para um número de pessoas suficientemente grande, ou boas, ou esclarecidas.

*Esclarecimento:*

Mas é preciso haver um número suficientemente grande de pessoas, porque nada que não seja do interesse de muitos é verdadeiro, e precisam ser pessoas suficientemente boas, porque nada que não repouse no interesse de pessoas tão boas quanto possível é verdadeiro, e precisam ser pessoas suficientemente esclarecidas, porque somente estas podem reconhecer a verdade.

3) *Mas quando eles a reconhecem como útil?*

Resposta:

Quando em sua vida diária ou anual lhes for útil que eles mesmos ou o maior número possível de pessoas tomem conhecimento dessa ronda; isto é, em sua luta por comida, moradia e vestimenta, no seu modo de comer, morar e vestir, assim como em seus encontros com homens, rondas por cidades, em suas conversas e planos.

A partir daí eles também tiram proveito se podem mostrar que são pessoas boas, suficientemente esclarecidas, das quais deveria existir um número suficientemente grande.

C 8

TEATRO

Aquele que pensa lê um livro que conhece para pôr seus pensamentos em ordem. Ele pensa no modo de escrever do livro.

Se alguém tem que proferir um discurso à noite, vai ao pädagogium<sup>209</sup> pela manhã e profere os três discursos do Johann Fatzter<sup>210</sup>. Com isso, põe seus movimentos, seus pensamentos, e seus desejos em ordem.

Continuando: se alguém quiser praticar uma traição<sup>211</sup> pela manhã, então vai ao pädagogium pela manhã para atuar na cena em que se pratica uma traição. Se alguém quiser jantar<sup>212</sup>, então vai ao pädagogium à noite para atuar na cena em que se janta.

C 9

PARA A PEÇA DE SEXO-FATZER

Em *origem da família*<sup>213</sup>, Engels considera que a primeira forma superior, a horda, não seria pensável sem a cópula desregrada, uma vez que o respeito pela apropriação do homem ou da mulher não poderia ser pensado já em razão de formas superiores ulteriores. O ciúme seria um sentimento que entraria em cena mais tarde. Improvável. Sem o ciúme - aliás um sentimento elementarmente materialista - não se chega a nenhuma dialética e o desenvolvimento fica sem fulcro.

Já na segunda forma superior, a família consaguínea, se apresenta a eliminação de uma possibilidade do ciúme, libertando ao menos as gerações dele. Na terceira, a família Punalua<sup>214</sup>, uma eliminação ulterior (entre irmãos), por que então na primeira não também?

C 10<sup>215</sup>

CAPÍTULO DA MORTE<sup>216</sup>

Quando aquele que pensa deparou com uma grande tempestade, estava sentado em um grande carro e ocupava bastante espaço. Em primeiro lugar, desceu do carro. Em segundo lugar, despiu o casaco. Em terceiro lugar, deitou-se no chão. Dessa forma sobreviveu à tempestade em sua menor grandeza.

C 11

Assim como alguém que morreu não tem mais parentes, aquele que dorme deve ficar deitado sozinho. Aquele que pensa também deve comer na penumbra de uma câmara com o rosto voltado para a parede.

C 12<sup>217</sup>

O senhor me escreva em um papel, disse o Sr. Keuner ao Sr. Wirr, quais são as condições indispensáveis que o senhor exige para a publicação de jornais. Pois a publicação de jornais ocorrerá, mas o senhor exija condições mínimas. Por exemplo, se o senhor admitisse subornáveis para elaborá-los, eu preferiria, do que se exigisse insubornáveis, pois então eu simplesmente os subornaria para que melhorassem os jornais. Mas mesmo se o senhor exigisse insubornáveis, que começemos então a procurar os tais, e se não acharmos nenhum, que começemos então a fabricá-los. O senhor escreva em um papel como os jornais devem ser, e se nós acharmos uma formiga que aprove o papel, que começemos então imediatamente. Essa formiga vai nos ajudar a melhorar os jornais mais do que a gritaria generalizada sobre a impossibilidade de aperfeiçoar os jornais. Porque é mais provável que uma formiga remova montanhas do que o boato de que não possam ser eliminadas.

Se os jornais são um meio para a desordem, são também um instrumento para a ordem. São justamente pessoas como o Sr. Wirr que provaram por meio de sua insatisfação o valor dos jornais. O Sr. Wirr acha que o que o preocupa é a inutilidade atual dos jornais, mas na verdade se preocupa com seu valor vindouro.

O Sr. Wirr tinha o homem em alta conta e os jornais como impossíveis de se melhorar, o Sr. Keuner, pelo contrário, tinha o homem em baixa conta e os jornais como melhoráveis. Tudo pode melhorar, dizia o Sr. Keuner, exceto o homem.

C 13

Depois que o ditado foi dito, ele deve ser conservado até que aquele que o disse tenha morrido. Então ele deve ser dito de novo junto ao morto ou, quando ele não for localizável, na presença de seus parentes e amigos, por ele mesmo<sup>218</sup>. Ora, ele deve ser conservado, e seu nome deve ser citado nas escolas com outros depois de dez anos, e se esquecido, os alunos devem dizer: esquecido. Mas se não o esqueceram, ele mesmo deve dizer o ditado de novo<sup>219</sup>, e isso até que o esqueçam.

O ditado deve dizer:

Eu não dominarei

Nem direi a inverdade  
Nem agirei sem reflexão  
Nem servirei um homem  
Nem mostrarei insatisfação  
Nem serei inútil  
Mas o que eu fiz  
Pode ter sido: dominar  
Mas o que eu disse  
Pode ter sido: inverdade  
Mas o que eu fiz  
Pode ter sido: sem reflexão  
Então que eu seja esquecido  
Eu não sou nada.

C 14

Nossa atitude vem de nossas ações, nossas ações vêm da necessidade.  
Se a necessidade é organizada, de onde vêm então nossas ações?  
Se a necessidade é organizada, nossas ações vêm de nossa atitude<sup>220</sup>:

Nossos pensamentos vêm de

Por que o Estado ordena o estudo do comentário aos alunos?  
Para lhes dar pensamentos que são úteis ao Estado<sup>221</sup>.

C 15

O Estado ensina o aluno para protegê-lo do abuso

A humanidade nunca pode se propor mais do que ela é capaz de realizar.<sup>222</sup>

Entrecoro: exortação para que não passem para o lado do inimigo, mas sim se dirijam a Mülheim do Ruhr.

C 16

Quando aquele que pensa ensina um ensinamento, ele o faz porque é preciso. Aquele que pensa, pensa comissionado. O ensinamento não visa à difusão de um determinado conhecimento, mas a execução de uma determinada atitude humana.

Onde se produz a verdade?

A verdade se produz no ensinamento do acordo<sup>223</sup>, ou seja, no ensinamento da atitude correta. Ao adotar a atitude correta, a verdade virá à tona, ou seja, aparecerá o reconhecimento correto dos contextos.

A verdade é um meio de luta das classes oprimidas.

Saber a verdade significa saber: A que serve? Para quem serve?

C 17

A compreensão pode ser usada num lugar diferente daquele em que foi descoberta. A matemática por ex. veio da medição de terras, da determinação do conteúdo de recipientes e de tais necessidades, e ela poderia ser usada de modo que muitos poderiam achar mais fácil acreditar naquilo que muitos acreditam ser possível.

Se você pode falar, então

Aprenda o discurso/ se você

Não pode falar, então aprenda

O silêncio.

C 18<sup>224</sup>

E Quantos tipos de homens existem no mundo?

M Dois tipos diferentes

E Que tipos são esses?

M Os dominantes e os dominados

E É bom que existam dois tipos diferentes de homens?

M Não, não é bom

E Mas quem quer que existam dois tipos diferentes de homens?

M O tipo dominante quer que existam dois tipos diferentes de homens

E Mas quem não quer que existam dois tipos diferentes de homens?

M O tipo dominado não quer que existam dois tipos diferentes de homens

E Então quem vai abolir a existência de dois tipos diferentes de homens?

M O tipo dominado vai abolir a existência de dois tipos diferentes de homens

E Ora, quem é o tipo dominado que quer abolir a existência de dois tipos diferentes de homens?

M É a grande massa indivisível.

M= MASSA Mas como abolir a existência de dois tipos diferentes de homens?

E = ENSINAMENTO A existência de dois tipos de homens será abolida através da violência

M= Mas quem vai fazer uso da violência?

E= Vocês, a grande massa indivisível e indestrutível

(Lacis<sup>225</sup>: só a parte organizada!?)

M Nós ouvimos dizer que é possível sem violência

E Quem disse a vocês que é possível sem violência?

M O / tipo dominante / nos disse que / é possível sem violência

E Então de que maneira se reconhece o tipo dominante?

M O tipo dominante se reconhece nisso: ele diz que é possível sem violência

E Mas quem sabe que só é possível através da violência?

M Nós, a grande massa indivisível e indestrutível

C 19

1 Pouca consistência

Dá apenas para bem pouca carga

Impossibilidade de maiores empreitadas

2 Improriedade para realizar planos em sua inteireza

3 Discrepância grande demais

Anciões alegres e desimpedidos = Classicismo

C 20

O SOTERRAMENTO DO ENSINAMENTO<sup>226</sup>

A punição faz do criminoso um criminoso e do homem bom um criminoso.

A criminalidade faz o criminoso e a punição também faz o criminoso.

C 21<sup>227</sup>

VISÃO DAQUELE QUE PENSA SOBRE A ÉPOCA DEPOIS DELE

Agora mesmo

Eles colocaram a cadeira, a velha

Na qual está escrito “é exclusivamente para aquele

Que é bom e de preferência: para cada um sentar ”

Com o movimento prescrito

No velho lugar, da prateleira de máscaras

Agarraram as máscaras surradas

Em parte gritando, em parte murmurando cantavam

O texto, empenhados em

Mantê-lo puro de sentimentos

Nas partes prescritas

Seu atencioso auditório aplaudia mostrando

Que é iniciado e ainda

De acordo

E ele aguardava

O momento em que o

Primeiro ator precisa se sentar errado, e quando eles

Assobiavam do modo indicado, viu

Que eles honravam as leis e

Os abandonou



C 22

3

O momento da acessibilidade determina a intensidade do desejo sexual

Eventualmente para gerar: neutralismo

Disso, eventualmente concluímos que para os proletários aquele amor que o objeto amado produz é excluído precisamente por estar frequentemente inacessível, ou é excluído<sup>228</sup> com relativa facilidade.

O amor permanece como necessidade fisiológica

Nós temos que lidar, muito provavelmente, com o amor condicionado pela convivência

Ciúme, um receio de danos materiais.

C 23<sup>229</sup>

TEORIA DAS PÄDAGOGIEN<sup>230</sup>

Os filósofos burgueses traçam uma distinção notável entre aqueles que são ativos e aqueles que são contemplativos. Aqueles que pensam não traçam essa distinção. Se essa distinção é traçada, então se deixa a política para aqueles que são ativos e a filosofia para aqueles que são contemplativos, quando na realidade os políticos devem ser filósofos e os filósofos políticos. Não existe diferença entre a verdadeira filosofia e a verdadeira política. Do conhecimento disso segue a proposta daquele que pensa, de instruir os jovens por meio da atuação teatral, a saber, tornando-os ativos e contemplativos ao mesmo tempo, como está proposto nos preceitos para as pädagogien. O gosto pela contemplação por si só é prejudicial ao Estado, mas o gosto pela ação por si só também é. A realização de atos por jovens, numa atuação que eles mesmos submetem à contemplação, os instrui em prol do Estado. Essas atuações precisam ser inventadas e executadas de modo que o Estado tire proveito delas. Portanto, o valor de uma frase, de um gesto, de uma ação não é determinado pela beleza, mas sim pelo proveito que o Estado tira quando aqueles que atuam proferem a frase, executam o gesto

e se lançam à ação. Contudo, o proveito tirado pelo Estado dessas atuações poderia ser muito reduzido por cabeças-duras, se eles, a saber, permitissem àqueles que atuam somente a realização daqueles atos que lhes parecem sociais. Entretanto, é justamente a apresentação do associial por alguém que está se tornando cidadão do Estado que é muito proveitosa ao Estado, principalmente se ela é executada de acordo com modelos precisos e grandiosos. A melhor maneira de o Estado corrigir as pulsões associiais dos homens, advindas do temor e da ignorância, consiste em forçar os homens a viver esses impulsos da forma mais completa possível e que o indivíduo não pode alcançar por conta própria. Essa é a base da idéia do uso da atuação teatral nas pädagogien.

C 24

Os tolos só têm pensamentos que não lhes são úteis. Os inteligentes só têm pensamentos que lhes são úteis. Também a respeito do pensar, os inteligentes só têm pensamentos que lhes parecem úteis.

C 25

Os gestos dos homens

Ou são explicáveis demais

(estado presente)

Ou inexplicáveis

(estado anterior)

Eles só podem ser imitados.

C 26

Aquele que pensa ponderou longamente o pró e o contra

Da presença de estranhos

Na morte

Pois considerou que

A culpa de um homem em relação ao Estado

Devesse ser expiada antes

De sua morte

O INDEFESO

E ele viu preocupado  
Como os tocaram para dentro  
Diante do moribundo, os  
Ignorantes

Até que são intimados a se dirigirem  
Ofegantes  
Dia sóbrio adentro

Mas não obstante ele concluiu  
Não liberar  
Nem um, nem os outros

C 27

Para poder morrer  
Seja pobre!

*No ritual fúnebre:*

Vede com que dificuldade morre! Ele possui  
Com demasiado gosto!  
Capítulo da morte<sup>231</sup>

C 28

SOBRE O ENSINAMENTO DO AMOR SEXUAL

Procedem erradamente aqueles que apresentam àquele que aprende a sexualidade como natural, limpa, inofensiva e compreensível. Mas têm razão aqueles que a demonstram para ele como não natural, portanto suja, perigosa, incompreensível. Cada qual sabe que para todas as espécies de animais a sexualidade não é natural, pois eles vivem, na maior parte de seu tempo, como se não tivessem sexo. Mas não é para impedir o amor que se deve descrever para aquele que aprende a sexualidade como tão suja e não natural, mas unicamente para lhe dizer a verdade. Não para estimular nele asco, mas para lhe ensinar

o espanto. Por isso, a melhor maneira de lhe ensinar o amor sexual é fazê-lo do modo como fazem os meninos entre si: eles falam da sexualidade rindo e com ardor e desenham grandes símbolos imundos nos muros das casas, semelhantes àqueles que são usados nas religiões da mais sábia de todas as raças<sup>232</sup>. E esse modo de ensino também é bom porque é praticado pela gente que pode se tocar não só com palavras, mas da mesma forma com as mãos. Mas por que a sexualidade não é natural? Muitos dizem que gerar vida é uma coisa medonha e que só através de um desejo mau o homem é instado a cometer tal coisa. O que parece demonstrar isso é o luto depois do coito, comum a todos os animais. Da mesma forma as convulsões da mulher durante o coito, como se estivesse doente, pois se essa morbidez também produz prazer, por isso mesmo é doente.

C 29

O QUARTO CAPÍTULO<sup>233</sup>

O quarto capítulo é o das visões paralisantes. A vinda de grandes alterações no espírito da humanidade é anunciada pelo temor. Os dirigentes percebem em seu próprio temor, ou no dos outros, o advento de grandes alterações. Eles devem realizar essas alterações. Em nossa época há um grande temor pelo crescimento excessivo das cidades e muitos acalentam pensamentos de escapar dele. Mas os dirigentes sabem que todos esses pensamentos são prejudiciais e constroem as grandes cidades. O mesmo se dá com a mecanização e com a moral coletiva. Os dirigentes esclarecem o sentido da mecanização e a utilidade da moral coletiva. Nadar contra a corrente é tolice, mas é preciso sabedoria para reconhecer a direção da corrente.

O quarto capítulo é também o do destroçamento das concepções pelos atitudes.

Muitos estabelecem uma distinção entre a razão e o sentimento e colocam a razão abaixo do sentimento. Entre a verdadeira razão e o verdadeiro sentimento não existe diferença que leve a uma luta. Mas o dirigente coloca o sentimento abaixo da razão, nunca usando a razão sem matéria que lhe sirva de base.

C 30

O conjunto espera muito

Os clássicos<sup>234</sup> diziam pouco.

Como aquele que está se afogando se agarra a uma tábua de salvação

Só assim é que se recebe o maior ensinamento<sup>235</sup>

C 31

E<sup>236</sup>: Tudo o que é pensado hoje é feito só para que tudo o que é feito pareça bom. Tudo o que é feito hoje é falso. Assim, tudo o que é pensado hoje é falso.

C 32

SOBRE O ENSINAMENTO

Como o homem simples deve considerar o ensinamento?

Se acatá-lo, pode desprezá-lo. Mas se não pode acatá-lo, deve ao menos honrá-lo

Por que pode desprezá-lo?

Porque lhe é ensinado com pouco esforço

Por que pode honrá-lo?

Pelo mesmo motivo

Por que deve acatá-lo?

Uma vez que lhe é útil

Por que nem sempre pode acatá-lo?

Porque não é forte o bastante

Por que aquele que ensina admite que nem sempre se pode acatar o ensinamento?

Porque esta é a verdade

Por que aquele que ensina ensina que ele deve honrar o que não acata?

Porque senão despreza o que não acata

Mas por que deve honrá-lo?

Para que não caia no esquecimento e para que as diretrizes verdadeiras que foram violentadas permaneçam inalteradas depois que a violência fenecer

O ensinamento pode destruir a violência?

Que a violência não destrua o ensinamento!

O que ajuda contra o que pratica a violência<sup>237</sup>?

Sua morte ajuda, se o violento estiver morto e se as pessoas tiverem guardado na memória o ensinamento, elas repetirão o ensinamento na sua cova

Por que o ensinamento não está perpetuado em uma placa de bronze?

Porque o bronze é transitório demais e pode se perder. Os grandes edifícios de granito não duram, mas as leves cabanas dos camponeses se renovam, portanto duram.

Quanto tempo duram as pedras e quanto tempo duram as cabanas dos camponeses?

Enquanto perdurar a necessidade

Por que se pode desprezar o ensinamento?

Que não se respeitem tanto as necessidades e nem se considere supremo aquilo que serve!

---

NOTAS DA TRADUÇÃO

**[Primeira fase de trabalho]**

<sup>1</sup> Refere-se à batalha de Verdun, que ocorreu de fevereiro a dezembro de 1916, durante a primeira guerra mundial (1914-1918). Tida como a maior carnificina da primeira guerra mundial, foi tanto o início da derrota alemã na guerra quanto o começo das grandes manifestações e greves proletárias na Alemanha, que desembocaram na Revolução alemã.

<sup>2</sup> O nome da figura aparece somente na primeira fase de trabalho. Sua função de proprietário da habitação, onde se escondem os quatro desertores, será posteriormente transmitida para Kaumman (nome que predomina nas fases de trabalho) e depois para Leeb.

<sup>3</sup> Nome de um dos desertores que em alemão significa literalmente cozinheiro. Nesta primeira fase de trabalho, absorve parcialmente os traços de Nauke. Brecht mudará seu nome para Keuner na quarta fase de trabalho (a respeito do nome Keuner ver nota 159.)

<sup>4</sup> Nome de um dos desertores que já nesta primeira fase de trabalho incorpora traços da figura Mellerman (que recebe outra função) e permanece constante até a última fase de trabalho. De acordo com as notas da GKBFA, Brecht provavelmente retirou o nome de um sargento ligado a um grupo radical de ultra direita responsável por assassinatos de mulheres em 1923/1924.

<sup>5</sup> Trata-se aqui do 'anti-herói' do romance de *As aventuras do bom soldado Schweik*, do escritor checo Jaroslav Hasek. Brecht o conheceu na tradução alemã de Lotte Eisner, quando trabalhou para convertê-lo em texto teatral para Erwin Piscator em 1927, juntamente com Leo Lania e Felix Gasbarra. A figura do 'valeroso' soldado – que, com seu oportunismo, conformismo e obediência ao poder, termina por denunciar e, em alguma medida, pôr em xeque esse mesmo poder – será utilizada de maneira recorrente por Brecht. Aqui, está a base para a figura de Büsching e, mais tarde, Schweik reaparecerá como problema central, em 1943, da peça escrita no exílio *Schweik na segunda guerra mundial*.

<sup>6</sup> Nome de figura que aparece só na primeira fase de trabalho, cujas funções serão atribuídas posteriormente ora a Büsching, ora a Kaumman.

<sup>7</sup> O nome Fatzer, caso literalmente tomado, remete ao substantivo *Fatzer* que significa fanfarrão ou tagarela. O nome do desertor também remete aos verbos *fatzen* (no dialeto suábio, zombar) e *zerfetzen* (esfarrapar). Ecoa o *Faust* goethiano que significa literalmente punho, o qual, por sua vez, ecoa o termo latino *Faustus* (venturoso, próspero, ditoso). Além disso, tem provavelmente como matriz a história, bastante conhecida na Alemanha do período, do bandido Mathias Weber, apelidado Fetzer. O bandido

---

atuava no Ruhr em 1790, período em que os exércitos revolucionários franceses em guerra com a contra-revolução européia ocuparam a área. Conta-se que, depois de desertar o exército suíço, atuou como criminoso por vários anos. Foi também conhecido pela habilidade de fugir das prisões. Em 1797, quando parte de um bando em Mülheim, realizou uma grande fuga da prisão, o que o tornou desde então uma figura conhecida por sua inteligência e força. Em 1802 foi preso e entregue ao exército revolucionário francês. Foi processado por mais de 180 crimes. A sentença, cumprida, foi a guilhotina. De acordo com a nota da GKBFA, a história de Fetzer se difundiu na forma de narrativas populares que transformavam a figura em um bandido de coração nobre que roubava dos ricos e ajudava os pobres.

<sup>8</sup> De acordo com as notas da GBKFA, Schorch é uma apelido para Georg.

<sup>9</sup> O nome Schmidt (ou Schmitt) aparece três vezes no texto. No fragmento B1, é mencionado como alguém a quem os soldados devem obediência e que os prende na guerra. No fragmento B5, como um dos desertores. No B9, novamente como um dos desertores, com função semelhante à de Koch. No fragmento B30 seu nome volta a ser mencionado, mas como o sargento que mandaria matar os quatro por desertarem.

<sup>10</sup> O texto será retomado como uma fala de Fatzter no fragmento B6.

<sup>11</sup> De acordo com a GKFBA, Brecht utiliza com frequência metáforas naturais para se referir à sociedade. A respeito ver também Mazzari, Marcus Vinicius. “ ‘Água mole em pedra dura’: sobre um motivo taoísta na lírica de Brecht”, in *O poema: leitores e leituras*. Cotia: Ateliê editorial, 2003.

<sup>12</sup> Ver nota 9.

<sup>13</sup> Ver nota 10.

<sup>14</sup> De acordo com a GKFBA, Brecht utiliza essa passagem em três outras partes: na passagem em verso *Calvino na cadeira elétrica sobre a entrada da humanidade nas grandes cidades no início do terceiro milênio*, no fragmento que considerava como um ‘acidente de trabalho’ – e foi um dos motivos alegados por Brecht para iniciar seus estudos de marxismo *Jae Fleischhacker em Chicago* – e na peça didática o *Vôo dos Lindbergh*, mais tarde modificada e nomeada *O vôo sobre o Oceano*, na cena 8 – ideologia.

<sup>15</sup> De acordo com a GKBFA, a imagem bíblica em que Deus decide destruir o mundo em função dos pecados da humanidade, salvando apenas a Noé e sua arca, é também utilizada num fragmento de peça para rádio denominado *Dilúvio*.

<sup>16</sup> Ver nota 3.

<sup>17</sup> Encontramos cena semelhante no primeiro quadro de *Mãe coragem e seus filhos*: os personagens tiram a sorte para ver o seu futuro em tempos de guerra.

<sup>18</sup> Possível alusão ao bombardeio de artilharia comum no front ocidental da Primeira Guerra Mundial.



---

<sup>19</sup> De acordo com a GKFBA, pode-se encontrar essa passagem de forma praticamente idêntica em anotação feita por Brecht em uma edição das sonatas para piano de Mozart de seu amigo Georg Geyer, em 1915-1916.

<sup>20</sup> No original *Menage*. De acordo com a GKBFA, a palavra francesa (“ménage”) era utilizada na Áustria para designar a alimentação das tropas do exército.

**[Segunda fase de trabalho]**

<sup>21</sup> Nome de um dos desertores que poderia ser traduzido literalmente como Mastigador. É o nome, utilizado com mais frequência, para designar o proprietário do esconderijo dos desertores e o marido da mulher que ali reside. No início, a figura, que tem funções semelhantes às de Kaumann, é Kiaul, Mellerman e em parte Schmidt. Depois, as funções serão atribuídas à figura designada como Leeb.

<sup>22</sup> Ver nota 5.

<sup>23</sup> De acordo com a GKFBA, não é possível definir com precisão qual seria esse discurso. Nem mesmo é possível afirmar que tenha sido redigido ou arquivado com o restante do *Complexo Fatzer*.

<sup>24</sup> De acordo com a GKFBA, a frase remete a *Antígona* de Sófocles.

<sup>25</sup> Em alemão *Fose*, que de acordo com nota da GKFBA é um termo chulo para prostituta.

<sup>26</sup> De acordo com a nota da GKFBA, este texto foi escrito em uma folha avulsa. No caderno de anotações existe uma nota que antecede B 12 (coros Fatzer I e 7) e que poderia ser considerada como o primeiro esboço:

“ 2. Discurso de Fatzer (sobre a natureza)

O homem

Permeável ([provavelmente também: fluido])

E vazando pela natureza.”

Brecht deixa anotadas possibilidades de posição do fragmento B 11 nos fragmentos A 24 (terceira fase de trabalho). No fragmento B 48 (terceira fase de trabalho), encontramos semelhança temática e estrutural com B11.

<sup>27</sup> Para ver um plano em que Brecht pensa a possibilidade de situar o fragmento B 12, ver o fragmento A 24.

<sup>28</sup> De acordo com nota da GBKFA, perífrase para os capacetes usados pelos militares no período da Primeira Guerra Mundial.

---

<sup>29</sup> De acordo com nota da GKFBA, a passagem dialoga com a peça *Asinaria*, de Plauto, em que aparece o provérbio latino “*Homo homini lúpus*” (O homem é o lobo do homem).

<sup>30</sup> Para uma possível ordenação deste fragmento dentro do conjunto, ver A 24.

<sup>31</sup> Ver plano de peça A 6. Brecht associa a deserção à saída de um buraco (para a entrada em outro), imagem que sugere a relação entre deserção e adequação/ retorno ao mesmo/ destruição (retorno radical ao mesmo, pois significa tornar coisa novamente, mas de maneira irreversível).

<sup>32</sup> A fala sugere que a deserção de Fatzter não se dá por razões conscientes, mas pela falta de vontade de fazer a guerra, ou seja, por causa de sua ‘natureza’ associal.

<sup>33</sup> Ver nota anterior.

<sup>34</sup> Brecht sugere que a proposta de união, feita por Fatzter, tem pouco a ver com política, mas sim com a sua ‘natureza’ associal, fora do controle da figura.

<sup>35</sup> No alemão, *auschlappen*. De acordo com a GKBFA, forma da linguagem coloquial para sorver, chuchurrear, comer tudo.

<sup>36</sup> De acordo com a GKBFA, a seguinte passagem foi inserida por Brecht na sequência:

Fecha o bico! É preferível olhar  
Se no beco vem vindo os que  
Vagueiam como gente sem pousada e  
Espreitam todas as esquinas com caras  
De chaleira de ferro

<sup>37</sup> Neologismo de Brecht: *Geschieße*.

<sup>38</sup> O verbo está conjugado aqui com o Konjunktiv I, indicando que Fatzter ou duvida do que está dizendo, ou está mentindo.

<sup>39</sup> No texto em alemão, fica evidente que seu movimento é involuntário, ligado a sua atitude associal. Ver nota 34.

<sup>40</sup> Em muitos trechos dos fragmentos, Fatzter ‘sobe nas tamancas’, tentando de maneira torta usar de um tom ‘elevado’ ou ‘profundo’, para admoestar seus interlocutores.

<sup>41</sup> Em alemão *Erbfeind*. Neste contexto, a palavra refere-se ao modo como os franceses eram chamados pelos alemães na primeira guerra mundial, expressando uma inimizade que seria transmitida de geração em geração. Com isso, Brecht situa a ação da peça em alguma região do front ocidental da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), fronteira à França. Além disso, na fala seguinte de Fatzter, expõe uma mistura de fusos ideológicos (ou talvez, uma formulação nacional-socialista). Fatzter articula uma posição

---

antiburguesa (já que o inimigo deixa de ser a nação vizinha para que sejam todas as burguesias) e, no entanto, faz uso de um termo extremamente nacionalista.

<sup>42</sup> No original, Brecht põe na boca de Kaumann a palavra *Karren*. Aqui, o personagem se refere ao tanque do qual acabaram de sair.

<sup>43</sup> Neste trecho, como um todo, Brecht trabalha com a personificação dos armamentos de guerra, que, como as mercadorias no *Capital* de Marx, ganham vida própria e fazem piruetas metafísicas enquanto os homens se tornam coisas à sua mercê. Por isso, dá a uma mina (explosivo militar colocado debaixo do solo que em contato com homens ou tanques explodia) uma mobilidade que ela não teria.

<sup>44</sup> De acordo com as notas da GKBFA, Brecht põe na boca de Büsching um modo de falar típico dos soldados da Primeira Guerra: referiam-se ao seu armamento de modo ‘humanizado’. Um exemplo é o modo como os soldados se referiam a um pesado obus na guerra: “Berta Gorda” (*Dicke Berta*), nome que ao mesmo tempo ‘humanizava’ o obus e aludia à filha de Krupp, o ‘rei dos canhões’, que tinha uma filha chamada Berta.

<sup>45</sup> Em alemão *Großkopfeten*. De acordo com a GKBFA, gíria para designar alguém influente, poderoso, da classe dominante.

<sup>46</sup> No alemão *Ausgeschämte*. De acordo com as notas da GKBFA, provavelmente uma derivação do termo coloquial ‘ausgeschamt’, que designa alguém que não tem mais vergonha.

<sup>47</sup> Brecht manteve a vírgula, o que na língua alemã também soa estranho, para esta frase que é uma interrogação (Quem tá aí fora?).

<sup>48</sup> Tentamos manter aqui a ambiguidade da interrupção proposta por Brecht no texto em alemão (“Wenn’s dir nicht paßt, geh ein// Haus weiter”). A leitura da primeira linha, sem a segunda, significa “morra” e, com a segunda, “mude de lugar” (os incomodados que se mudem).

<sup>49</sup> Na cena, os desertores colocam as cobertas no chão, para se deitarem sobre elas, e as cortinas como cobertores.

<sup>50</sup> No alemão, é bastante evidente que a mulher destina as batatas única e exclusivamente ao marido.

<sup>51</sup> Já na segunda fase de trabalho Brecht sugere que a região limiar em que os desertores esperam, cercada pelo ‘inimigo hereditário’, é uma região altamente proletarizada, como a do Ruhr, à qual Brecht se referirá de maneira direta posteriormente.

<sup>52</sup> Pequena cidade alemã localizada no sul, na fronteira com a Áustria.

<sup>53</sup> Pequena cidade localizada na Silésia.

---

<sup>54</sup> A primavera onde ‘tudo que está embaixo está subindo’ – provavelmente se refere ou à primavera de 1917, ou à primavera de 1923. Em ambas, por conta da grave crise econômica e política (a Primeira Guerra Mundial e a ocupação francesa do Ruhr, depois do tratado de Versalhes), ocorreram fortes movimentos de massa (maiores na primeira primavera) – potencialmente revolucionários, aos olhos de Brecht –, que depois foram reprimidos. A primeira foi reprimida com a conivência do Partido Social Democrata Alemão. A segunda primavera se deu diante de um partido comunista alemão já stalinizado, que assistiu à derrota de braços cruzados.

<sup>55</sup> O tema do homem-massa reaparece de maneira evidente nos fragmentos B 25 e B 48.

<sup>56</sup> Formulação semelhante pode ser encontrada no segundo final da *Ópera dos três vinténs*: “Primeiro vem a comida, depois vem a moral”.

<sup>57</sup> A cena provavelmente ocorre no local onde estão os trens de provisão. E possivelmente o soldado, que está sendo subornado com um cigarro, está de guarda no local.

<sup>58</sup> No original *Spreizen*. De acordo com a GKBFA, significa ‘cigarro’ em dialeto bávaro.

<sup>59</sup> No original *Mentscher*. De acordo com a GKBFA, é um modo de se remeter à prostituta. O vocábulo também está presente na *Ópera dos três vinténs* e em *Tambores na noite*.

<sup>60</sup> No original, *Essener Straße*. Optou-se por esta tradução por conta de um dos motivos centrais do texto, a comida, e também para manter o tom cômico presente no texto. A deficiência desta opção, sabemos, é que apaga a referência a outro significado importante: de que seria uma rua de Essen, localizada na região do Ruhr, que não é mero pano de fundo para os acontecimentos. Contudo, dada a sua nomeação em fragmentos posteriores, consideramos melhor a primeira opção.

<sup>61</sup> Sem pontuação no original. Quanto às possíveis incongruências do texto em português, principalmente a virgulação esquisita, elas advieram da estranheza que se encontra no original alemão. Com isso pretendo dizer que optei por manter não ‘resolvido’ aquilo que não está ‘resolvido’ no original. Ou seja, um modo de me manter fiel ao caráter *inacabado* do texto e também um modo de fidelidade *ao que está escrito*, e não ao que possa ter sido intencionado por Brecht, ali onde só posso constatar ambigüidades e estranhezas. Se estas há, que elas fiquem.

<sup>62</sup> No original *ein Krampf*. Literalmente significa “uma câimbra”, mas nesse contexto quer dizer algo de muito incômodo que tem de se cumprir compulsoriamente.

<sup>63</sup> De acordo com a GKBFA, no verso da página do original está colada uma foto – retrato de um homem (que a nota da edição crítica não identificou).

<sup>64</sup> No original *Austreten*. Eufemismo para urinar.

---

<sup>65</sup> Em alemão *schwach anreden*. A nota da GKBFA afirma ser uma gíria para provocar, repreender.

<sup>66</sup> No alemão, *Blutdreck*, palavrão bastante inabitual composta das palavras *Blut* (sangue) e *Dreck* (sujeira), que na boca de Büsching parece fazer eco às ideologias anti-semitas e de pureza de sangue tão comuns no período em que Brecht escreveu o texto.

<sup>67</sup> Em alemão *Dotschen*. Pode ser traduzido por rutabaga ou couve-nabo. Acreditamos que Brecht refere-se ao inverno de 1916, conhecido como o terrível ‘inverno das rutabagas’. Nessa estação, a raiz, utilizada mormente para alimentar gado, tornou-se praticamente o único alimento disponível, chegando ao ponto de os jornais a recomendarem como substituto do café. (Cf. Loureiro, Isabel. *A revolução alemã*. São Paulo: Unesp, 2005)

<sup>68</sup> A fala sugere que Koch age em função de uma moral (abstrata) ou código – aparentemente conhecido das outras figuras. Ele o aplica sem levar em conta a realidade, o que acrescenta em muito para o tom de ‘comédia pastelão’ da cena.

<sup>69</sup> De acordo com a GKBFA, duas passagens foram inseridas para ampliar a problemática sexual. A primeira de “Todo mundo comendo” até “Eu tenho esse direito”. A segunda de “Eu tenho esse direito” até “Fatzer sai.”. O final original da cena era:

Koch *para Fatzer*:

Come com a gente?

Fatzer

Sim. Como.

Büsching

Este é o novo tempo.

Fatzer *sai, ri*.

Brecht aí acopla uma nota a respeito da cena no verso da página: “a cena poderia começar com: ele está doente”. Nesta cena eles resolvem colocar Fatzer à prova com as algibeiras.

<sup>70</sup> De acordo com a GKBFA, nas duas páginas seguintes Brecht anota duas passagens de texto e a última possivelmente dá continuidade ao discurso da Kaumann:

Johann [decifração incerta] também morreu

E ele era tão belo como tu

Agora o caixão já está fechado

[Variante: Agora o caixão dele está fechado]

E a sua carne já está apodrecida

Se você sempre precisa de uma (minha?) mulher

(Não) É uma (nenhuma?) surpresa

[Variante: Não é nenhuma surpresa, se]

A amizade sofre

Você acha que

---

Não me causa dor

Quando te joga isso na cara e

Você fuma!

[Variante: Quando eu não te dou um porrada, quando você

Fuma]

<sup>71</sup> No original, *die Luft anschaun*. Maneira de falar incomum e de tom cômico, que lembra a expressão “tomar um ar”, mas não é equivalente a ela.

<sup>72</sup> De acordo com a GKBFA, no verso da página Brecht anotou:

Por que agora você

Está satisfeito com rutabagas

Por isso para você tanto

Faz.

<sup>73</sup> Brecht anota na sequência: “Koch é um fanático, ele fica doente quando fareja a indiferença de Büsching”. Na sequência escreve notas relativas às entreceñas (B16):

Soldados com capacetes de aço conduzem um homem pálido que está amarrado em direção a um muro.

*O povo em Mülheim*

*Quarto de caserna noturnamente*

“A Alemanha jazia ainda em

Profunda servidão, mas a voz da razão já

Se ergue nos quartos das casernas

Da boca do

Povo simples.”

<sup>74</sup> As duas entreceñas tem em alemão um tom extremamente coloquial e popular.

<sup>75</sup> No quadro 10 de *Santa Joana dos Matadouros*, Brecht utiliza formulação semelhante.

<sup>76</sup> De acordo com a GKBFA, Brecht anota na sequência e em parentesis (provavelmente para ser lido como aparte): “vocês sabem, por que eu falo.”

<sup>77</sup> De acordo com a GKBFA, Brecht anota uma variação no verso da página do manuscrito: “Quero perguntar uma coisa a vocês: sabem por que nos prenderam?”

<sup>78</sup> De acordo com a GKBFA, Brecht anota na próxima página do manuscrito:

na anterior:

acentuar o pedido, esperar até o berro

Os soldados: Idiota (e você disse isso?).

---

<sup>79</sup> No alemão: *Da geht keine Revolution durch, wo lauter Selbständiger sind*. Expressão que remete ao provérbio bíblico *Eher geht ein Kamel durch ein Nadelöhr, als dass ein Reicher in das Reich Gottes gelangt* (“É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus”).

<sup>80</sup> De acordo com nota da GKBFA, a frase faria alusão à cena III, 2 de *O mercador de Veneza de Shakespeare*, na qual Shylock exige que Antonio, para pagar o que lhe deve, lhe dê uma libra de sua própria carne. A mesma frase foi utilizada por Brecht no fragmento *Jae Fleischhacker em Chicago*.

<sup>81</sup> De acordo com a GKBFA, Brecht anota nas três páginas seguintes algumas idéias de estrutura da peça:

Generalidades :

Bem no começo:

Quando fala para eles que Fatzler seria pouco confiável, riem ressonantemente

Fatzler também poderia rir, se eles lhe dissessem isso.

3-5: intensificar muito: a descrença deles, frente aos fatos

Curva da crença:

Fuga		2 fracassa uma vez		Ato no armazém
1	3	5	7	14

Se agregam a isso notas para a cenas: 4 (“Fatzler não vem”), 5 (“A Kaumann diz: ‘ele não regula bem’, eles riem. Eles dizem isto a ele. Ele não diz nada.”) e 6 (“Ele não vem. Ri.”).

### [TERCEIRA FASE DE TRABALHO]

<sup>82</sup> O uso do nome Rosa para a mulher produz, neste contexto, uma associação com a figura de uma das cabeças da esquerda alemã (spartakista): Rosa Luxemburgo. Divergente de Lenin e dos bolcheviques no que dizia respeito aos rumos da organização do movimento revolucionário (crítica do centralismo democrático e da relação entre partido e massa), foi assassinada pela direita com a conivência absoluta da social democracia alemã durante a revolução alemã (precisamente 1919), deixando o movimento alemão orfão de uma das poucas cabeças capazes de pensar os caminhos para a revolução em solo alemão (o que colaborou em muito para a completa submissão do movimento comunista alemão ao partido comunista soviético stalinizado nos anos seguintes). O uso do nome Rosa é sugerido apenas neste fragmento.

<sup>83</sup> É a primeira vez que se sugere que o atraso de Fatzler se deu em função de uma briga, que mais tarde será esboçada como uma briga com açougueiros.

<sup>84</sup> Escrito em inglês, com grafia errada no original (o correto seria *rowdies*), significa rufiões.

<sup>85</sup> O esboço de cena está no fragmento B 14 da segunda fase de trabalho.

<sup>86</sup> ‘O trabalho de casa’ será desenvolvido no fragmento A 20.

---

<sup>87</sup> Marx utiliza a palavra *Expropriierung* no *Capital*, para se referir ao processo de formação do funcionamento ‘normal’ da exploração capitalista através da rapina (a chamada acumulação primitiva do capital no capítulo 24 do livro I) e para o processo no qual se daria a socialização dos meios de produção (os expropriadores serão expropriados). No contexto do *Fatzer*, parece remeter ao fato de que os desertores se valem da terminologia marxista para justificar atos criminosos, nesse sentido se assemelhando à classe dominante que se vale do roubo para se tornar capitalista.

<sup>88</sup> Brecht associa a figura do associal à Lulu de Wedekind que aparece nas peças *O espírito da terra* e *Caixa de Pandora*. Em Wedekind, a figura é também associada à negação absoluta da moral burguesa e à afirmação da emancipação individual. A respeito ver: Mayer, Hans. *Os marginalizados*. Rio de Janeiro: editora Guanabara, 1989.

<sup>89</sup> A palavra russa significa conselho. Foi uma forma de organização democrática e popular, surgida geralmente em momentos de ruptura revolucionária. A população se organiza de ‘baixo para cima’, a partir de pequenas unidades (fábricas, comunidades, bairros, escolas), com representantes que tem mandato imperativo (revogáveis a qualquer momento). Para Brecht (assim como para Korsch, Rosa Luxemburgo e o Lênin da fase “todo poder aos soviets!”) eram o cerne da organização revolucionária, espaço de mediação entre teoria e prática revolucionária e uma forma de organização política superior à do estado burguês. A respeito, ver por exemplo: Reed, John. “Os soviets em ação” in *A revolução de Outubro*. São Paulo: Boitempo editorial, 2007. Também Loureiro, Isabel. *A revolução alemã*. São Paulo: Unesp, 2005 .

<sup>90</sup> A frase é retomada de modo literal na peça *Na selva das cidades*, na cena “Lenha”.

<sup>91</sup> Sigla para a expressão russa *Nowaja Ekonomitscheskaja Politika*, Nova Política Econômica, proposta por Lênin em 1921: uma série de medidas para o fortalecimento da economia (aumento das forças produtivas) na União Soviética, incluindo a reintrodução de maneira limitada da propriedade privada em atividades comerciais. Foi, politicamente, uma resposta ao entravamento da revolução no ocidente, à miséria crescente que sofria a União Soviética, cercada pela contra-revolução, e ao massacre de Kronstadt (por conta da miséria, marinheiros soviéticos se revoltaram contra a política bolchevique de comunismo de guerra e foram massacrados pelo governo bolchevique). Foi substituída pelo Plano de Coletivização forçada da propriedade de Stalin em 1929.

<sup>92</sup> Provavelmente quer dizer cena 4, Fim: a Nep.

<sup>93</sup> Brecht utiliza aqui a palavra latina para ‘sexo’.

<sup>94</sup> Brecht expõe aqui, salvo engano, como as questões acerca da mulher e do sexo parodiam os dilemas econômicos que ocorriam no ‘socialismo real’, depois do entravamento da revolução.

<sup>95</sup> De acordo com nota da GKFBA, o falante aqui é Büsching, provavelmente depois da morte de Koch. Se essa nota for correta, poderíamos aventar duas suposições: (1) Brecht pensa na possibilidade de retirar



---

Koch das discussões que levam à decisão de executar Fatzer; (2) o mandante da morte, depois de tomar a frente do bando, seria o oportunista Büsching.

<sup>96</sup> Brecht sugere aqui que o modo adequado para tratar do assunto Fatzer deveria ter como princípio formal o debate dos soviets.

<sup>97</sup> Trata-se provavelmente de um coro não escrito, ao qual Brecht se refere também nos fragmentos A 11 e A 12. De acordo com a GKBFA, não foi encontrado no espólio de Brecht.

<sup>98</sup> Os três discursos de Fatzer presentes no material são: “Sobre a dependência do homem em relação à natureza”, correspondentes aos fragmentos B 11 e B 41; “Sobre a injudicabilidade das ações humanas”, correspondente ao fragmento B 17; “O discurso do homem-massa”, correspondente aos fragmentos B 15, B 25, B 48. Uma possibilidade de posicionamento dos discursos no conjunto da peça está em A 24.

<sup>99</sup> Ver nota 89.

<sup>100</sup> De acordo com a GKBFA, esse discurso não foi encontrado no espólio. Poderia ter relação com o fragmento B 25, que trata da alienação soldados na guerra, os quais agem mecanicamente conforme as ordens da classe dominante imperialista.

<sup>101</sup> Ver nota 89.

<sup>102</sup> Brecht poderia ter escolhido a cidade Mülheim na região proletária do Ruhr como palco da ação por conta de um acontecimento de 18 de Abril de 1923, representativo da cisão entre a linha do partido comunista (ineficaz) e a ação sem plano das massas em revolta (também ineficaz). Naquele dia, segundo o historiador Pierre Broué, “milhares de desempregados que se manifestavam perante a prefeitura tomam-na de assalto, e sob a impulsão de anarco-sindicalistas e de comunistas membros das uniões, designam um conselho operário. Este ordena a distribuição de víveres e a constituição de uma guarda armada. As autoridades de ocupação, que não são diretamente concernidas, autorizam a entrada da polícia, que retoma, à força, a prefeitura depois de um combate que fez dez mortos e setenta feridos.” (Broué, Pierre. *História da Internacional Comunista*. São Paulo: Sundermann, 2007, 2v.).

<sup>103</sup> A passagem talvez se refira a uma possível cena em que se comemora de maneira jocosa a obtenção de carne racionada, cem gramas para cada.

<sup>104</sup> Ver nota 79.

<sup>105</sup> Brecht refere-se aqui à revolução russa de 1917.

<sup>106</sup> O fragmento é provavelmente um plano de divisão da peça em partes.

<sup>107</sup> De acordo com a GKBFA, Brecht anota no verso da página: “Um morto: 85 quilos de carne fria/ quatro baldes de água e um saco cheio de sal”.

---

<sup>108</sup> Referência à figura mitológica grega de Prometeu. Em várias versões do mito de Prometeu, o titã roubou o fogo dos deuses e o entregou aos homens. Como punição, foi acorrentado permanentemente por Zeus a um rochedo e uma águia o torturava comendo todos os dias de seu fígado, que se regenerava diariamente.

<sup>109</sup> No original, os parentêses não foram fechados.

<sup>110</sup> A prostituta Fanny é provavelmente um nome dado à personagem do fragmento B 14. De acordo com a GKBFA, Brecht planeja no mesmo período uma peça com o título *Fanny Kress ou o único amigo das putas*, cuja idéia base seria desenvolvida posteriormente em *A alma boa de Setsuan*.

<sup>111</sup> Brecht usa semelhante frase em *A ópera dos três vinténs*, no *Dueto do ciúme*.

<sup>112</sup> Provavelmente se refere à cena B 14.

<sup>113</sup> Provavelmente se refere à cena B 14.

<sup>114</sup> A frase também é enigmática em alemão: *Straße wartet, daß Haus geräumt wird*

<sup>115</sup> No fragmento seguinte, A 20, existe um esboço do discurso.

<sup>116</sup> Os termos parecem remeter de alguma forma à organização centralizada do partido leninista de vanguarda (em processo de stalinização).

<sup>117</sup> O coito é narrado no fragmento B 34.

<sup>118</sup> Termo médico cunhado em 1835 pelo conservador inglês James C. Prichard em seu *Tratado acerca da insanidade e outras doenças afetando a mente*. Seria, de acordo com o livro, uma forma de “loucura consistindo em perversão mórbida dos sentimentos naturais, afeições, inclinações, temperamento, hábitos, disposições morais, e impulsos naturais, sem nenhuma desordem ou defeito notável no intelecto ou nas faculdades de raciocínio, e particularmente sem nenhuma ilusão de insanidade ou alucinação”. Seus portadores teriam conduta egoísta desenfreada ou excêntrica, combinada com um “temperamento intratável, com a decomposição de afecções sociais, uma aversão aos parentes e amigos mais próximos, antes amados, em suma, com uma mudança no caráter moral do indivíduo”. É sabido que o ‘conceito’, na época, teve entre outros usos o de justificar conservadoramente o confinamento dos participantes das insurreições proletárias em curso no período, como a que explodiu na própria cidade natal de Prichard, em 1831. Alegava-se que tamanho afastamento da religião e da moralidade, impedindo os doentes de preencher suas responsabilidades civis, era fruto da demência (e não da própria estrutura da sociedade burguesa) e que, portanto, deveria ser tratado como problema médico, confinando devidamente os doentes em instituições médicas adequadas. O ‘conceito’ também foi utilizado para diagnosticar o comportamento considerado ‘excêntrico’ dos ricos; os casos extremos não deveriam ser confinados, mas ter sua propriedade preservada por outrem em interesse do doente e de sua família.

---

<sup>119</sup> Todos os textos mencionados neste plano de peça foram escritos. Na ordem do plano: B 17, B 21, B 12, B 11.

<sup>120</sup> De acordo com a GKBFA, estas linhas são idênticas aos versos finais do poema *Das Zehnte Sonett* de 1927.

<sup>121</sup> De acordo com a GKBFA, Brecht escreve antes de B 20 uma nota com o título *Fatzer contra o socialismo*: “ainda que debilitado também – portanto débil!”

<sup>122</sup> De acordo com a GKBFA, Brecht deixa esta curta passagem anotada em um caderno de anotação anterior. Uma marcação (pouco clara) sugere que possivelmente forma o início da cena:

KOCH

Nós precisamos fazer o Fatzer falar. Por que

Ele não veio?

BÜSCHING

Que não venha, não se parece

Com ele.

FATZER *para si*:

Sim, o que o homem faz não

Se parece com ele.

<sup>123</sup> Koch evidencia aqui seu plano de usar o egoísmo de Fatzer em função do bando.

<sup>124</sup> As declarações de Fatzer sobre o Homem-massa aparecem também em B 15 e B 48.

<sup>125</sup> No original alemão *Kruppzeug*. De acordo com a nota da GKBFA, remete à gíria *Kroppzeug*, que significa malandro, canalha; ao mesmo tempo, um alusão ao truste Krupp, um dos maiores fabricantes de armas da Alemanha.

<sup>126</sup> De acordo com a GKBFA, esta versão da cena inicial é a única passada a limpo, diferente das versões anteriores em B 1, B 9 e B 15.

<sup>127</sup> Ver nota 9.

<sup>128</sup> Minas terrestres, enterradas no solo, que explodem quando pressionados por animal, veículo, ou ser humano.

<sup>129</sup> No alemão, *Gelbkreuzgas*. O gás cruz amarela, também conhecido como gás mostarda, é uma arma química baseada em mostarda sulfurosa utilizada na Primeira Guerra Mundial a partir de 1916. Ataca as superfícies expostas ao gás, com efeito fortemente vesicante e cancerígeno.

<sup>130</sup> De acordo com a GKBFA, a passagem foi escrita ao modo das narrativas bíblicas. A presença de palavras, temas e tons bíblicos ocorre também em muitos fragmentos, sobretudo nos trechos em prosa e nos coros.

<sup>131</sup> A região proletária do Ruhr foi um dos palcos centrais da emergência dos conselhos proletários durante a revolução de 1917-1923. Além disso, a ocupação do Ruhr pelos franceses em 1923, por conta do Tratado de Versalhes, foi o estopim de uma crise que terminou na re-emergência das grandes greves de massa espontâneas, que foram derrotadas pela contra-revolução diante dos olhos do partido comunista alemão stalinizado que nada fez.

<sup>132</sup> Esta é a única cena em que a mulher, que é casada com um dos desertores, o proprietário da casa em que se escondem, aparece com a designação ‘mulher de Büsching’.

<sup>133</sup> Em alemão *Ais*. De acordo com nota da GKBFA, é uma palavra da língua falada para ‘úlceras’ ou ‘abcesso’.

<sup>134</sup> No original, a palavra se encontra solta no final do fragmento.

<sup>135</sup> De acordo com a GKBFA, o sinal de indeterminação usado para indicar a figura já anuncia a mudança de nome, de Kaumman para Leeb.

<sup>136</sup> De acordo com a GKBFA, provavelmente um texto de coro.

<sup>137</sup> A imagem sobre o surgimento das metrópoles aparece também nos fragmentos B 3 e B 6.

<sup>138</sup> No original: *‘s wird nicht so heiB gegessen, wie gekocht wird*, expressão idiomática cuja tradução literal seria ‘não se come tão quente como quando se cozinha’. Optamos por procurar expressão análoga em português na tentativa de manter o modo de falar, por assim dizer, ‘burocrático’ de Koch/Keuner.

<sup>139</sup> No original: *Im Sand verlaufen* expressão idiomática cuja tradução literal seria ‘escorrer na areia’.

<sup>140</sup> Ver nota 26.

<sup>141</sup> De acordo com a GKBFA, primeiro Brecht escreveu, aço e fogo (*Eisen und Feuer*). Depois riscou ‘aço e’ (*Eisen und*). Provavelmente, a passagem deve ser completada com aço (*Eisen*).

<sup>142</sup> De acordo com a GKBFA, Brecht anota no verso da página uma variação entre colchetes: “o ombro”.

<sup>143</sup> De acordo com nota da GKBFA, seria apenas uma nota para auto-compreensão.

<sup>144</sup> A linha se assemelha à primeira linha do fragmento B 77.

<sup>145</sup> Em alemão *Einer, der sein Pfund vergräbt*, expressão bíblica encontrada em Mateus 25, 18 que significa que alguém não faz uso de suas capacidades.

<sup>146</sup> A linha está tematicamente ligada ao fragmento B 38.

---

<sup>147</sup> A linha está tematicamente ligada ao fragmento B 14.

<sup>148</sup> A fala de Fatzer está ligada tematicamente aos fragmentos B 36 e B 37.

<sup>149</sup> Ver nota 55.

**[Quarta fase de Trabalho]**

<sup>150</sup> De acordo com a GKBFA, a passagem possui tom bíblico.

<sup>151</sup> A figura que antes se chamava Kaumman passa agora a se chamar Leeb.

<sup>152</sup> No original o artigo está errado (*Die Fleisch*). Deveria ser *das Fleisch*.

<sup>153</sup> Compara a trajetória dos desertores com a mitológica 'volta para casa' do herói de guerra Ulisses da guerra de Tróia, na *Odisséia* de Homero.

<sup>154</sup> Nesta passagem, Brecht usa o verbo *aufhören* com objeto direto, o que é incomum. O verbo é empregado normalmente para se referir a uma decisão individual. Como usado aqui, ganha nota cômica, pois não é possível parar uma guerra individualmente, ou em quatro. Aqui, Brecht sinaliza de maneira evidente que se trata de uma interrupção subjetiva da guerra, objeto de crítica.

<sup>155</sup> Ver nota 1.

<sup>156</sup> De acordo com a GKBFA, a seguinte passagem datilografada foi colada no manuscrito: "Porque Fatzer não veio na hora certa. Quando fizeram ele falar, ele tergiversou, e quando o incitaram, recusou qualquer resposta com a observação de que ele não devia nenhuma resposta, porque ele era um homem livre. Contudo ele prometeu vir na próxima noite, o último prazo possível, já que o trem de víveres deveria partir no dia seguinte. Mas, também nesta noite, Fatzer não apareceu no local."

<sup>157</sup> A partir de agora, a figura, antes denominada Koch, passa a ser denominada Keuner (que aqui tem função diversa do Sr. Keuner das *Histórias do Sr. Keuner*). A nota da GKBFA apresenta algumas possibilidades de origem para o nome. De acordo com Walter Benjamin, como citada pela GKBFA, Brecht teria se baseado no modo de falar de um de seus professores, que trocava o ditongo 'ei' por 'eu'. Por isso, Keuner seria 'Keiner', ninguém, no sentido de figura desindividualizada. Também segundo Benjamin, desta vez em seu texto *O que é o teatro épico*, o nome viria do grego 'Koiné', linguagem popular grega que transmite o conhecimento coletivo, e também remeteria à 'koinon', comunidade política dos gregos antigos. A nosso ver, ambas explicações de Benjamin somadas ao contexto do Fatzer nos permitiriam dizer que o nome se refere ao gesto daquele que realiza o trabalho político ilegal, ou seja, o militante comunista clandestino.

<sup>158</sup> O coito também aparece nos fragmentos B 34 e B 39.

<sup>159</sup> Os sinos da vitória aparecem também nos fragmentos B 74.

<sup>160</sup> Esboço de Fábula que não tem desenvolvimento em nenhum dos demais fragmentos.

<sup>161</sup> Em 1919 se dá a primeira e mais significativa derrota da revolução alemã (a segunda seria em 1923). É também o ano de fundação da República de Weimar.

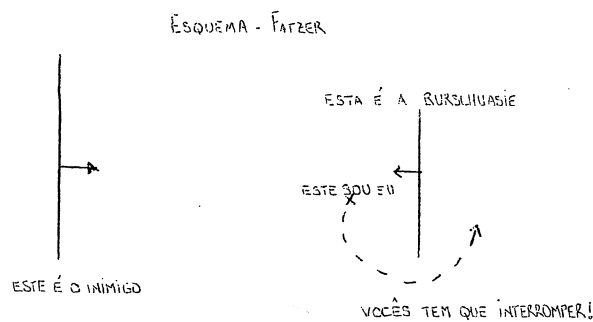
<sup>162</sup> Pela primeira vez, no conjunto de fragmentos, Brecht levanta a possibilidade de apresentar Fatzler como comunista.

<sup>163</sup> Ver B 63.

<sup>164</sup> Se refere a Fatzler do mesmo modo que um comunista se refere a outro comunista.

<sup>165</sup> Remete à reivindicação feita por Lenin no congresso da segunda internacional realizado na Basileia em 1912. Diante da possibilidade de uma guerra imperialista (que de fato se deu em 1914), Lenin propôs não só que o movimento dos trabalhadores fosse contra a guerra, mas também que, se uma guerra estourasse, o movimento dos trabalhadores poderia usar de todos os meios para acabar com ela. Quando a Primeira Guerra Mundial começa em 1914, com a adesão da social-democracia (o que levará à ruptura que dará origem à terceira internacional), Lenin escreve um panfleto em setembro do mesmo ano (A guerra e a social democracia na Rússia). Ali afirma que a guerra é decorrência da economia capitalista na sua fase imperialista, que o movimento dos trabalhadores deve romper com a social democracia, chamada de traidora e oportunista, e que o movimento dos trabalhadores deveria, em clandestinidade, realizar a guerra civil contra suas respectivas burguesias.

<sup>166</sup> De acordo com a GKBFA, o seguinte rascunho foi feito por Brecht em um bloco de notas:



(NA PAREDE DO TANQUE)

E na página seguinte anota:

Realidade

Peça didática

Demonstrar temor

O exercício contra o aprendizado

Aprender como amotinação

Leeb o sargento

Fatzler fica sentado e pensa

Escafeder

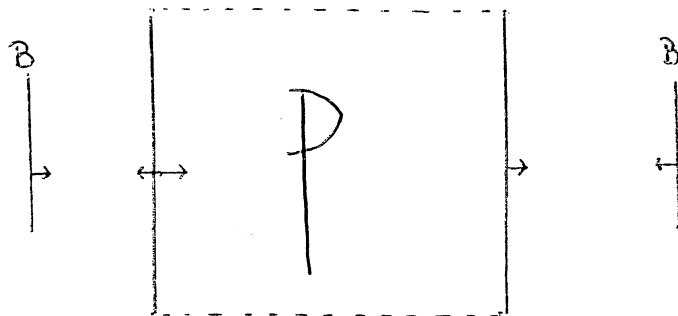
Para o inimigo?	Fatzer
Lar	Koch, Leeb
Indeciso	Büsching
Conclusão:	Lar

<sup>167</sup> Brecht escreve a palavra conforme a fonética alemã, fazendo também um jogo de palavras com a palavra *Bursche*, que significa rapaz.

<sup>168</sup> De acordo com a GKBFA, Brecht anota num papel, colado na margem direita da página, a seguinte passagem, que provavelmente substituiria essas linhas:

E ali dentro um morto  
 Que ainda não estava morto, e diante dele  
 Uma porta, em que estava escrito:  
 Compreensível  
 E três homens, que saíram pela porta  
 Para organizar  
 Grandes assuntos da humanidade.

<sup>169</sup> De acordo com a GKBFA, anexado ao texto está o seguinte desenho:



Pois ambas as

Linhas grandes são  
 Soldados, e obedientes, e  
 Estão juntos, uma logo  
 Ambas acima e abaixo e  
 Escreva um P no meio do quadrado, que  
 Significa o proletariado do mundo

<sup>170</sup> No alemão, *Linie g*. De acordo com a GKBFA, a letra *g* designa *Gegner*, adversário.

---

<sup>171</sup> De acordo com a GKBFA, Elisabeth Hauptmann acrescentou a seguinte anotação sobre o texto: “Passeio do Sr. Keuner Nr.7” (“*Rundgang des Herrn Keuner Nr.7*”).

<sup>172</sup> De acordo com GKBFA, Brecht designa os tanques utilizados na primeira guerra mundial como charangas férreas.

<sup>173</sup> De acordo com a GKBFA, o texto refere-se precisamente ao severo racionamento imposto pelo governo da Alemanha no terceiro ano da guerra.

<sup>174</sup> De acordo com a GKBFA, esta passagem guarda semelhança com o prólogo do Schweik de Brecht de 1943. No prólogo Hitler também pergunta como o ‘pequeno homem’ se comporta em relação a ele.

<sup>175</sup> Esta passagem do texto se refere à forte censura empreendida pelo governo alemão durante a guerra, que perdurou até o verão de 1918, momento em que a imprensa não tinha mais como esconder a derrota alemã. Conferir Loureiro, Isabel. *A revolução alemã*. São Paulo: editora Unesp, 2005.

<sup>176</sup> O texto refere-se ao retorno de Lenin à Rússia em 1917, quando autorizado pelo governo alemão a atravessar a Alemanha num vagão lacrado. Também refere-se à razão pela qual o governo deu essa autorização: a ida de Lenin à Rússia poderia enfraquecer a Rússia na guerra, favorecendo a Alemanha.

<sup>177</sup> No original a palavra se encontra solta.

<sup>178</sup> De acordo com a GKBFA, uma provável sequência do texto foi transmitida num caderno de anotações: “Grite/ quando tiver botado os bofes pra fora / será / como antes!”.

<sup>179</sup> Ver nota 135.

<sup>180</sup> De acordo com a GKBFA, Brecht cita aqui a *Balada* do capítulo 12 romance *The light that failed*, de Rudyard Kipling.

<sup>181</sup> De acordo com a GKBFA, Brecht acrescentou em uma nota uma possível continuação do diálogo: “Quanto tempo? Pouco tempo!”.

<sup>182</sup> De acordo com a GKBFA, provavelmete um esboço de FATZER, VEM (B 86).

<sup>183</sup> De acordo com a GKBFA, a linha dialoga com a passagem bíblica encontrada em João 6,12 : “Reúna os pedaços restantes, para que nada pereça.”

<sup>184</sup> Ver nota 106.

<sup>185</sup> Referência direta ao *Manifesto do Partido Comunista*, de Marx, publicado em 1848. Conferir Marx, Karl. *Manifesto do Partido Comunista*. Bragança Paulista: editora universitária São Francisco, 2003.

<sup>186</sup> A linha dialoga com o fragmento A 31.

<sup>187</sup> A linha dialoga com o fragmento C 20, que tem como título *O soterramento do ensinamento*.



---

<sup>188</sup> Brecht sugere aqui que Keuner adotaria uma ação leninista, ou pretensamente leninista. O modo como Lenin pensava sobre o combate dessas tendências internas ao movimento operário pode ser lido, entre outros textos, no *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*: o oportunismo (oriundo da social democracia reformista que aderiu à política imperialista em 1914); o radicalismo da pequena-burguesia pauperizada (e enfurecida com os horrores do capitalismo); o anarquismo (que ele considerava como “a expiação dos pecados oportunistas do movimento operário”). O livro foi escrito em 1920, período em que se dá a passagem da II Internacional para a III Internacional comunista. Nessa mesma época, Lenin propôs o que ficou conhecido como “As 21 condições”. Ali preconizava que só pertenceriam à Internacional os partidos que seguissem o modelo bolchevique de partido revolucionário de vanguarda (tal como organizado no período), o que funcionaria como forma de combater sobretudo as tendências reformistas no interior do movimento dos trabalhadores. No *Complexo Fatzter*, parece-nos plausível associar a postura oportunista a Büsching (Schweik como que em material mais duro), a radical a Kaumman/Leeb (pequeno burguês enfurecido) e a anarquista a Fatzter.

<sup>189</sup> Ver nota 187.

<sup>190</sup> Ver nota 190.

<sup>191</sup> De acordo com a GKBFA, seria provavelmente o nome de um dos trabalhadores convocados a fazer ‘trabalho de casa’ na casa de Kaumann. Na versão de Heiner Müller, a figura é associada a Büsching.

<sup>192</sup> No alemão *Dullen*. De acordo com a GKBFA, seria uma forma coloquial para aprofundamentos causados por pressão.

<sup>193</sup> De acordo com a GKBFA, a pertença dos fragmentos B 79, B 80, B 81, B 82 e B83 ao *Complexo Fatzter* não é certa.

<sup>194</sup> Pode-se encontrar passagem semelhante na canção do comerciante da cena 6 de *A Exceção e a regra*.

<sup>195</sup> De acordo com a GKBFA, a linha remete à *Asinaria* de Plauto. Ver nota 29.

<sup>196</sup> O texto faz menção ao conceito *Einverständnis* (estar de acordo), central na teoria da peça didática de Brecht.

<sup>197</sup> De acordo com a GKBFA, o governo alemão implementou um racionamento de alimentos básicos desde o segundo ano da guerra (1915). Os alimentos só podiam ser comprados com a apresentação de um vale de autorização oficial (carteira de mantimentos). Primeiro, o racionamento era de farinha ou pão. Em fevereiro de 1916 começou o racionamento de manteiga e em agosto, de carne e outros alimentos. No final de 1916, estavam a disposição 250 gramas de farinha, 200 gramas de carne e 125 gramas de manteiga por semana para cada pessoa.

<sup>198</sup> Provérbio alemão: *Probieren geht über studieren*.

<sup>199</sup> Ver nota 199.

---

<sup>200</sup> De acordo com a GKBFA, o termo (*Sattelkopf*) foi usado pela primeira vez no poema de Brecht *Ballade von der Billigung der Welt* (Balada pela aprovação do mundo). Brecht estaria fazendo uso de termo cunhado por Georg Grosz para designar a burguesia alemã que se auto-proclamava fascista.

<sup>201</sup> Salvo engano, a referência aqui é *O ABC do comunismo* de Bukharin –Cf. Bukharin, Nikolai. *O ABC do comunismo*. São Paulo: Edipro, 2002.

<sup>202</sup> Em todo o comentário, Brecht designa as figuras de forma peculiar: *Der Schreibende* (aquele que escreve), *Der Denkende* (aquele que pensa), *Der Studierende*. As expressões, derivadas dos respectivos verbos, evidenciam que Brecht não se refere a profissionais (*Schriftsteller* (escritor), *Student* (estudante)), mas a alguém que em uma determinada situação realiza aquele tipo de ação.

<sup>203</sup> De acordo com a GKBFA, Brecht anotou abaixo do texto: “A direção moral (decifração incerta) do que é utilizável.”

<sup>204</sup> De acordo com a GKBFA, provavelmente um esboço de C 3.

<sup>205</sup> De acordo com a GKBFA, o texto remete à fórmula latina *cui bono* (quem é o beneficiário?) de Lucius Cassius, muitas vezes usada por Cícero.

<sup>206</sup> De acordo com a GKBFA, a palavra ‘suas’ refere-se ao Comentário Fatzer.

<sup>207</sup> Ver fragmento B 84.

<sup>208</sup> De acordo com a GKBFA, trata-se do discurso de Lenin, em 9 de junho de 1917, no primeiro congresso unificado russo dos deputados dos soviets de trabalhadores e soldados. Também supomos que Brecht queira dizer que, como o discurso de Lenin, a ronda de Fatzer se torna realidade na medida em que se torna acessível à consciência real dos trabalhadores, na medida em que é unida “a excelência, de língua e argumento, ao nível intelectual do operário” em função da luta de classes (Cf. Schwarz, Roberto. “Didatismo e literatura”, *O pai de família e outros escritos*. São Paulo, Paz e Terra, 1992.)

<sup>209</sup> De acordo com a GKBFA, termo latino para instituição de ensino. Cf. *supra* nota 202.

<sup>210</sup> Ver fragmento A 11 e nota 99.

<sup>211</sup> De acordo com a GKBFA, trata-se aqui dos chamados “desvios”, que são as ações contrárias ao interesse do coletivo.

<sup>212</sup> Ver B 15.

<sup>213</sup> Trata-se de *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, de Engels, escrito em 1884.

<sup>214</sup> Em *A origem da família*, Engels cita a família Punalua, um tipo de casamento grupal no Havaí como o segundo momento do processo que leva do comunismo primitivo e do matriarcalismo ao patriarcalismo e à propriedade privada.

<sup>215</sup> De acordo com a GKBFA, o texto é agregado ao *Complexo Fatzer* com uma designação explícita: “FTZ”. O texto aparece, um pouco alterado, na *Peça didática de Baden sobre o acordo (cena 7: leituras dos textos do comentário)*. O texto, ampliado, também aparece nas *Histórias do Sr. Keuner*.

<sup>216</sup> Ver C 27.

<sup>217</sup> De acordo com a GKBFA, os três textos foram escritos numa folha do manuscrito com grandes espaços entre eles. Por conta disso, supõe-se que são autônomos, ligados entre si apenas tematicamente.

<sup>218</sup> De acordo com a GKBFA, o texto não está claro. O “por ele mesmo” só poderia se referir ao que fala o ditado, que já está morto.

<sup>219</sup> Ver nota anterior.

<sup>220</sup> Economia desorganizada determina as ações (capitalismo). Economia organizada (determina as ações).

<sup>221</sup> De acordo com a GKBFA, Brecht deixou anotada uma variação: Para esta passagem foi transmitida uma variante: “Porque o Estado faz os estudantes se deterem no estudo dos documentos? Para lhes dar atitudes que são úteis ao Estado.”

<sup>222</sup> A linha remete a *Para uma crítica da economia política* de Marx: “Em vista disso a humanidade só se impõe tarefas que ela pode solucionar.”

<sup>223</sup> Conceito central das peças didáticas de Brecht.

<sup>224</sup> De acordo com a GKBFA, o texto segue o tom do *Pequeno Catecismo* de Lutero. Esse tom pode ser encontrado nos fragmentos C 3, C 7 e C 32.

<sup>225</sup> Trata-se aqui da diretora de teatro e atriz russa Asja Lacic, que Brecht conheceu em Berlim em 1922. A diretora e atriz bolchevique ficou conhecida pelo seu trabalho de agitprop e de teatro para crianças, trabalhos que certamente influenciaram a teoria e prática da peça didática brechtiana. Asja Lacic também ficou conhecida por sua relação com Walter Benjamin, que escreveu para ela um programa para seu teatro infantil proletário. (Benjamin, Walter. “Programa de um teatro infantil proletário” in *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Duas cidades, 2002.)

<sup>226</sup> De acordo com a GKBFA, o texto também é um esboço para uma das *Histórias do Sr. Keuner*, “Medidas contra a violência”, que também foi publicado nos *Versuche*. Além disso, ver B 37

<sup>227</sup> De acordo com a GKBFA, a pertença desse fragmento ao *Complexo Fatzer* é incerta. A única justificativa para sua inserção é uma nota de Elisabeth Hauptmann dos anos 1960. Ali, Hauptmann afirma que o texto “certamente provém do Comentário Fatzer, no qual aquele que pensa tem um grande papel.”

<sup>229</sup> Ver C 8.

<sup>230</sup> De acordo com a GKBFA, *Pädagogien* é o plural de *Pädagogium*.

<sup>231</sup> Ver C 10.

---

<sup>232</sup> De acordo com a GKFBA, Brecht se refere aqui provavelmente aos chineses.

<sup>233</sup> De acordo com a GKFBA, não existe nenhuma informação no *Complexo Fatzer* que permita a ordenação precisa em capítulos.

<sup>234</sup> Possivelmente está se referindo aqui a Marx, Engels e Lênin, os quais chamava de “os clássicos”. Conferir Mayer, Hans. *Brecht*. Hondarribia: Iru, 1998.

<sup>235</sup> De acordo com a GKBFA, Elisabeth Hauptmann manuscreeveu a seguinte passagem:

“Quem refuta as igualdades, não compreendeu nada”.

<sup>236</sup> De acordo com a GKBFA, o significado desta abreviatura não é claro. Provavelmente para *Erläuterung* (elucidação) ou *Erklärung* (explicação). Ver C 7.

<sup>237</sup> De acordo com a GKBFA, a linha dialoga com o fragmento C 13.

## BIBLIOGRAFIA

### I. OBRAS DE BRECHT

#### A. EM ALEMÃO

*Werke. Große kommentierte Berliner und Franfurter Ausgabe.* Frankfurt am Main:

Suhrkamp Verlag, 1997, 30v.

#### B. EM INGLÊS

*Journals 1934-1955.* New York: Routledge, 1996.

*Letters 1913-1956.* New York: Routledge, 1990.

*On Art and Politics.* London: Methuen, 2003.

*On Film and Radio.* London: Methuen, 2000.

*On theater. The development of an Aesthetic.* New York: Hill and Wang, 1964.

*Poems 1913-1956.* New York: New York. Routledge, 1987.

#### C. EM FRANCÊS

*Écrits sur la politique et la société.* Paris: Lârche, 1971.

*Écrits sur le théâtre.* Paris: Lârche, 1972 (v.1) e 1979 (v.2), 2v.

*Me-ti: livre des retournements, fragment.* Paris: Lârche, 1968.

#### D. EM PORTUGUÊS

*A Compra do Latão.* Lisboa: Vega, 1999.

*O declínio do egoísta Johann Fatzer.* São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

*Diário de trabalho 1920-1922: Anotações Autobiográficas 1920-1954.* Porto Alegre: L&PM, 1995.

*Diário de trabalho 1938-1941.* Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

*Diário de trabalho 1941-1947.* Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

*Estudos sobre teatro.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

*Teatro completo*. São Paulo: Paz e terra, 1995, 12v.

*Teatro dialético*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

*Poemas 1913-1956*. São Paulo: Editora 34, 2000.

## II SOBRE BRECHT

Adorno, Theodor. "Commitment" *Aesthetics and Politics*. London/New York: Verso, 2007.

Althusser, Louis. O 'Piccolo', Bertollazi e Brecht". *In análise crítica da teoria marxista*. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.

Arendt, Hannah. "Bertolt Brecht. 1898-1956" *In Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

Benjamin, Walter. *Tentativas sobre Brecht*. Madrid: Taurus, 1975.

\_\_\_\_\_. "Bert Brecht" *In Documentos de cultura, documentos de barbárie*. São Paulo: Cultrix, 1977.

\_\_\_\_\_. "O que é o teatro épico? Um estudo sobre Brecht" *In Magia, Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. "Experiência e pobreza" *In Magia, Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. "O autor como produtor" *In Magia, Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. "O país onde não se pode nomear o proletariado" *In Praga. Estudos marxistas 5*. São Paulo: Hucitec, 1998.

Barthes, Roland. "Diderot, Brecht, Eisenstein" *In O óbvio e o obtuso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

\_\_\_\_\_. “Por que Brecht?” *In Escritos sobre teatro*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. “Brecht ‘traduzido’ ” *In Escritos sobre teatro*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. “Brecht, Marx e a História” *In Escritos sobre teatro*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. “Sete fotos modelo de *Mãe Coragem*” *In Escritos sobre teatro*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. “Comentário: Prefácio a Brecht, *Mãe Coragem e seus Filhos*” *In Escritos sobre teatro*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. “Brecht e o discurso: contribuição ao estudo da discursividade” *In Escritos sobre teatro*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Bornheim, Gerd. *A Estética do teatro*. Rio de Janeiro, Graal, 1992.

Dort, Bernard. *Lecture de Brecht*. Paris: Seuil, 1960.

\_\_\_\_\_. *O teatro e sua realidade*. São Paulo, Perspectiva, 1977.

Ewen, Frederic. *Brecht: Sua vida, sua arte, seu tempo*. São Paulo: Globo editora, 1991.

Jameson, Fredric. *O método Brecht*. Petrópolis: Vozes, 1999.

Knopf, Jan. *Brecht Handbuch*. Stuttgart: Metzler, 1980.

Kruger, Loren. *Post Imperial Brecht*. Cambridge: Cambridge University Presse, 2004.

Koudela, Ingrid Dormien. *Brecht: Um jogo de aprendizagem*. São Paulo: Perspectiva, 1991

\_\_\_\_\_. *Um vôo brechtiano*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

\_\_\_\_\_. *Brecht na pós-modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

Lehmann, Hans-Thies. *Escritura política no texto teatral*. São Paulo, Perspectiva, 2008.

- Maier-Schaeffer, Francine. "Le Méchant Baal, l'associal et la poetique des genres chez Brecht" *In Revue de Literature Comparée* 310. Paris, 2004.
- Mayer, Hans. *brecht*. Hondarribia: Iru, 1998.
- Mueller, Roswitha. *Bertolt Brecht and the theory of media*. Nebraska: University of Nebraska Press, 1989.
- Pasta Jr., José Antônio Pasta. *Trabalho de Brecht*. São Paulo: Ática, 1986.
- Peixoto, Fernando. *Brecht: Vida e Obra*. São Paulo: Paz e Terra, 1974.
- Posada, Francisco. *Lukács, Brecht e a situação atual do realismo socialista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- Rosenfeld, Anatol. *O teatro alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1968.
- \_\_\_\_\_. *O teatro épico*. São Paulo: São Paulo editora, 1965.
- \_\_\_\_\_. *O teatro moderno*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- Sarrazac, Jean Pierre. *La parabole ou l'enfance du théâtre*. Paris: Circe, 2002.
- Schwarz, Roberto. "Altos e Baixos sobre a atualidade de Brecht". *In Sequências brasileiras*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- Steinweg, Reiner. *Das Lehrstück*. Stuttgart: Metzler, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Brechts Modell der Lehrstücke. Zeugnisse, Diskussionen, Erfahrungen*. Frankfurt am Main, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Assoziales Theater*. Köln: Prometh Verlag, 1983.
- Willet, John. *The theater of Bertolt Brecht*. London: Methuen, 1989.
- Wilke, Judith. *Brechts Fatzer Fragment. Lektüren zum Verhältnis vo Dokument und Kommentar*. Bielefeld: Aesthesis Verlag, 1998.



### III Bibliografia geral.

- Adorno, Theodor. *Notas sobre literatura*. Madrid: Akal, 2003.
- Aristóteles. "Poética" *Aristóteles-Os Pensadores*. São Paulo: editora abril, 1973.
- Agambem, Giorgio. *Estado de exceção*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Homo Sacer*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- Anders, Gunther. *Kafka: pró e contra*. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.
- Arantes, Paulo Eduardo. *Extinção*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- \_\_\_\_\_. *O ressentimento da dialética*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Hegel e a ordem do tempo*. São Paulo: Hucitec, 2000.
- Arendt, Hannah. *As Origens do totalitarismo*. São Paulo: Cia das letras, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Sobre a Revolução*. Lisboa: Relógio D'água, 1971.
- Beckett, Samuel. *Esperando Godot*. São Paulo : Cosac & Naify, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Fim de partida*. São Paulo : Cosac & Naify, 2002.
- Benjamin, Walter. *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1996 3v.
- \_\_\_\_\_. *Selected Writings*. Cambridge: Harvard University Press, 2002.
- \_\_\_\_\_. "Programa de um teatro infantil proletário" in *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Duas cidades, 2002.
- Bentley, Eric. *O teatro engajado*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- \_\_\_\_\_. *O dramaturgo como pensador*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1991.
- Broué, Pierre. *História da internacional comunista*. São Paulo: Sundermann, 2007 2v.
- \_\_\_\_\_. *The German Revolution 1917-1923*. Chicago: Haymarket books, 2004.
- Bürger, Peter. *Teoria da vanguarda*. São Paulo, Cosac & Naify, 2008.
- Costa, Iná Camargo. *Sinta o drama*. Petrópolis: Vozes, 1998.

- \_\_\_\_\_. *A hora do teatro épico no Brasil*. São Paulo: Graal, 1996.
- \_\_\_\_\_. "Brecht no cativeiro das forças produtivas" *In Um crítico na periferia do capitalismo: reflexões sobre obra de Roberto Schwarz* São Paulo: Cia das letras, 2007.
- Diderot, Denis. *Discurso sobre a poesia dramática*. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.
- Dymetman, Annie. *Uma arquitetura da indiferença*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- Elias, Norbert. *Os alemães*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- Engels, Friedrich. *A Origem da família, da propriedade privada e do estado*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1979.
- Fogwill, Rodolfo Enrique. *Os Pichicegos*. Rio de Janeiro : Casa da palavra, 2007.
- Gay, Peter. *Weimar Culture- the outsider as insider*. New York, Norton, 2001.
- Goethe, Johann Wolfgang von. *Fausto zero*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Fausto primeira parte*. São Paulo: editora 34, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Fausto segunda parte*. São Paulo: editora 34, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Companheiros de viagem*. São Paulo : Nova Alexandria, 1993.
- Hasek, Jaroslav. *The good soldier: Schweyk*. New York: Amereon, 1963.
- Hegel, Georg Wilhelm Friedrich. *Cursos de Estética*. São Paulo: Edusp, 2001 4v.
- Hobsbawn, Eric. *Era dos extremos*. São Paulo: Cia das letras, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Os revolucionários*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Bandidos*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- Homero. *Odisséia*. São Paulo: Edusp, 2000.
- Horkheimer, Max. "Egoism and Freedom Movements" *In Between Philosophy and Social Science*. London: The MIT Press, 1993.
- Jesi, Furio. *Spartakus*. Torino: Bollati Boringhieri, 2000.

- \_\_\_\_\_. *Bertolt Brecht*. Firenze: La nuova Italia, 1974.
- Korsch, Karl. *Marxismo e filosofia*. Rio de Janeiro: editora UFRG, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Karl Korsch: revolutionary theory*. Austin: University of Texas press, 1977.
- Lenin, Vladimir Ilitch. *O estado e a revolução*. São Paulo, Hucitec, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*. São Paulo: Símbolo, 1978.
- Loureiro, Isabel. *A revolução alemã*. São Paulo: editora Unesp, 2005.
- Lukács, Georg. *Introdução a uma estética marxista*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.
- \_\_\_\_\_. *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.
- \_\_\_\_\_. *Marxismo e teoria da literatura*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.
- Maier-Schaeffer, Francine. *Heiner Müller et le Lehrstück*. Berne: Peter Lang, 1992.
- Marx, Karl. *O capital*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, 5v.
- \_\_\_\_\_. *Manifesto do Partido Comunista*. Bragança Paulista: editora universitária São Francisco, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo editorial, 2007.
- \_\_\_\_\_. "O 18 brumário de Luís Bonaparte" In *Marx- Os Pensadores*. São Paulo: Editora Abril, 1978.
- Mayer, Hans. *Os marginalizados*. Rio de Janeiro: editora Guanabara, 1989.
- Mazzari, Marcus Vinicius. " 'Água mole em pedra dura': sobre um motivo taoísta na lírica de Brecht". In *O poema: leitores e leituras*. Cotia: Ateliê editorial, 2003.
- Müller, Heiner. *Guerra sem batalha*. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.
- \_\_\_\_\_. "Fatzer + Keuner" In *Heiner Müller o espanto no teatro*. São Paulo, Perspectiva, 2003.

- \_\_\_\_\_. *Fautes d'impression*. Paris: L'Arche, 1991.
- Piscator, Erwin. *Teatro político*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.
- Romilly, Jaqueline de. *A tragédia grega*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- Rosenfeld, Anatol. *Texto/Contexto*. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- \_\_\_\_\_. *Texto/Contexto II*. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- Sarrazac, Jean Pierre. *O futuro do drama*. Porto: Campo das letras, 2002.
- Schnaidermann, Boris. *A poética de Maiakovski*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- Sófocles. 'Antígone' in *Trilogia tebana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- Storch, Wolfgang. "O teatro político da república de Weimar." In *O teatro e a cidade*. São Paulo: SMC, 2004.
- Szondi, Peter. *Teoria do drama moderno*. São Paulo, Cosac & Naify, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Ensaio sobre o trágico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- Sloterdijk, Peter. *Crítica da razão cínica*. Madrid: Taurus, 1983 2v.
- Trotsky, Leon. *A revolução de outubro*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Revolução e contra-revolução*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1968.
- \_\_\_\_\_. *Literatura e revolução*. Rio de Janeiro: Zahar editor, 1969.
- Willet, John. *The theater of Erwin Piscator*. New York: Holmes e Meier, 1979.
- Williams, Raymond. *Tragédia Moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- Vernant, Jean-Pierre. *Mito e tragédia na Grécia antiga*. São Paulo: Perspectiva, 1999.